

**Narrativa jornalística e diversidade sociocultural**  
A tessitura das reportagens da revista *Brasileiros*

Criselli Montipó

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Criselli Montipó

**NARRATIVA JORNALÍSTICA E DIVERSIDADE  
SOCIOCULTURAL**  
A TESSITURA DAS REPORTAGENS DA REVISTA  
*BRASILEIROS*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Área de Concentração: Jornalismo

Florianópolis  
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Montipó, Criselli

Narrativa jornalística e diversidade sociocultural  
[dissertação] : a tessitura das reportagens da revista  
Brasileiros / Criselli Montipó ; orientador, Jorge Kanehide  
Ijuim - Florianópolis, SC, 2012.  
189 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

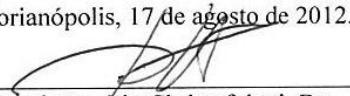
1. Jornalismo. 2. Narrativa jornalística. 3. Reportagem.  
4. Diversidade sociocultural. 5. Revista Brasileiros. I.  
Ijuim, Jorge Kanehide. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III.  
Título.

Criselli Montipó


**NARRATIVA JORNALÍSTICA E DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL**  
**A TESSITURA DAS REPORTAGENS DA REVISTA *BRASILEIROS***

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do “Título de Mestre em Jornalismo”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.


Florianópolis, 17 de agosto de 2012.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Rogério Christofolletti, Dr.  
Coordenador do Curso

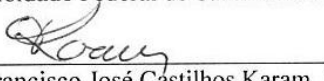
**Banca Examinadora:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Jorge Kanehide Jardim, Dr.  
Orientador

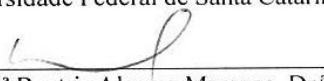
Universidade Federal de Santa Catarina

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Daisi Ingrid Vogel, Dr.ª  
Examinadora

Universidade Federal de Santa Catarina

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Francisco José Castilhos Karam, Dr.  
Examinador

Universidade Federal de Santa Catarina

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Beatriz Alcaraz Marocco, Dr.ª  
Examinadora

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos



Ao meu noivo, Claudio Henrique Fujita  
por todo o amor, o carinho e a  
compreensão nesta jornada. Pelos dias  
em que se sentou ao meu lado entre as  
árvores, no gramado dos parques,  
enquanto eu lia. Pelas noites em que  
diminuiu seu tempo de sono para me  
dar segurança nos caminhos da casa, do  
trabalho e da UFSC. E por tudo mais  
que não caberia aqui.

Aos meus pais, Maria Ilda e Ivaldir  
Montipó por terem gerado a minha vida  
e por sempre acreditarem em mim. Por  
todo o incentivo e esforço para que eu  
pudesse seguir a jornada que escolhi,  
sempre guiada pelo carinho e pelo  
amor.

Aos meus irmãos, Junior e Ana Laís  
Montipó por nossa ligação de afeto e  
respeito. Por serem um pouco do que  
sou e, ao mesmo tempo, mostrarem  
quanta beleza mora na diferença.



## AGRADECIMENTOS

Há tanto o que agradecer.

Agradeço a Deus pelo amor incondicional e pelas oportunidades que colocou diante de mim. Agradeço por eu ter nascido num cantinho do Brasil onde, desde cedo, ouvi pela voz de meus avós, histórias fantásticas da força e da simplicidade humana, da natureza e do universo. Onde tomei gosto pelo rural e pelo urbano. Onde conheci a pobreza e o poder. Onde brotei como semente híbrida de tantos povos do mundo, pois sou um misto de branca, indígena, negra, latino-americana e europeia com o coração na Ásia. E assim, assumi o anseio de exercer a alteridade e combater o preconceito, primeiramente dentro de mim mesma.

Agradeço pelas pessoas que Deus colocou nas minhas trilhas. Familiares, amigos, professores, colegas de trabalho. Pessoas semelhantes em sua natureza humana, mas com marcas tão especiais em suas singularidades.

Em nome dos familiares agradeço à Maria Aparecida Machado dos Santos, a Cida, que me ensinou o significado das palavras força e determinação. Em nome dos amigos, agradeço à Suzana Rozendo que abriu as portas de sua vida para minha presença; à Elaine Vivian Stavasz, pelo doce companheirismo; e à Viviany Estevo da Silva, pelo encorajamento, pelas palavras e pelos abraços.



Aos professores, agradeço ao querido Jorge Kanehide Ijuim que, não à toa, para mim é sinônimo de orientador, na grandeza de tudo o que essa função significa. Ao admirável Mauro César da Silveira, por dar espaço para minha aprendizagem, diante de sua linda tarefa de ensinar. E às amáveis Angela Farah e Kelen Junges, por iluminarem, a partir de seus exemplos, meu desejo pela docência.

Agradeço, ainda, toda a equipe do PosJor da UFSC, pelo esforço em tornarem este programa de mestrado um ambiente propício para o debate de ideias e de aprimoramento do Jornalismo. Agradeço também a Capes, pela bolsa que recebi no terceiro semestre do curso, o que reafirmou meu compromisso como pesquisadora e cidadã brasileira.

*"Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro - embora ache que esta seria uma história e tanto. O que este olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir esta verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal".*

*Eliane Brum*



## RESUMO

Como o jornalismo contemporâneo tem relatado a vivência humana imbricada em sua diversidade sociocultural? A partir deste questionamento, esta pesquisa teve como objetivo investigar as narrativas com foco no personagem e sua dimensão sociocultural, praticadas na revista *Brasileiros*. Em especial, o propósito foi averiguar como a diversidade sociocultural brasileira é tratada nas reportagens e examinar como este modo de fazer jornalístico atribui sentidos à narrativa, como também verificar se a produção deste relato colabora com o ideal do jornalismo de ser plural e democrático. Para alcançar tais preocupações foi analisada uma amostra de reportagens impressas entre 2007 e 2011. Os procedimentos metodológicos adotados contam com recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. A partir do estudo de caso foi possível inferir que a revista tem forte engajamento político e um entendimento sobre um perfil ideal de cidadão brasileiro, que busca compartilhar com seus leitores.

**Palavras-chave:** Fundamentos do jornalismo. Narrativa jornalística. Reportagem. Diversidade sociocultural. Revista *Brasileiros*.



## ABSTRACT

How do the contemporary journalism have related the human life imbricated in its sociocultural diversity? From this question, this study aimed to investigate the narratives focusing on the character and its sociocultural dimension, practiced in the *Brasileiros's* magazine. In special, the purpose was to examine how the brazilian sociocultural diversity is addressed in the reports and examine how this way of doing journalism assigns meanings to narrative, also verify that the production of this report contributes to the ideal of journalism to be pluralistic and democratic. To meet these concerns was analyzed a sample of reports printed between 2007 and 2011. The methodological procedures have resources Pragmatic Analysis of Narrative Journalism. From the case study I could infer that the magazine has a strong political commitment and an understanding of an ideal profile of a brazilian citizen, who seeks to share with your readers.

**Keywords:** Fundamentals of journalism. Journalistic narrative. Report. Sociocultural diversity. *Brasileiros's* magazine.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Referência à faixa etária.....	75
Tabela 2 - Referência ao gênero.....	75
Tabela 3 - Referência às regiões brasileiras.....	76





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	19
1. UM PANORAMA DO OBJETO DE ESTUDO .....	25
1.1 Proposta editorial.....	25
1.2 Equipe: quem são os narradores .....	34
1.3 Procedimentos metodológicos .....	39
2. ANCORAGENS TEÓRICAS SOBRE JORNALISMO DEMOCRÁTICO E DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL .....	47
2.1 O papel social do jornalismo .....	47
2.2 O desafio de relatar o presente.....	50
2.3 A reportagem como socializadora de sentidos .....	57
2.4 Diversidade sociocultural e circulação de informações...60	
2.5 Ver o outro por meio do discurso jornalístico .....	65
3. NARRATIVAS DA DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL BRASILEIRA .....	73
3.1 Capas e reportagens de <i>Brasileiros</i> : mensagens incongruentes .....	73
3.2 A diversidade sociocultural brasileira na tessitura das reportagens .....	78
3.3 As múltiplas faces heroicas: brasileiros célebres e anônimos .....	80
3.4 O Brasil de ontem e de hoje.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
REFERÊNCIAS.....	181

## INTRODUÇÃO

Graças à sua capacidade de produzir sentidos, o ser humano constrói seu presente projetando-se continuamente em relação ao passado ou ao futuro. A narrativa articula tal relação e permite que as pessoas se movam nesse espaço temporal. De acordo com Ricoeur (1994), a compulsão para contar ou ouvir histórias provém da necessidade humana de organizar a experiência e torná-la pública. Motta (2010) lembra que é a partir da narrativa que compreendemos a maioria das coisas do mundo. O jornalismo, por sua vez, constrói cotidianamente um tipo de narração: a narrativa jornalística, que se nutre da vida, da essência das pessoas para construir, mesmo que em mosaico, uma leitura sobre a existência humana.

O relato jornalístico assume, dessa forma, o papel de mediador da vivência humana. Para Martín-Barbeiro (1997), a mediação integra a cultura e a comunicação na processualidade do cotidiano. É a cultura vivida em sua dinamicidade comunicativa. Diante disso, esta pesquisa teve duas questões norteadoras: Como o jornalismo contemporâneo tem relatado a vivência humana imbricada em sua diversidade sociocultural? Os veículos de comunicação, principalmente as revistas, estão atentas à necessidade de mostrar sua gente em suas reportagens?

Deste modo, elegi como objeto de estudo a tessitura da narrativa da revista *Brasileiros* e sua dimensão sociocultural. A publicação mensal está em circulação no mercado editorial brasileiro desde julho de 2007. Em sua primeira edição, a revista *Brasileiros* trazia sua proposta estampada no editorial assinado pelo diretor de redação Hélio Campos Mello: “*Brasileiros, revista mensal de reportagens, tem como foco o Brasil, seus grandes temas, seus grandes desafios e, principalmente, seus habitantes e suas histórias*”.

O propósito foi investigar se as narrativas praticadas na revista priorizam o relato dos personagens com enfoque para a diversidade sociocultural brasileira. Em especial, busquei examinar como este modo de fazer jornalístico atribui sentidos à narrativa,

além de verificar se a produção deste relato colabora com o ideal do jornalismo de ser plural e democrático. Para alcançar tais preocupações foi analisada uma amostra de reportagens impressas entre 2007 e 2011, a partir de um estudo de caso. Os procedimentos metodológicos adotados contam com recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, proposta por Motta (2010), com atenção às estratégias comunicativas, à construção de personagens, ao foco narrativo e às metanarrativas.

Para o autor, o estudo da narrativa, ou a narratologia, procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados por meio da compreensão e expressão narrativa da realidade, inclusive pela mídia.

Optei por analisar o jornalismo de revista porque este, por questões técnicas e estéticas, tem condições de dar mais espaço ao relato da vida humana e sua complexidade. Scalzo (2003) salienta que a palavra escrita continua sendo o meio mais eficaz de transmitir informações complexas. Mesmo em tempos de convergência, em que os meios de comunicação digitais inovam e ocupam novos espaços a cada dia, o público ainda procura os veículos impressos para saber o que acontece além de suas janelas.

Em março de 2012, o Instituto Verificador de Circulação (IVC), órgão responsável pela auditoria de jornais e revistas, divulgou um aumento nos números de circulação de revistas em 2011<sup>1</sup>. O IVC apontou variação de 0,3% sobre o ano anterior. De acordo com o estudo, a leve alta teve como destaque as publicações mensais, conjunto que cresceu 1,4% na circulação média. Ainda de acordo com o IVC, a periodicidade mensal é a que reúne maior número de publicações, com 164 títulos. O balanço também indica o surgimento de novas revistas e a descontinuidade de outras já existentes. A pesquisa do IVC salienta os investimentos realizados nas edições digitais, o que aponta para um crescimento de circulação no ano de 2012. A permanência da revista *Brasileiros*, ao completar cinco anos de circulação, segue

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em:

<<http://www.ivcbrasil.org.br/artigoBlog.asp?Artigo=206>>. Acesso: 19 mar. 2012.

esse crescimento e demonstra que o público continua a valorizar as publicações impressas.

Neste cenário, tal estudo se justifica pela necessidade de investigar se, conforme definiu a proposta editorial da revista *Brasileiros* desde sua primeira edição, este veículo de comunicação pratica um jornalismo pluralista, atento à diversidade sociocultural, que respeite as diferenças econômicas, culturais, políticas e sociais. Medina (2003) já ressaltou que enunciar um texto que espelhe o dramático presente no cotidiano é, a princípio, “um exercício doloroso de inserção no tempo da cidadania e da construção de oportunidades democráticas” (2003, p. 48). Como destacam Kovach e Rosenstiel (2004), a primeira lealdade dos jornalistas é com os cidadãos.

Este estudo investigou o papel do jornalismo na contemporaneidade diante da diversidade sociocultural, num momento em que a mídia prioriza a instantaneidade e a superficialidade, características que diminuem o espaço da reportagem que visa contextualizar a realidade e, dessa maneira, dar conta de ampliar sua dimensão verossímil. Nesta modalidade de mídia, o ser humano – fonte de informação – passa a ser tratado de forma apressada e, em alguns casos, estereotipada.

Na maioria das vezes, os relatos jornalísticos se pautam sobre pessoas famosas ou poderosas, aqui entendidas como conhecidas popularmente ou de alto poder aquisitivo. Ou, em alguns casos, pessoas pertencentes a grupos excluídos econômica ou etnicamente são mostradas a partir do preconceito, da barbárie, do crime. O discurso jornalístico se constrói, predominantemente, sobre um grupo social que pressupõe relações de poder, faz um recorte social. Por isso, esta pesquisa se preocupa com a dimensão sociocultural desta diversidade, que inclui não apenas diferentes grupos étnicos, mas também, as diversas classes sociais. Ou seja, para este estudo é importante a investigação sobre um jornalismo que dirija seu olhar para diferentes classes sociais e grupos culturais, aqui entendida como diversidade sociocultural.

Chaparro (2007) lembra que a sociedade necessita de um jornalismo vibrante e inovador, capaz de desvendar problemas e apontar soluções. Um país como o Brasil, com um povo

especialmente diversificado, deveria encontrar em um jornalismo democrático – atento à diversidade de ideias, valores e culturas – espaço para particularidades e semelhanças de sua gente.

O Brasil é considerado um país símbolo da diversidade sociocultural. Sua vasta extensão territorial acolhe mais de 190 milhões de pessoas de acordo com o Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>2</sup>. Segundo os dados do instituto, há, no país, uma relação de 96 homens para cada cem mulheres, além disso, o último censo apontou que diminuiu a proporção de jovens e aumentou a de idosos na população. As características étnico-raciais também apontam a diversidade, pois o Brasil é composto por brancos, negros, pardos, amarelos e indígenas, das mais diversas classes sociais e posicionamentos religiosos e políticos. Embora o censo de 2010 demonstre que a população urbana subiu para 84,35%, o país possui muitos municípios essencialmente rurais. Ou seja, são mais de 190 milhões de brasileiros, com os mais variados gostos, posicionamentos e estilos, que nem sempre encontram espaço no relato jornalístico.

Para construir esse jornalismo democrático, como acredita Chaparro (2004), é preciso pôr os pés no chão, andar quilômetros e desvendar a vida que sofre – ou que vence – num mundo não noticiado. A exclusão interessa muito no trabalho dos jornalistas, pois lhes compete grande responsabilidade social. Logo, é preciso uma nova leitura sobre as pessoas, transcendendo espaços e culturas.

Vale ressaltar que a narrativa esclarece o contexto sociocultural dos sujeitos. Bhabha (2003) resalta que é na emergência de interstícios – a sobreposição e o deslocamento de

---

<sup>2</sup> Dados do Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1866&id\\_pagina=1&titulo=Primeiros-resultados-definitivos-do-Censo-2010:-populacao-do-Brasil-e-de-190.755.799-pessoas](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1&titulo=Primeiros-resultados-definitivos-do-Censo-2010:-populacao-do-Brasil-e-de-190.755.799-pessoas)>. Acesso em: 4 maio 2012.

domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas dos povos, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. Hall (2009) enfatiza que é a narrativa a responsável pelo compartilhamento de ideias, valores e crenças da comunidade. No caso do Brasil, tais relatos estão em toda parte, pois, como mencionou DaMatta (2001), o Brasil está em toda parte.

Desta forma, o Capítulo 1 traz um panorama sobre o objeto empírico de estudo. Apresento a proposta editorial da revista *Brasileiros* e a equipe de redação, além de evidenciar os procedimentos metodológicos adotados. Para averiguar a tessitura das reportagens e sua relação com a diversidade sociocultural, optei por construir um estudo de caso que, de acordo com Yin (2001), é adequado quando se busca compreender fenômenos sociais complexos. Neste capítulo também demonstrei os recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, segundo Motta (2010), que foram utilizados nesta pesquisa.

As ancoragens teóricas sobre o jornalismo e sua função democrática são expostas no Capítulo 2, em que trago à discussão o papel social do jornalismo, com autores como Kovach e Rosenstiel (2004), Traquina (2004), Fontcuberta e Borrat (2006), Sousa (2008), Beltrão (2006) e Medina (2001, 2003, 2006 e 2008). Também abordo o desafio jornalístico de ocupar-se do presente, com proposições de Gomis (1991) e Berger e Luckman (2001). Trato, ainda, da reportagem e de responsabilidades diante de um mundo socialmente diversificado. Este capítulo também esclarece as abordagens sobre diversidade sociocultural adotadas nesta pesquisa, de acordo com García Canclini (2000 e 2009), Martín-Barbero (1997 e 2005), Hall (2009) e Bhabha (2003).

O terceiro capítulo concentra a análise sobre as narrativas da diversidade sociocultural brasileira. Demonstro que as capas e as reportagens da revista *Brasileiros* trazem mensagens incongruentes. Também evidencio que a revista apresenta as múltiplas faces heroicas de brasileiros célebres e anônimos. Dos relatos emergem, ainda, memórias de um Brasil sertanejo, o gosto dos brasileiros por cachaça e futebol, bem como a diversidade étnica e religiosa, e algumas mudanças na vida dos brasileiros.





## 1. UM PANORAMA DO OBJETO DE ESTUDO

### 1.1 Proposta editorial

Esta pesquisa tem como objeto empírico as reportagens da revista *Brasileiros*, publicação da Brasileiros Editora Ltda, em circulação desde julho de 2007. A editora, com sede em São Paulo (SP), tem como diretor responsável o jornalista e fotógrafo Hélio Campos Mello. Desde sua primeira edição, a revista evidenciou que seu foco seria o Brasil e seus habitantes. O *slogan* da edição 1 era: “*Brasileiros*, a revista mensal de reportagens”. Ao longo das edições, o *slogan* foi ampliado para: “*Brasileiros*, a revista mensal de reportagens, tendências, personagens, cultura, política e economia”, que permanece atualmente.

Já na edição de número 1 a revista trazia sua proposta estampada no editorial assinado por Hélio Campos Mello, que é também, diretor de redação:

*Brasileiros* revista mensal de reportagens, tem como foco o Brasil, seus grandes temas, seus grandes desafios e, principalmente, seus habitantes e suas histórias. Este é seu primeiro número e o início de um trabalho em que a saga dos personagens deste país plural será o alvo de nossos repórteres.

Qualquer morador do Brasil, qualquer brasileiro fora do País, qualquer um que tenha uma boa história para contar nos interessa. Célebre ou anônimo, bonito ou feio, rico ou pobre, alegre ou triste, morador dos Jardins, de Ipanema ou dos grotões, conservador ou revolucionário. Nós iremos atrás de cada um deles para trazer o Brasil até você.

Como o País, *Brasileiros* é uma revista plural. Não é chapa branca - não está aqui para bajular este ou aquele governo -, nem é chapa preta - não tem como missão promover o apocalipse a qualquer custo e a

qualquer prêmio. *Brasileiros* não terá pruridos nem para elogiar, nem para criticar. Como no nascimento de um filho, esta primeira edição nos enche de orgulho e de emoção. E, como se deseja para um filho, queremos que *Brasileiros* seja vencedora, assim como queremos que o Brasil seja vencedor. É essa emoção e esse orgulho que temos o prazer de compartilhar com você, nosso leitor de primeira hora e personagem mais importante desta saudável empreitada. *Brasileiros*, uma revista que faz questão de ser influente, acredita na busca da eficiência e, principalmente, na possibilidade de ser competitivo sem ser predador. Também crê ser possível recuperar e lutar por valores como ética e justiça social, conceitos que foram banalizados e perderam significado. Vamos fazer jornalismo sem preconceitos, sem arrogância, sem perder o humor e sem constrangimento em demonstrar paixão. E faremos isso com muito entusiasmo, mas sem pieguice e sem ufanismo. (*Brasileiros*, Editorial, 1, julho de 2007, p. 7)

O nascimento da revista se mistura com um momento de mudanças na vida de seu idealizador, Hélio Campos Mello, como já destacou Mazini (2010)<sup>3</sup>. Afinal, a revista foi criada por Mello logo após sua saída da revista *IstoÉ* (no início de 2006), onde atuou como diretor da publicação por doze anos. Mello decidiu formar uma equipe com jornalistas que compartilhavam com ele o desejo de empreender algo novo, uma publicação, nas suas palavras, menos “ranhenta” diante do Brasil, e que pudesse olhar as coisas boas do país sem ignorar as coisas ruins. Para ele, cidadania se faz tentando mudar o que não está bom. Por isso, a nova publicação também visava atender sua postura ideológica sobre a prática jornalística<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Em sua dissertação de mestrado *A estética autoral da narrativa jornalística contemporânea: Histórias de Brasileiros*, defendida em 2010 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>4</sup> Informações concedidas em entrevista à autora em 7 de março de 2012.

Foi então que se juntaram a ele Ricardo Kotscho e Nirlando Beirão, amigos com quem havia trabalhado junto em outros momentos de sua carreira. Eles ocupam as funções de repórter especial e diretor-adjunto, respectivamente. Mas todos produzem reportagens para a revista. Inclusive, a equipe tenta priorizar a reportagem, já que todos concordam que bom jornalismo depende de gastar as solas dos sapatos. Segundo Mello: “o repórter tem de sair da mesa de trabalho, largar seu telefone e seu e-mail, viver o momento do personagem, vivenciar o entorno, isso tem diferenças abissais”<sup>5</sup>. Desde a concepção do projeto editorial, a equipe pretendia criar uma publicação que desse mais espaço para contar histórias e publicar fotos, grandes paixões do idealizador.

Além disso, Mello ressalta que na época em que a revista foi concebida, havia muito ruído em relação ao país estar crescendo, embora os números mostrassem essa evolução. De acordo com o diretor, em 2006 se dizia que o que o Lula fazia era ruim e o que o FHC fez era bom. Tal posicionamento foi evidenciado no editorial da edição número 27, de outubro de 2009:

*"Everybody loves Brazil"*

Não é por acaso que esta revista se chama *Brasileiros*. Escolhemos esse nome, em fevereiro de 2007, porque defendíamos - e defendemos - o direito de olhar para o País com mais carinho. Defendemos o direito de torcer a favor dele, e não contra ele. Defendemos a dispensa da obrigação elitista de sermos "inteligentemente" irônicos, autodepreciativos e carregados de soberba ao criticar o País. Podem nos dispensar dessa obrigação. Trocamos tudo isso por torcer e, principalmente, por trabalhar para que o Brasil cresça sob todos os aspectos. Os econômicos, os sociais e os éticos. Defendemos que o Brasil precisa gostar mais do Brasil. E isso, é óbvio, não significa ignorar o que há de errado nele. E a realidade do dia a dia nos mostra que muito há de errado. Muito há por fazer. Muito há

---

<sup>5</sup> *Ibidem*.

por melhorar. Mas isso não significa que não se possa comemorar o que há de bom. O que foi feito e o que está em andamento. Nós não nos furtamos da crítica. É da nossa essência. É da nossa função. Mas fugimos da prática do linchamento oportunista, calhorda e metido a besta. Assim como fugimos da pieguice. Ou pelo menos do excesso dela.

Desde nossa primeira edição, em julho de 2007, defendemos o direito de demonstrar paixão e emoção no que fazemos e na maneira como olhamos para o Brasil. E, como já estava registrado no nosso número 1, isso passa bem longe de qualquer tipo de ufanismo.

Por tudo isso, trazer as Olimpíadas para o Rio nos encheu de emoção. A vitória conseguida na Dinamarca provocou alegria e entusiasmo. O discurso do presidente da República foi de encher os olhos. Tanto a redação quanto sua interpretação. Pura emoção. Os vídeos feitos por Fernando Meirelles e seus parceiros foram de absoluta e notória competência. Todo o trabalho foi de emocionar.

Agora, a hora, mais do que nunca, é de mãos à obra. Há muito que planejar, muito que trabalhar. A nossa imagem lá fora nunca foi tão positiva. Precisamos melhorá-la aqui dentro e, para isso, é preciso, de um lado, trabalho e, de outro, boa vontade. O Brasil precisa gostar mais do Brasil.

Entre as várias entrevistas que foram feitas nos momentos em que antecederam o anúncio da escolha do Rio como sede das Olimpíadas de 2016, uma chamou a atenção. Um jornalista de língua inglesa, perguntado pela repórter brasileira sobre qual seria a cidade escolhida, respondeu de imediato: Rio de Janeiro. Por quê? *Well everybody loves Brazil!* (*Brasileiros*, Editorial, 27, outubro de 2009, p. 9)

Entretanto, a equipe afirma buscar um equilíbrio em termos políticos e ideológicos. Acreditam que em alguns momentos é necessário deixar clara a posição. Além disso, a publicação tem uma visão otimista diante do Brasil e seus brasileiros. Inclusive o nome da publicação tornou os habitantes do país uma marca. Mello conta que em janeiro de 2006, foi à Bahia com Patrícia Rousseaux – sua esposa e mãe de um dos seus filhos – quando, de frente para o mar, decidiram o nome da revista e da editora. Atualmente, Patrícia é também sua sócia e diretora de Planejamento no empreendimento.

No editorial *Bons conselhos*, da edição 42, de janeiro 2011, Mello publicou a foto da praia onde o projeto da revista foi concebido. “*Sentados na areia, em frente aos coqueiros da foto acima, na Ilha de Comandatuba, no Una, na Bahia. Com o vento na cara, de frente para a África, para Angola, Congo e África do Sul, veio o nome Brasileiros (...)*”.

Delineava-se, a partir dessa escolha, o respeito às diferenças dos seres humanos – a alteridade defendida pela equipe, que pretende abordar a diversidade de raça, de posicionamentos ideológicos, opções religiosas e sexuais, pois reconhecem que há as culturas mais diversas no Brasil. De acordo com Mello, “cada lugar do Brasil é um lugar interessante e tem uma história para contar”<sup>6</sup>. Dessa maneira, a revista busca privilegiar os locais e os personagens brasileiros.

O repórter Marcelo Pinheiro, jornalista que passou a fazer parte da equipe permanente da redação da revista na edição 33, de abril de 2010, considera que ao dar voz aos personagens pretende-se valorizar o passado, pensando no futuro<sup>7</sup>. Já Nirlando Beirão conta que foi atraído justamente por este conceito da revista – ver o que é esse país a partir de seus personagens. “Mostrar que é muito mais amplo, que há pessoas que comem, amam, dormem diferente de você, mas que tem de ser respeitadas”<sup>8</sup>.

A proposta editorial demonstra atenção à diversidade. Ricardo Kotscho conta que o tema central é responder à pergunta

---

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> Informações concedidas em entrevista à autora em 7 de março de 2012.

<sup>8</sup> Informações concedidas em entrevista à autora em 8 de março de 2012.

“o que está mudando na vida?”<sup>9</sup>. Para encontrar respostas para esta questão, o grupo busca entrevistar pessoas que constroem o Brasil e, muitas vezes, dá espaço aos anônimos, personagens preferidos de Kotscho. O repórter explica que o Brasil sertanejo e brasileiros felizes são temas recorrentes, pois a equipe compartilha do intuito de propor pautas fora do *mainstream*, assuntos que, em geral, não são acompanhados pela imprensa brasileira<sup>10</sup>.

Brasileiros famosos – ou célebres – como a equipe costuma chamar, também são pautas mas, para isso, têm de apresentar alguns requisitos, como serem humildes, simples ou “gente que não se acha”, como explícito no editorial da edição 38, de setembro de 2010:

Gente que não se acha

Há cenas que surpreendem pelo inusitado. Raí, personagem de capa da nossa última edição, disse que em São Paulo, onde mora e trabalha, trocou o carro pelo metrô para se livrar do corpo a corpo dos congestionamentos. E no metrô? A cena pouco usual de uma celebridade como ele ali não provoca congestionamentos de gente curiosa a sua volta? Ele respondeu que as pessoas acabam não acreditando muito naquilo que estão vendo. “Será mesmo o Raí?” – e que assim tudo acaba correndo normal e civilizadamente.

Um tempo depois, me deparei com a cena dessa página no Aeroporto de Congonhas, no começo da tarde de uma terça-feira. Um técnico de futebol – e não qualquer técnico -, mas o treinador da mítica, vencedora e polêmica Seleção Brasileira de Futebol, sozinho, sentado, esperando o avião. Mano Menezes, sem seguranças, sem assessores, nem jornalistas a sua volta. O ex-treinador do Sport Club Corinthians Paulista, no dia em que antecedeu a comemoração do centenário do clube, sem o assédio de nenhum torcedor alvinegro? É inusitado. É

---

<sup>9</sup> Informações concedidas em entrevista à autora em 9 de março de 2012.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

interessante, aproxima celebridades às pessoas comuns. Mostra como elas são. Mostra se são arrogantes, se são metidas, se são, como diz Felipe, meu filho, “daquelas que se acham”, ou se são pessoas de bem com a vida, simples, simpáticas, decentes. Posso garantir que, tanto Raí quanto Mano Menezes, fazem parte desse último grupo. Um grupo de gente que dá gosto de conhecer. Dá gosto de conviver.

Assim como Miguel Nicolelis, um dos entrevistados dessa edição. Um brasileiro batalhador, vencedor e carregado de bom humor. Um brasileiro genial, no sentido exato da palavra, ele é um premiado neurocientista com trânsito e respeito internacional de dar orgulho. Nicolelis, que também está longe de “se achar”, é um palmeirense fanático, faz parte do recém-formado conselho editorial da *Brasileiros* e vai estreitar uma coluna na revista nos próximos meses. E tudo isso, é claro, muito nos orgulha.

Outro personagem digno de nota, de orgulho e de ser capa da revista é o doutor Drauzio Varella. Entrevistado pelo nosso repórter especial, o são-paulino como eu, Ricardo Kotscho, Drauzio também é pé quente. Logo depois da entrevista, Kotscho foi indicado como finalista do Prêmio Comunique-se, como Melhor Repórter de Mídia Impressa pela revista *Brasileiros*.

E não só isso, fumante inveterado, Kotscho, depois da entrevista, parou de fumar. O doutor Drauzio não é fácil! (*Brasileiros*, Editorial, 38, setembro de 2010, p. 15)

Com estes entrevistados, a equipe busca mostrar um país diversificado e com gente de bem. A proposta é de ultrapassar o eixo Rio de Janeiro – São Paulo – Brasília. Maia (2009), em seu estudo *Os diversos Brasileiros em revista*, analisou o primeiro ano da publicação, com o intuito de verificar se, ao menos nesse período, o veículo conseguiu fugir do tradicional eixo, que é o triângulo preferido de cobertura dos meios convencionais de

comunicação. A autora também investigou se as fontes utilizadas retratam este perfil plural que a revista pretende seguir e se as narrativas extrapolam a rotina produtiva do campo jornalístico. A pesquisa levou em consideração elementos qualitativos e quantitativos para a apreciação das doze primeiras edições de *Brasileiros*.

Segundo Maia, seu estudo possibilitou inferir que a máxima da revista, que pretende fugir do eixo São Paulo-Rio-Brasília, ao menos nas matérias analisadas, concretizou-se ao abrir espaço para outros lugares do país. A autora também concluiu que a revista foge muitas vezes das pautas tradicionais das publicações que privilegiam o ambiente macroeconômico e político e consegue mostrar um Brasil por intermédio de fontes mais diretas, “sem a marca da representação institucional, que muitas vezes filtra a realidade mostrando-a somente por um prisma” (MAIA, 2009, p. 13).

Para abordar tal diversidade, a publicação contém algumas editoriais fixas. Nas primeiras páginas constam o editorial, as cartas dos leitores e os colaboradores que, a cada edição, são apresentados com um pequeno texto e fotos em preto e branco.

A revista também conta com a seção intitulada *30 dias na vida dos brasileiros*, uma espécie de agenda retroativa dos principais fatos que ocorreram no mês, na área cultural, com artigos, crônicas e comentários. As matérias de capa, em geral, são perfis de pessoas famosas ou anônimas escritas em forma de reportagem ou entrevista pingue-pongue (pergunta e resposta), ou ambas (conjugadas). A equipe mantém, em datas comemorativas, a seção *Brasileiros recomenda*, em que apresenta produtos, preços e marcas indicadas para o leitor interessado em presentear. A última página de cada edição conta com a coluna *Você acredita no Brasil?* com respostas de brasileiros das mais diversas classes sociais, econômicas e étnicas.

Impressa em formato A4, a revista *Brasileiros* circula, mensalmente, com 35 mil exemplares, de acordo com Mello<sup>11</sup>. Segundo ele, além dos assinantes, os exemplares são enviados para

---

<sup>11</sup> *Ibidem*.



um *mailing* composto por universidades, embaixadas dentro e fora do Brasil, empresas e 5 mil bibliotecas brasileiras. O diretor conta que a venda nas bancas não mantém a publicação, a publicidade tem espaço importante para sua sustentabilidade econômica, sendo o quadro da publicidade: 81% não governamental (empresas de telefonia, aviação, carros, joias, hotéis, restaurantes, grifes, bebidas) e 19% governamental (na maioria, propagandas de bancos públicos e campanhas do Governo Federal e de São Paulo).

Além da revista *Brasileiros*, o grupo editorial tem outras três publicações: a *Arte!Brasileiros*; a *SB - Seminários Brasileiros*; e a *Inovação!Brasileiros*, que circulam junto com a revista. A *Arte!Brasileiros* é editada desde setembro de 2009. É uma publicação bimestral dedicada à arte nacional e seu crescente espaço, no Brasil e no exterior.

A divisão *Seminários Brasileiros* iniciou suas atividades em 2011. Trata-se de um ciclo de encontros internacionais dirigidos ao debate dos grandes temas de interesse nacional, com o objetivo de criar uma rede de discussão, de conhecimento e de permanente troca de ideias. “Seminários Brasileiros vai reunir especialistas nacionais e internacionais, empresários, políticos, intelectuais e acadêmicos capazes de questionar e apontar soluções para as questões que desafiam os brasileiros”<sup>12</sup>. De cada seminário resulta uma publicação com o mesmo nome, os *Cadernos SB*. A primeira edição circulou em abril de 2011.

Já a *Inovação!Brasileiros* foi lançada em fevereiro de 2012, é bimestral, e também segue a linha editorial da revista, como na apresentação de sua primeira edição:

*Inovação!Brasileiros* chega para incentivar a pesquisa e o conhecimento, para abrir espaço para ideias que ajudem o Brasil a continuar em seu caminho de protagonista. Um Brasil cada vez mais influente em um mundo cada vez mais complexo.  
*Inovação!Brasileiros* vem se juntar à *Brasileiros* e à *Arte!Brasileiros*, publicações

---

<sup>12</sup> Disponível em: < <http://www.seminariosbrasileiros.com.br> >. Acesso em: 5 jul. 2011.

de uma empresa que nasceu inovadora em 2007, quando era moda torcer contra o Brasil. Falar mal do País.

Nós inovamos.

Nós nascemos torcendo a favor. Acreditamos que Brasil é uma boa marca. Uma marca a ser trabalhada com orgulho, com suor e bom humor.

É o que fizemos e é o que continuaremos a fazer.

*Inovação!Brasileiros* é uma boa notícia. (*Inovação!Brasileiros*, Edição 1, fevereiro de 2012, p. 8)

Em sua versão eletrônica, a revista *Brasileiros* traz a seção *Digitais*, com a seguinte descrição: “Uma metrópole. Um país. Tantas pessoas escondidas. Vidas interessantes. Momentos. Histórias de vidas”<sup>13</sup>. O espaço virtual convida a ligar a caixa de som, a colocar o fone e a abrir bem os olhos e os ouvidos para ouvir as histórias dos personagens contados por eles mesmos. O vídeo é composto por fotografias e vozes de brasileiros de vidas desconhecidas.

Além de disponibilizar acesso integral de todas as publicações, o site da revista *Brasileiros* contém notícias online, Blogs & Colunas e a TV Brasileiros.

## 1.2 Equipe: quem são os narradores

A autoria é uma das marcas da revista *Brasileiros*, conforme analisou Mazini (2010). A equipe privilegia o trabalho de colaboradores (jornalistas ou não). As chamadas de capa vêm acompanhadas de assinaturas. Conforme destacado no item anterior, em todas as edições a revista dedica uma página com o currículo resumido de alguns de seus colaboradores. De acordo com Mazini, o aporte autoral da revista pode ser percebido na

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.revistabrasileiros.com.br/wp-content/digitais/>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

descrição intimista, com o uso de cenas de apoio, das subnarrativas e da autorreferência.

Esses recursos são técnicos à medida que respeitam alguns pressupostos em comum, conferindo padrão observável em suas utilizações. Também são estéticos, já que também servem ao propósito de adornar o texto, atribuindo a ele o prazer da experiência apreciativa da linguagem. E, finalmente, éticos porque constituem em si posicionamentos ideológicos em relação ao mundo que medeiam. As ferramentas ultrapassam o limite da formatação e acabam por conduzir angulações subjetivas com as quais o jornalista medeia as informações. (MAZINI, 2010, p. 119)

Vale evidenciar o perfil dos principais integrantes da equipe editorial de *Brasileiros*. Seu idealizador, o jornalista e fotógrafo Hélio Campos Mello, é o diretor de redação e faz fotos e entrevistas para a revista. Mello trabalhou na revista *Veja*, no jornal *Estado de S. Paulo*, e na *Agência Estado*. Dirigiu a revista *IstoÉ* por doze anos (que sob o seu comando, recebeu dez prêmios *Esso*, conforme ele gosta de lembrar<sup>14</sup>). Como correspondente de guerra, cobriu a invasão americana ao Panamá e, junto com William Waack, trabalhou na Guerra do Golfo, onde foi preso por tropas iraquianas, conforme conta no editorial da edição 25, de agosto de 2009.

Também trabalhou ao lado de Mino Carta, quando começou a fotografar Luiz Inácio da Silva, pela *IstoÉ*, no momento em que o então sindicalista passou a se destacar na luta pela redemocratização do país. Inclusive, Mello publicou, no editorial da edição 41, de dezembro de 2010, a capa da *IstoÉ* de 1978 em que Lula foi capa de revista pela primeira vez.

A foto, eu diria, modestamente, mas prefiro, orgulhosamente, é de minha autoria. Fotógrafo na *IstoÉ*, convivi bastante com o personagem até 1980. Muito me

---

<sup>14</sup> *Ibidem*.

impressionou seu poder de negociação e de liderança – o que nele hoje é óbvio -, mas também suas outras qualidades, entre elas um senso de humor resistente às maiores intempéries. (*Brasileiros*, Editorial, 41, dezembro de 2010, p. 16)

Na mesma edição, a seção *Colaboradores* traz uma foto de Hélio Campos Mello, Lula e Ricardo Kotscho abraçados. A foto marca a entrevista realizada pela equipe no final do governo Lula, um balanço dos oito anos na presidência. O texto publicado junto à foto sintetiza a ligação dos três personagens, vinculados pelo trabalho desde a década de 1970:

Kotscho nasceu em 16 de março de 1948. Hélio – muito mais jovem, como defende – nasceu um dia depois. Em 1978 – em cobertura para a *IstoÉ* –, se conheceram nas históricas greves do ABC Paulista, que projetariam Lula em todo o País. Em 2004, um novo encontro dos três personagens: diretor de redação da *IstoÉ*, Hélio, foi à Brasília acompanhar um dia de atividades do novo presidente. Na ocasião, Kotscho era secretário de Imprensa e Divulgação de Lula. Um novo encontro dos três surge nesta edição de *Brasileiros* onde – desde 2007, Kotscho e Hélio refazem a dupla repórter/fotógrafo. (*Brasileiros, Colaboradores*, 41, dezembro de 2010, p. 28)

Ricardo Kotscho, repórter especial da revista *Brasileiros*, mantém o blog *Balaio do Kotscho*, na página de notícias da Rede Record - R7. É, também, comentarista do Jornal da Record News. Kotscho atua como repórter desde 1964. Já trabalhou como editor, chefe de reportagem, colunista, blogueiro e diretor de jornalismo. Foi correspondente do *Jornal do Brasil* na Europa, nos anos 1977-1978, quando resolveu voltar ao país para participar da redemocratização. A convite de Mino Carta chegou às terras brasileiras já com emprego garantido na *IstoÉ*, com a missão de “grudar no Lula”. Também atuou no *Estadão*, na *Folha de São Paulo*, na *Época*, entre outros. Exerceu o cargo de Secretário de

Imprensa e Divulgação da Presidência da República no governo Luiz Inácio Lula da Silva, no período 2003 a 2004<sup>15</sup>. Recebeu os prêmios Esso, Herzog, Carlito Maia, Comunique-se, Top Blog e Cláudio Abramo, entre outros. Em 2008, foi um dos cinco jornalistas brasileiros contemplados com o Troféu Especial de Imprensa da ONU. Tem 20 livros publicados, entre eles, *Do Golpe ao Planalto - Uma vida de repórter, A Prática da Reportagem e Vida que Segue*<sup>16</sup>.

O escritor Nirlando Beirão, diretor-adjunto da revista, é jornalista sem diploma desde 1967, conforme publicado na seção *Colaboradores*, da edição 39, de outubro de 2010. Estudou Ciências Sociais na UFMG e na UFRJ. Tem oito livros publicados, entre eles *Corinthians é Preto no Branco* (em parceria com Washington Olivetto). Participou do lançamento das revistas *Caras, IstoÉ, Senhor, Forbes* (Brasil) e *Wish Report*, agora, *Status*. Foi editor de política e geral da *Veja*; editor de cultura e correspondente em Nova York da *IstoÉ*; colunista do *Estado de São Paulo* (coluna Galeria); editor da *Playboy*; correspondente em São Francisco, Califórnia, e colunista de *Carta Capital* (Coluna Estilo). Atualmente é comentarista do Jornal da Record News<sup>17</sup>.

A equipe de redação de *Brasileiros* conta também com o repórter Marcelo Pinheiro, que atuou como colaborador da revista e passou a fazer parte da equipe permanente da redação na edição 33, de abril de 2010, quando teve seu perfil publicado em *Colaboradores*. Foi repórter das revistas *Cenário* e *Elenco*. De acordo com sua descrição na seção, aos 16 anos já tinha absorvido tanta informação que resolveu dividi-las, empenhando parte do salário de office-boy para imprimir fotocópias dos *fanzines* que criava com o amigo César Alves, parceiro de bandas de rock, faculdade e outros projetos.

*Brasileiros* tem, ainda, os editores especiais Alex Solnik e Eduardo Hollanda. De acordo com a seção *Colaboradores*, da

---

<sup>15</sup> Com informações do livro *Do Golpe ao Planalto* (2006) e do blog Balaio do Kotscho, disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/perfil-ricardo-kotscho/>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

<sup>16</sup> Mais informações sobre Ricardo Kotscho no Capítulo 3.

<sup>17</sup> Com informações também de seu blog na R7: <<http://noticias.r7.com/blogs/nirlando-beirao/>>. Acesso em: 29 fev. 2012.

edição 19, de fevereiro de 2009, em 40 anos de jornalismo, Solnik assinou mais de mil matérias em jornais e revistas brasileiros, tais como *Última Hora*, *Jornal da Tarde*, *IstoÉ*, *Senhor*, *Careta*, *O Nacional*, *Status*, *Correio Braziliense*, *Manchete*, *Interview*. Criou e manteve em parceria com Paulo Caruso a página de humor *Bar Brasil*, na *IstoÉ*. Autor dos livros *Os pais do Cruzado contam por que não deu certo*, *A verdade por trás das câmeras*, *A Guerra do Apagão*, *Garoto de Ipanema* e *Domador de Sonhos - a vida mágica de Beto Carrero*.

O perfil de Hollanda é apresentado na seção *Colaboradores* da edição 11, de junho de 2008. Jornalista com mais de 40 anos de profissão, atuou no *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Dia*, *Gazeta Mercantil*, e *IstoÉ*. Embora tenha trabalhado na cobertura de diversos temas, se destacou cobrindo Copas do Mundo, Olimpíadas, Amazônia e Antártica.

A equipe conta, também, com Fernanda Cirenza, redatora-chefe; Cândida Del Tedesco, coordenadora editorial; e Deborah Giannini, editora de texto, além de um vasto grupo de colaboradores conhecidos e anônimos. Já escreveram para a revista Ruy Castro, Frei Betto, Mino Carta, Jorge Pontual, Chico Silva, Marta Góes, Audálio Dantas, Jorge Caldeira, Lidia Pena, Jorge Luiz de Souza e Washington Araújo, entre outros.

Colaboradores anônimos e jovens repórteres também ajudam a narrar a diversidade brasileira. A equipe editorial destaca que a empresa, ainda com cinco anos, tem uma estrutura econômica pequena, sem condições de pensar uma pauta que contemple todas as regiões do país. Desse modo, conta com colaboradores *freelancers* espalhados pelo Brasil, pois para a equipe, quanto mais colaboradores, mais ampliada a visão sobre a diversidade brasileira.

Mello conta que algumas matérias são feitas com dinheiro de viagem, outras com repórteres que estão nos locais<sup>18</sup>. Kotscho destaca que a reportagem custa caro, por isso, muitas vezes, aproveita as viagens em que é convidado a ministrar palestras no Brasil para produzir reportagens. Segundo ele, outras vezes a pauta

---

<sup>18</sup> *Ibidem*.

vem de fora da redação, dos colaboradores. “É uma revista que fala de brasileiros a partir de repórteres brasileiros de diversos estados do país. Não foi uma receita editorial, aconteceu pelas circunstâncias de falta de recursos e de profissionais. É um milagre a revista comemorar cinco anos”<sup>19</sup>. Entretanto, todos os colaboradores praticam o jornalismo autoral – são contrários à rigidez dos manuais de redação. A equipe compartilha da ideia de que “jornalismo é jornalismo e ponto”, inspiram-se na prática jornalística da revista *Realidade* e enfatizam que não gostam de expressões como jornalismo literário.

### 1.3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa averiguou como o jornalismo contemporâneo tem relatado a vivência humana e sua diversidade sociocultural. Por isso, investiguei narrativas com foco no personagem, publicadas na revista *Brasileiros*. Em especial, o propósito foi examinar como este modo de fazer jornalístico atribui sentidos à narrativa, bem como verificar se a produção deste relato colabora com o ideal do jornalismo de ser plural e democrático.

Trata-se de um estudo de caso, que para Yin (2001) é o método de pesquisa mais adequado quando se busca compreender fenômenos sociais complexos. Para o autor, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando: “se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’; o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos; e o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (p. 19). O estudo de caso conta com muitas técnicas, como a análise de documentos, a observação direta (visitas de campo) e entrevistas.

O estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo – com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta e análise de dados. Nesse sentido, o estudo de caso não é nem

---

<sup>19</sup> *Ibidem*.

uma tática para a coleta de dados nem meramente uma característica do planejamento em si, mas uma estratégia de pesquisa abrangente. (YIN, 2001, p. 33)

Essa foi a opção escolhida, já que alguns trabalhos da área jornalística podem ser qualificados como estudos de caso, conforme destaca Yin. Por isso, para a coleta de evidências, como chama o autor, foram analisadas edições mensais da revista *Brasileiros*, realizadas entrevistas a fim de compreender sua proposta editorial, e uma visita de campo, em que foi possível observar o trabalho da redação. As entrevistas e a visita de campo ajudaram a compor o item 1.1 desta pesquisa.

Para a análise das reportagens, tive como base um aporte teórico sobre o jornalismo e sua função democrática, bem como entendimentos sobre diversidade sociocultural. Lopes (2003) destaca que a teoria impregna todo o processo concreto da pesquisa. “É no sentido amplo de confronto com o real, para apreendê-lo, que a teoria existe” (LOPES, 2003, p. 124). A autora defende que toda pesquisa deve interagir instâncias metodológicas, compreendidas pela instância epistemológica (vigilância epistemológica); a instância teórica (quadros de referência); a instância metódica (quadros de análise); e a instância técnica (construção dos dados).

Para alcançar tais preocupações, a instância metódica foi constituída a partir de uma amostra de reportagens impressas, selecionadas entre 2007 e 2011. O objeto empírico desta pesquisa compreendeu os primeiros 48 exemplares da revista. Nesta primeira etapa, o quadro de análise das capas das 48 edições contou com as categorias gênero, faixa etária, profissão, região, raça, a caracterização dos personagens (se eram célebres ou anônimos; urbanos ou rurais), bem como se as matérias de capa faziam referência à religião e à política<sup>20</sup>, qual era o tema

---

<sup>20</sup> As categorias levaram em conta a frequência com que os elementos gênero, faixa etária, profissão, região, raça, e religião aparecem nos materiais jornalísticos da atualidade. Tais elementos também são constitutivos do que se entende por diversidade sociocultural, que considera aspectos culturais, sociais e econômicos, conforme a Declaração da Unesco (2001).



predominante, o gênero textual (reportagem ou entrevista) e a forma de abordagem do tema<sup>21</sup>.

Após a primeira etapa de análise, o *corpus* foi selecionado de forma a representar uma amostragem com edições todos os meses do ano, sem privilegiar momentos específicos, uma espécie de ano artificial. Tive como ponto de partida da amostra a edição 1, de julho de 2007. No total, foram analisadas doze edições da revista. A opção foi de constituir um *corpus* qualitativamente representativo, por este motivo a seleção das reportagens respeitou dois critérios principais: (1) que tivessem como fonte-personagem brasileiros de todas as regiões do país; (2) que privilegiassem a narrativa de contexto, com recursos como a descrição do entrevistado, do ambiente e as observações do repórter, de maneira a abranger diferentes sujeitos associados a contextos socioculturais diversificados.

A partir da seleção de reportagens que permitiram confrontar os objetivos anteriormente colocados, a investigação contou com recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística proposta por Motta (2010). Tais recursos possibilitam o estudo das relações humanas que produzem sentidos por meio de expressões narrativas. A teoria da narrativa – a narratologia –, como destaca o autor, procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados por meio da compreensão e expressão narrativa da realidade, inclusive pela mídia. O relato, desse modo, esclarece o contexto sociocultural dos sujeitos. “A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores, etc) em relatos” (p. 143).

Culler (1999) salienta que a narratologia é um ramo ativo da teoria literária e se apoia em teorias da estrutura narrativa: em noções de enredo, de diferentes tipos de narradores, de técnicas narrativas. Os elementos: enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador, conforme Reuter (2002), ajudaram a nortear a análise das reportagens com atenção especialmente aos entrevistados. Afinal, a configuração das sociedades na atualidade

---

<sup>21</sup> Os resultados desta etapa da análise são apresentados no item 3.1.

exige uma nova leitura sobre as pessoas, transcendendo espaços e culturas.

Motta (2010) lembra que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de performances socioculturais. São dispositivos discursivos manipulados socialmente de acordo com pretensões específicas. “Narrativas e narrações são forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação” (p. 145). Por isso, o autor defende que a narratologia pode ser usada como um procedimento analítico para compreender os mitos, as fábulas, os valores subjetivos, as ideologias, a cultura política de uma sociedade, e isso inclui as narrativas jornalísticas.

Para tal análise, o autor propõe a recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico (enredo) e a identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios (se são políticos, econômicos, psicológicos, familiares, jurídicos, policiais, entre outros). “É, portanto, uma situação dramática desde o início, um conflito ou situação problema que desestabiliza, rompe o equilíbrio, traz ambiguidades” (MOTTA, 2010, p. 149). Além disso, segundo o autor, esses episódios podem demonstrar complicação, clímax, vitória, desfecho, punição, recompensa e assim por diante.

Desse modo, a análise sobre como se dá a construção de personagens jornalísticas também é uma etapa importante da pesquisa, já que permite que sejam identificados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis.

Durante muito tempo, texto após texto, as personagens agiram de maneira quase idêntica, em seu ser e em seu fazer. Elas eram mais *tipos*, que representavam de maneira exemplar sua comunidade ou sua casta. Por isso, a jovem nobre ou o camponês eram sempre descritos de maneira idêntica. Essas personagens não se transformavam psicologicamente e viviam as mesmas buscas e os mesmos conflitos, graças a aventuras semelhantes. (REUTER, 2002, p. 50)

Contudo, as transformações socioculturais da atualidade têm apresentado às narrativas jornalísticas personagens cada vez mais diversificados, pois os comportamentos pessoais são mutáveis, como lembra Warnier (2003), já que fazem parte da cultura, que é dinâmica, está em movimento constante.

De acordo com Motta (2010), no jornalismo os personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias. Para tal análise, contei com a categorização de Brait (1985), que traz definições para os personagens protagonistas, os personagens testemunhas e os personagens referenciais.

A autora destaca que o personagem protagonista é apresentado pelo narrador de forma discreta. “Vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista” (BRAIT, 1985, p. 64). Já o personagem testemunha traz, implícito, um recurso de caracterização, já que utiliza uma personagem secundária para fazer conhecer a personagem principal, traz detalhes sobre o protagonista, comenta sobre ele, apresenta-o.

Segundo Brait, personagens referenciais são aqueles que remetem a um sentido pleno e fixo, comumente chamados de personagens históricos. Para a autora, essa espécie de personagem está imobilizada por uma cultura. Sua apreensão e reconhecimento dependem do grau de participação do leitor nessa cultura, assegura o efeito do real e contribui para seja designada herói.

A metodologia proposta por Motta (2006, 2010) também chama a atenção quanto às estratégias comunicativas pois, para o autor, estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos de real ou efeitos poéticos.

Os efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso), podem ser mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática. “A poética da narrativa, como poderíamos

chamá-la, tanto tenta compreender os componentes da narrativa quanto analisa como narrativas específicas obtêm seus efeitos” (CULLER, 1999, p. 85).

Já as estratégias de objetivação, conforme Motta (2004a, 2004b e 2010), são empregadas para a construção dos efeitos de real quando, por exemplo, a linguagem jornalística visa dar a impressão de que as coisas parecem evidentes; ao usar recursos que buscam firmar uma referencialidade geográfica ou de autoridade; ou com o emprego de expressões que pretendem instaurar a legitimidade do narrador. O autor destaca (2004b, p. 44): “compreendemos os momentos de grande aproximação do referente empírico aqueles em que o narrador se esforça por traduzir em relatos diretos os acontecimentos de sua observação e através de recursos linguísticos cria efeitos de real”.

Os procedimentos metodológicos elencados por Motta também sugerem vigilância às estratégias de subjetivação, que procuram construir efeitos poéticos catárticos, pois eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. Tais recursos encontram-se nas escolhas léxicas (no uso de adjetivos afetivos, potenciais ou adjetivos de posse e no uso de substantivos estigmatizados); nas exclamações; nas figuras de linguagem; e nos conteúdos implícitos. Motta (2004b) salienta que o discurso jornalístico se mostra permeado de sentidos que podem ser observados e interpretados tanto pelo que evidencia quanto pelo que insinua, sugere ou oculta.

A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística proposta pelo autor leva em consideração, ainda, a relação comunicativa e o contrato cognitivo firmado pelo narrador, chamada de perspectiva, situação, ou instância narrativa. Segundo Motta (2010) mais recentemente se consolidou a expressão foco narrativo ou focalização, que distingue entre o narrador heterodiegético (onisciente, que tudo sabe, vê e conta desde uma perspectiva ilimitada) e homodiegético (o narrador conta a partir do eu retrospectivamente ou no momento em que as coisas acontecem) e suas inúmeras variações. “Na teoria do jornalismo fala-se em ‘enquadramento’ e ‘abordagem’ (seleção e saliência de aspectos da realidade pelo jornalista na sua observação do mundo)” (p. 161).

Além destas proposições colocadas pelo autor, contei com as categorias de narradores interpretadas por Leite (2002) – a partir da tipologia de Norman Friedman. De acordo com a autora, há o narrador onisciente intruso, que tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ponto de vista divino, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições.

Há, também, o narrador onisciente neutro, que fala em terceira pessoa e se distingue apenas pela ausência de instruções e comentários gerais ou mesmo sobre o comportamento dos personagens. Já o narrador testemunha narra em primeira pessoa. Segundo LEITE (2002 p. 37), trata-se de um “eu” já interno à narrativa, “que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil”.

Existe, ainda, o narrador protagonista (personagem central, que não tem acesso ao estado mental das demais personagens e narra de um centro fixo, limitado às suas percepções, pensamentos e sentimentos); a onisciência seletiva múltipla (não há propriamente narrador, mas um predomínio quase absoluto da cena); a onisciência seletiva (semelhante à categoria anterior, trata-se apenas de uma só personagem e não de muitas); e a câmera (conforme Leite, o máximo em matéria de "exclusão do autor").

Após o reconhecimento dos componentes narrativos já demonstrados, também me dediquei à investigação das metanarrativas ou, como explica Motta (2004a, 2004b, 2006, 2009, 2010 e 2011), os significados de fundo moral ou fábula da história. Para o autor, ainda que a narrativa jornalística pretenda ser isenta e imparcial, é fortemente determinada por um fundo ético ou moral. “É nessa dimensão da análise que o mistério da linguagem revela, em última instância, o fascinante jogo entre as intenções e interpretações da comunicação jornalística” (MOTTA, 2004a, p. 130).

Conforme o autor, os jornalistas só destacam certos fatos da realidade porque esses fatos transgridem algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural. O relato jornalístico

representa sempre uma ruptura ou transgressão em relação a algum significado estável. Embora seja importante destacar que há muita divergência entre diferentes comunidades quanto ao que consideram certo ou errado, bom ou mau, conforme destaca RUSSEL (1977): “essa divergência decorre da diferença em crenças quanto aos efeitos das ações e, há muito menos diversidade quanto a que resultados das ações são julgados desejáveis” (p. 55). Mesmo não havendo consenso sobre preceitos morais ou culturais, o jornalismo ajuda a reconstruir as fábulas da vida real.

## 2. ANCORAGENS TEÓRICAS SOBRE JORNALISMO DEMOCRÁTICO E DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL

### 2.1 O papel social do jornalismo

O jornalismo ocupa, na atualidade, o papel de ser mediador do espaço público. Em primeira análise, situa-se entre as informações e as pessoas – que as geram, ou precisam ter conhecimento delas. Entretanto, não exerce uma mediação neutra, nem surgiu com essa função desde o princípio. Para iniciar essa discussão, vale lembrar que o jornalismo nasceu de processos socioculturais e mercantis durante o desenvolvimento ocorrido na Europa entre os séculos XVI e XVII: informava, distraía, divulgava mercadorias. Logo então, o surgimento do jornalismo serviu de instrumento à burguesia, que fez uso do relato jornalístico para alcançar interesses econômicos e para a difusão de posicionamentos políticos e ideológicos, com o intuito de ascender ao poder, como destacam Genro Filho (1997), Marcondes Filho (2002) e Sousa (2008).

Tais motivações deram corpo ao espírito revolucionário da imprensa, que impulsionou a Revolução Francesa (1789-1799). Por sua vez, essa desencadeou mudanças profundas no quadro político de toda a Europa e colaborou para alterações no sistema socioeconômico. De acordo com Sousa (2008), entre o século XVIII e a primeira metade do século XIX, a imprensa foi essencialmente opinativa e partidária. A partir da Revolução Industrial, o fazer jornalístico artesanal tornou-se produto e produtor da Indústria Cultural, já que passou a integrar o sistema capitalista, pois começou a ser produzido por empresas profissionalizadas, mantidas e movidas por interesses comerciais.

Foi no final do século XIX e início do século XX que se estabeleceram os princípios democráticos do jornalismo, a partir de mudanças ocorridas nas relações de poder nos Estados Unidos e na Europa. Tal concepção originou-se de sucessivas transformações acerca do papel social da mídia, muitas delas influenciadas pelas alterações nos cenários políticos e econômicos das sociedades e,

mais recentemente, nos processos tecnológicos de que o jornalismo necessita para penetrar no tecido social.

O ideal contemporâneo de jornalismo privilegia o entendimento sobre um espaço para a manifestação pluralista e a manutenção do sistema democrático. Kovach e Rosenstiel, em *Elementos do Jornalismo* (2004)<sup>22</sup>, ressaltam que a primeira responsabilidade dos jornalistas é com a manutenção da cidadania: “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (p. 31). Entre os elementos elencados pelos autores, também destacam que o jornalismo deve abrir espaço para a crítica e para o compromisso público, além de empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante, de forma compreensível e proporcional, atuando como um monitor independente do poder.

Outros autores tratam dessa responsabilidade, como Beltrão (2006) que esclarece: "o jornalismo é informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum" (p.31). Hudec (1980) também destaca a função orientativa do jornalismo – que formula e difunde diferentes opiniões, fornece um panorama acerca dos múltiplos fenômenos, processos e tendências contemporâneos em toda a sua complexidade – e, ainda, propaga as leis que “determinam a função e o desenvolvimento da vida econômica, sociopolítica, intelectual e ideológica da sociedade, a partir de posições partidárias e de classe” (p. 37).

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros<sup>23</sup> tem como

---

<sup>22</sup> A obra é resultado do trabalho do Comitê dos Jornalistas Preocupados, formado nos Estados Unidos, que reuniu 21 discussões públicas, com cerca de 3 mil pessoas e mais de 300 testemunhos de jornalistas.

<sup>23</sup> O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros foi atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, realizado em Vitória, Espírito Santo, de 3 a 5 de agosto de 2007. O documento está disponível na página da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em: <[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2012.



base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação. A partir dessas abordagens é possível perceber que o jornalismo possui muitas obrigações para com seu público. Entre eles, deve atentar para sua dimensão socializadora ao difundir informações; para sua função educativa ou orientativa; para o exercício da cidadania, sendo vigilante do sistema político e abrindo espaço para as opiniões divergentes; e ainda para o protagonismo na gestão do ócio ou entretenimento das pessoas.

Todas essas noções sobre o papel social e as obrigações do jornalismo trazem diferenças e semelhanças, mas têm um traço comum: entendem o jornalismo como agente difusor da memória coletiva de saberes e relatos. Mais que isso, atribuem ao jornalismo a função de promover a mediação de sentidos do mundo por meio das palavras e significados. Exerce um papel importante na representação do outro por meio de seus diversos gêneros e formatos, o que se acentua na era da instantaneidade informativa, em que as tecnologias propiciam novos espaços e temporalidades.

Embora a mídia brasileira – foco desta pesquisa – compartilhe o ideal de ser democrática, é preciso lembrar que a produção jornalística não é neutra, mas carregada de sentidos atribuídos pela empresa jornalística, pelos jornalistas, suas fontes ou, ainda, condicionantes externos, como a política e a economia. Traquina (2004) já questionou: "Afim, qual é o papel do jornalismo na sociedade – um campo aberto que todos os agentes sociais podem mobilizar para as suas estratégias comunicacionais ou um campo fechado a serviço do *status quo*?" (p.145). O jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis – portanto, *fazeres* combinados com intenções, como já mencionou Chaparro (2007).

A produção jornalística resulta de um processo de construção em que estão em jogo fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos. Ou seja, ainda que comungue de um intuito de ser espaço para o desenvolvimento democrático, o relato jornalístico da atualidade é capaz de abranger a complexidade humana em sua totalidade, visto que está inserido nos interesses socioeconômicos, culturais e políticos?

Tais questões, dada a relevância do jornalismo, não podem ser respondidas taxativamente. A partir destas indagações, este capítulo busca trazer algumas reflexões sobre o fazer jornalístico da atualidade, por isso comunga com autores que, mesmo com pontos de vista por vezes distintos, colaboram na compreensão sobre a atividade jornalística na contemporaneidade, que passa por inúmeras transformações.

## 2.2 O desafio de relatar o presente

O jornalismo tem como um de seus maiores compromissos relatar o presente. A meta dos veículos de comunicação é sempre o agora, o atual. Gomis (1991) destaca que os meios formam a cada dia o presente social de referência. Graças aos meios, o público sabe o que está passando, mesmo que superficialmente, em todas as partes do mundo. Por isso as notícias e reportagens integram rituais diários de cada indivíduo seja quando leem jornais todas as manhãs ou ouvem um programa de rádio a caminho do trabalho. As pessoas buscam informações que satisfazem um impulso humano básico.

As pessoas têm uma necessidade intrínseca – um instinto, digamos – de saber o que acontece além de sua própria experiência direta. Assim, estarmos a par de fatos que não podemos ver por nossa própria conta cria uma sensação de segurança, de controle, de confiança. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 17)

A imagem da realidade é construída socialmente. Berger e Luckmann (2001) defendem a ideia de construção social da realidade, em obra de mesmo nome. Os autores observam que a apreensão da realidade social se dá mediante padrões recorrentes de interação, de forma objetiva e subjetiva. “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social. Torna-se desde já evidente que qualquer análise que deixe de lado algum destes três momentos será uma análise distorcida” (p. 87-88). Para os autores, os sujeitos

aprendem a realidade social objetivada e, ao mesmo tempo, produzem continuamente essa realidade.

Os meios atuam como mediadores entre a realidade social e a audiência: se apresentam como uma janela, ou seja, não oferecem uma vista total, mas parcial. Apenas onde a vista pode alcançar. Para tanto, o jornalismo forma uma versão concentrada da realidade social, dramatizada e sugestiva: a empresa jornalística escolhe o mais interessante segundo sua perspectiva editorial sobre o que ocorre e a ajusta ao tempo e ao espaço.

O público, por sua vez, se identifica com informações que tenham referência com suas vidas. Os meios comunicacionais e o público são unidos pelo efeito que os meios exercem sobre as pessoas. Por isso, Gomis (1991) lembra que o referencial de realidade é sempre dado no presente, como nos títulos jornalísticos, em que se busca a identificação do leitor com a atualidade do fato, já que o presente social é o tempo de referência da ação coletiva.

O jornalismo, então, interpreta a realidade social para que as pessoas possam entendê-la, adaptar-se a ela e modificá-la. A partir dessa perspectiva, compreendo que a atualidade jornalística é revestida de uma temporalidade particular: não pode ser fugaz e isolada, pois está ligada à continuidade da vida, ao constante, ao imanente.

*A atualidade não é puro momento efêmero. Dura. É presente histórico, de duração variável, contextualizável sincronicamente com o que está acontecendo em outros lugares, e diacronicamente com passados e futuros diferentes, de curta, média ou longa duração. Precisamente porque dura, a atualidade convoca o relato: precisa ser narrada para ser conhecida. (BORRAT, 2006, p. 280, itálicos do original – em tradução livre)*

Assim sendo, a temporalidade jornalística exige o imediato, mas este deve ser contextualizado, ligado aos seus precedentes, ao seu redor, para que possa ser compreendido. A preocupação com o presente, somada ao desenvolvimento

tecnológico – que facilitou o acesso dos jornalistas às informações – provocou algumas perdas no que se refere à contextualização do que é informado e no que concerne à construção de sentidos, imbricados nos discursos jornalísticos. A dinâmica sociocultural e econômica do século XXI fez com que os jornalistas tenham que correr contra o tempo e diminuam o acesso aos entrevistados e os tempos de entrevistas, muitas vezes realizadas na íntegra apenas por e-mail ou telefone.

Frequentemente, o imediatismo jornalístico descontextualiza a informação e passa uma versão fragmentada da realidade social. O risco é tênue. Quando isso ocorre os relatos jornalísticos passam a lançar seu foco apenas para alguns temas e tornam-se presos às fontes oficiais. Com isso, alguns discursos ganham maior espaço, outros ficam na escuridão e desfaz-se a ideia de uma comunicação integradora. Ignora-se inúmeras facetas da vida em sociedade, inclusive negando a existência de outros povos e costumes.

Para Fontcuberta (2006), a disjunção e a redução estão presentes na maioria das pautas jornalísticas configurando o que os autores chamam de jornalismo mosaico: conteúdos oferecidos pelos meios de comunicação de forma fragmentada, sem nenhuma hierarquização, em que se “faz inviável uma visão articulada do conjunto, e se impede a compreensão dos significados” (p. 40). A partir da adoção desse modo de fazer jornalístico, a complexidade da vida humana passa a ser reduzida à instantaneidade informativa que nem sempre consegue captar elementos que auxiliem o público receptor na tarefa de conhecer, mesmo que em parte, a realidade da qual integra. O intuito do jornalismo de ser o espaço compartilhado para o qual os diferentes sujeitos sociais projetem seus discursos é afetado.

Medina (2003) também denuncia a falta de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. De acordo com a autora, o grande *deficit* provém da ausência de um modo de fazer jornalístico que trabalhe com a visão de mundo e as atrofias da sensibilidade, da razão e da ação criativas. Segundo Medina, muitos repórteres não se dão conta de que, ao longo de seu desenvolvimento, o jornalismo incorporou sistemas de valores de racionalidade e eficiência que culminaram nos moldes de

fabricação capitalista intensificados na atualidade. Trata-se de paradigmas abalados: “conflitos culturais e desumanização de cosmovisões sacodem as certezas técnicas e tecnológicas da comunicação social assim como os demais atos da relação entre os homens” (MEDINA, 2006, p. 69).

Este pensamento vigente se traduz nas redações na forma de padronizações de procedimentos, na compartimentação temática da vida (apresentada atualmente nas editorias) e na simplificação do humano. Tal visão de mundo teve como ponto forte as mudanças ocorridas no pensamento europeu dos séculos XVI e XVII que, de acordo com Capra (1993), até então priorizava uma concepção orgânica da vida, com a maioria das civilizações vivendo em comunidades pequenas e coesas. No entanto, essa perspectiva de universo mudou radicalmente e foi substituída pela ideia de um mundo como máquina, instaurando o paradigma mecanicista.

O autor lembra que essa mudança foi ocasionada por pensamentos revolucionários na física e na astronomia, com realizações de expoentes como Bacon, Copérnico, Galileu e Newton. A descrição matemática da natureza (propriedades materiais como formas, quantidades e movimentos) foi a característica dominante da ciência nesta época e está presente nos critérios das teorias científicas da atualidade. De acordo com esse pensamento, “outras propriedades como som, cor, sabor ou cheiro, eram meramente projeções mentais subjetivas que deveriam ser excluídas do domínio da ciência” (CAPRA, 1993, p. 51). Todas essas perspectivas marcaram a chamada Idade da Revolução Científica.

René Descartes (1589-1610) exerceu grande influência neste sentido, já que defendeu que tudo deve ser fragmentado para que possa ser tratado isoladamente em profundidade. Medina (2008) lembra ainda que Auguste Comte (1798-1857) – que sistematizou o positivismo criado por Claude Henri de Rouvroy (1760-1825) – propôs que o estado positivo é um “regime definitivo da razão em que a observação é a única base possível dos conhecimentos acessíveis à verdade, adaptados sensatamente às necessidades reais” (COMTE *apud* MEDINA, 2008, p. 18). Percebe-se aí uma evidente separação entre sujeito e objeto, que pode ser vista em diversas áreas na atualidade: na biologia, na

medicina e no jornalismo. É a ideia do homem-máquina, uma concepção mecanicista que vê os seres humanos constituídos por partes, em que mente e corpo estão separados.

Tais formas de pensamento podem ser consideradas simplificadoras quando trazidas para o jornalismo, pois aderem ao método da ciência e ignoram o senso comum. Essa perspectiva é incapaz de conceber a conjugação da diversidade, conforme destaca Morin (2006), pois, ou unifica abstratamente ao anular a diversidade ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade. Tal pensamento simplificador também é observado por Santos (2009), que pondera a necessidade de conciliar senso comum e ciência. Para o autor, o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador. “Apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico” (p. 88). O autor considera que a ciência moderna desprezou o senso comum e defende que o conhecimento científico deve dialogar com outros saberes, não sobrepor-se a eles.

Embora pareça extremista, o jornalismo aderiu aos métodos racionalistas da ciência, e tal visão se reflete sutilmente nas redações e nega o contexto e a pluralidade, prioriza as partes ao invés de conceber o todo social. Meditsch (1992) salienta que a lógica científico-industrial é uma tendência crescente no jornalismo e uma das causas de “matar” os sujeitos da cultura e do conhecimento, objetos do jornalismo. Para o autor, esta lógica positivista limita a crítica que o jornalismo poderia fomentar. Também lembra que o método utilizado pelo jornalismo não deveria ser o mesmo da ciência: esta se torna um modo de conhecimento do mundo explicável e o jornalismo se torna um modo de conhecimento do mundo sensível.

Ao aderir aos métodos positivistas, da ciência e da produção industrial, as empresas jornalísticas da atualidade informam em grande quantidade, sempre preocupadas com o presente imediato, pretensamente convencidas da ideia de que estão informando mais. Entretanto, informam sem contexto, valor indispensável para a difusão das informações na contemporaneidade complexa. A contextualização informativa é

apresentada quando a apuração jornalística – situada e preocupada com o presente – possa transcender posturas, tempos e espaços.

Para superar os reducionismos inseridos na prática jornalística Meditsch (1992) defende uma pedagogia do conteúdo, influenciado pelas ideias de Paulo Freire, para quem o homem é criador de seu próprio conhecimento a partir do diálogo e da pergunta, de uma pedagogia dialética. Segundo o autor, para entender conceitos, mesmo os conceitos simples de uma matéria jornalística, muitas vezes é preciso ir além do significado das palavras, para alcançar o seu sentido dentro do texto. “O sentido é diferente do significado porque leva em conta não só aquilo que está no dicionário, mas também, a intenção com que se usa a palavra em determinado texto” (MEDITSCH, 1992, p. 92). Estes sentidos, por sua vez, têm uma dimensão pragmática.

O texto, visto em si mesmo, é uma configuração expressiva, que produz sentidos que se referem a fatos reais, a fatos imaginários ou não se referem absolutamente a fatos. O seu efeito é o sentido. Já o texto, visto como fato ou parte de um fato, não é mais apenas uma configuração expressiva, mas desenvolve essa sua potencialidade inevitável tornando-se também e sobretudo uma configuração pragmática, um ente que, ao produzir sentido, produz também um efeito prático, como todos os outros objetos e agentes inseridos na interrelação fatural. (GOMES, 2009, p. 33)

Diante do exposto, comungo com a ideia de que a reportagem se apresenta como o gênero jornalístico que mais tem condições de dar conta dos contextos e sentidos da sociedade contemporânea, que é cada vez mais plural e complexa. Apesar de estar preocupada com a atualidade, as técnicas de apuração e a estética da reportagem permitem transcender o efêmero para buscar as causas, os ambientes, os personagens, as consequências dos fatos.

A reportagem utiliza-se da narrativa para relatar a realidade e “narrativa, sabe-se, é todo e qualquer discurso capaz de

evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.11). De acordo com Culler (1999) a narrativa é permeada de sentidos compartilháveis, por isso, sempre visa a transformação. O autor destaca que as narrativas expõem o sucesso, a corrupção do mundo, “sem fracasso em satisfazer nossas mais nobres aspirações” (p. 93). A narrativa está embasada na experiência: gera empatia, aproxima, aconselha.

Benjamin (1980 e 1993) também enfatiza o papel da narrativa como transmissora de experiências. No entanto, ele distingue as narrativas de experiências compartilhadas (*Erfahrung*) das narrativas de vivência (*Erlebnis*) que valorizam a vida individual. Segundo o autor, o surgimento de novas formas de expressão, como o jornalismo e o romance moderno, ajudou a empobrecer a narrativa *Erfahrung*. “É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada, ou seja: a de trocar experiências” (BENJAMIN, 1980 p. 57)<sup>24</sup>. Ainda que situada no início do século XX, a observação de Benjamin continua valendo atualmente, em que o dia a dia tornou-se um empilhamento de vivências virtuais e artificiais e, muitas vezes, as rotinas jornalísticas colaboram para a atrofia das experiências. O desafio, assim, é enriquecer a narrativa por meio da valorização da experiência humana.

Nesta perspectiva compartilho do questionamento levantado por Medina (2006): “como criar uma narrativa ao mesmo tempo sedutora e inusitada, se a estética está aprisionada a regras de uma razão instrumental que, por sua vez, não legitima a emoção como força motriz do ser humano?” (p. 70). Segundo a autora, ao experimentar uma narrativa ao mesmo tempo “complexa, afetuosa e poética, não se escapa dos problemas da crise de paradigmas reducionistas, da crise das percepções, da aridez emocional e da crise das fórmulas aplicadas às rotinas

---

<sup>24</sup> Para Benjamin, o aniquilamento da narrativa foi influenciada pela I Guerra Mundial (1914-1918), que deixou as pessoas mais pobres em experiências comunicáveis. O autor encara a época moderna de maneira desorientadora e fragmentada, uma espécie de atordoamento, já que provocou a ausência do lastro psicológico e social: o avanço tecnológico e seu reflexo na vida cotidiana tornou a população alheia aos seus valores comunitários.



estéticas” (p. 69). A autora sugere que a plenitude da comunicação ocorre na tríplice tessitura da ética, da técnica e da estética, portanto, na comunhão desses elementos – em uma atmosfera em que o jornalista assuma seus compromissos, em que dê ouvidos à diversidade de seu público e, ainda, apresente uma narrativa dotada de coerência, conexão e sensibilidade.

Ao utilizar esta tríplice tessitura, como menciona Medina, o jornalista pode dosar sua dimensão objetiva e subjetiva para construir um relato humanizado, levando sempre em conta a obrigatoriedade ética de seu fazer profissional.

### 2.3 A reportagem como socializadora de sentidos

Nesta pesquisa, o foco é a reportagem, especificamente a reportagem de revista, em que a contextualização informativa se faz ainda mais necessária. Tal opção se deu porque, como já apresentado anteriormente, entendo que este gênero jornalístico oferece lugar privilegiado às histórias de vida, aos ambientes, às falas e às descrições dos personagens. Além disso, a temporalidade do texto das revistas é mais aberta, sendo a reminiscência uma de suas marcas, o que favorece a análise acerca da presença da diversidade sociocultural brasileira no relato jornalístico da atualidade.

A reportagem consegue trazer para a discussão temas que não são abordados na instantaneidade noticiosa. É um dos gêneros jornalísticos que exercem grande fascínio, pois sua incumbência é, basicamente, contar histórias. Por esse motivo traz identificação. A partir dela a sociedade conhece de forma mais contextualizada descobertas científicas, outros povos, costumes distintos. Segundo Sousa (2008), o aprimoramento deste gênero está ligado à evolução do jornalismo como técnica e, por isso, desde o início do século XX ganhou espaço nos meios informativos, principalmente nos impressos. Desde então, é conhecida por aliar a observação do repórter a depoimentos, documentos e opiniões de especialistas.

Sodré e Ferrari (1986) elencam que as principais características de uma reportagem são a predominância da forma narrativa; a humanização do relato; o texto de natureza impressionista; e a objetividade dos fatos narrados. Esse gênero jornalístico visa oferecer mais que informação, procura trazer compreensão, por isso é uma narrativa mais concentrada, mais detalhada.

Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18)

Não que ela tenha o intuito de esgotar um tema, porque isso seria impossível, mas a reportagem busca dar um panorama – o mais próximo possível – do que ocorre na vida social. Lage (2002) enfatiza que além de traduzir essa realidade, a reportagem deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade. Por isso, o trabalho do repórter é exaustivo, depende de inspiração e transpiração. Determinação para buscar os diversos ângulos das informações, capacidade analítica diante de dados contextuais e técnicas de observação. Conforme Barros (2001) necessita não apenas de técnica, como também sensibilidade para captar nuances presentes em um ambiente: o som, o olhar, o cheiro, a emoção.

Scalzo (2003) já advertiu: “preocupe-se antes em apurar exaustivamente uma história, em ter na mão muito mais informação do que o espaço reservado para sua matéria” (p. 58). Isso auxiliará na contextualização dos fatos narrados. Por isso, a apuração precisa ser mais aprofundada, pois se supõe que dará mais espaço para opiniões divergentes e abordará mais desdobramentos do que no texto noticioso.

Na reportagem, como em outros gêneros jornalísticos, há a necessidade da obtenção de dados objetivos e confiáveis. Existe algo a mais, que emerge do texto além do conteúdo: sua forma, sua

estética, ligada a atitudes técnicas e subjetivas do repórter, o que se convencionou chamar de estilo. A presença do narrador é mais evidente e decisiva para a construção dos personagens, dos efeitos poéticos e de real:

Recorrendo a conceitos de narratologia, podemos considerar que na dimensão axiológica do jornalismo há um ideal de focalização externa - objectiva, sem interferência - em particular na separação entre relatos e comentários. Por outro lado, na dimensão instrumental da seleção dos factos, e sobretudo na sua construção como relato de reportagem, a focalização torna-se mais próxima da omnisciente, faz uso de um conhecimento superior ao fornecido, o narrador pode controlar os eventos reportados, os personagens que os interpretam, o tempo em que se movem, os cenários em que se situam. (PONTE, 2005, p. 46)

Ética, técnica e estética, a tríplice tessitura destacada por Medina (2006), dotam a reportagem de sedução, e estão presentes em todo o processo de produção, desde a pauta, nas entrevistas, até a redação final do texto. A autora acredita que a melhor forma de aproximar a realidade das pessoas é por meio de narrativas em que a essência dos entrevistados ocupe lugar de destaque no relato. Por isso, enfatiza a necessidade de o repórter desenvolver uma sensibilidade diferenciada na entrevista, que se manifesta no gesto, no olhar, na atitude corporal. “Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para sentir quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito” (MEDINA, 2001, p. 30-31). Além disso, a investigação jornalística deve ser dotada de curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária à do repórter).

A narrativa acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente, pois como destaca Medina (2003), dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana se organiza diante da existência. “Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se

afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida" (p. 47-48). São as reportagens – com mais personagens, ambientes, perspectivas – que ajudam a compreender a composição do tecido complexo da existência.

Essas narrativas dão suporte para as informações e os sentidos compartilhados sobre diversidade sociocultural no veículo analisado nesta pesquisa. Entretanto, antes de averiguar a tessitura das reportagens da revista *Brasileiros* é importante situar a abordagem acerca da diversidade sociocultural adotada neste estudo.

#### 2.4 Diversidade sociocultural e circulação de informações

Nesta pesquisa está presente a ideia de que os seres humanos conciliam, ao mesmo tempo, a unidade biológica e a diversidade cultural. A História e a Antropologia ajudam a pensar sobre esta problemática. Entre os antropólogos prevalece a ideia de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais e que cada cultura tem características intrínsecas. Entre os pesquisadores da História predomina o entendimento de que os fatos sociais intensificaram as relações entre diferentes povos.

Optei por utilizar o entendimento sobre diversidade sociocultural, inserida na ideia de interculturalidade, em detrimento do termo multiculturalismo pois, segundo Hall (2003) – que concorda com Bhabha (1998) –, tal termo é usado universalmente para denominar uma variedade de articulações, ideais e práticas, sem uma conceituação menos complexa que possibilite refletir sobre o tema. “O problema é que o *ismo* tende a converter o 'multiculturalismo' em uma doutrina política”. (HALL, 2003, p.52 - aspas e itálico do original).

García Canclini (2009) propõe a ideia de interculturalidade que remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações de trocas. “Ambos os termos implicam dois modos de produção social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os

diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos” (p.17 *itálicos do original*). Segundo o autor, a perspectiva intercultural oferece vantagens epistemológicas e de equilíbrio descritivo e interpretativo, pois leva a conceber as políticas da diferença não só como necessidade de resistir.

Para esta reflexão, também é necessária a retomada do conceito de cultura. Para García Canclini (2009), a cultura conecta quatro tendências: a instância em que cada grupo organiza sua identidade; instância simbólica da produção e reprodução da sociedade; de conformação do consenso e da hegemonia; e como dramatização eufemizada dos conflitos sociais. Ao analisar diversas obras, o autor chega a uma definição operacional de cultura, como ele prefere chamar, compartilhada por várias disciplinas ou autores que pertencem a diferentes áreas. “Pode-se afirmar que a cultura abarca *o conjunto dos processos sociais de significação* ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca *o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social*” (p.41 – *itálicos do original*).

DaMatta (1987) lembra que cultura é “tradição viva, conscientemente elaborada, que passa de geração para geração, que permite individualizar ou tornar singular e única uma dada comunidade relativamente às outras” (p. 48). Warnier (2003) também salienta que a cultura não é a reprodução idêntica de hábitos imutáveis. “As línguas e as culturas mudam, pois estão imersas nas turbulências da história. Para assegurar sua função de orientação, elas devem integrar a mudança” (p. 23). O autor acentua que a cultura é uma totalidade complexa feita de normas, hábitos, de repertórios de ação e de representação, adquirida pelo homem enquanto membro de uma sociedade.

Conforme salienta DaMatta (1987), se faz necessária, também, a distinção entre cultura e sociedade como dois segmentos importantes da realidade humana: o primeiro indicando conjuntos de ações padronizadas; o segundo expressando valores e ideologias que fazem parte da outra ponta da realidade social (a cultura). O autor enfatiza que uma reflete a outra, uma é o espelho da outra, mas nunca pode reproduzir integralmente a outra.

Ao tratar de diversidade sociocultural, é preciso esclarecer, ainda, que ela não é definida apenas por raças ou etnias. Afinal, conceitualmente, a categoria raça não é científica, como lembra Hall (2009). "As diferenças atribuíveis à raça numa mesma população são tão grandes quanto àquelas encontradas entre populações radicalmente definidas. Raça é uma construção política e social" (p. 66). Já a etnicidade gera um discurso em que a diferença se funda sob características culturais e religiosas, conforme explica o autor.

Foi nesta perspectiva que em 2001, durante a Conferência Geral da Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – os 181 Estados-membros adotaram por unanimidade a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural:

A cultura toma diversas formas através do tempo e do espaço. Esta diversidade se incorpora na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de mudanças, de inovações e de criatividade, a diversidade cultural é, para a espécie humana, tão necessária quanto a biodiversidade é para a natureza. Neste sentido, ela constitui o patrimônio comum da humanidade e pode ser reconhecida e afirmada pelo benefício das gerações presentes e futuras. (UNESCO, DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL, 2001, p. 2)

Por meio deste documento, a Unesco assume o compromisso de assegurar a preservação e a promoção da fecunda diversidade das culturas. Explicita o entendimento das Nações Unidas acerca do compartilhamento das experiências das diversas culturas. Martín-Barbero (2003) situa a discussão na contemporaneidade:

Até pouco tempo atrás a diversidade cultural foi pensada como uma heterogeneidade radical entre culturas, cada uma enraizada em um território específico, dotadas de um

centro e de fronteiras nítidas. Qualquer relação com outra cultura se dava como estranha/estrangeira e contaminante, perturbação e ameaça em si mesma, para a identidade própria. O processo de globalização que agora vivemos, no entanto, é ao mesmo tempo, um movimento de potencialização da *diferença* e de exposição constante de cada cultura às *outras*, de minha identidade àquela do outro. Isso implica um permanente exercício de reconhecimento daquilo que constitui a diferença dos outros como enriquecimento potencial da nossa cultura, e uma exigência de *respeito* àquilo que, no outro, em sua diferença, há de intransferível, não transigível e inclusive incomunicável. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 60-61 - itálicos do original)

Vale ressaltar que ao abordar a diversidade de culturas e estilos de vida alguns autores falam de identidade. Contudo, a noção de identidade vem atravessando inúmeras transformações no cenário geopolítico mundial, por isso, preferi não restringir a investigação amparada neste conceito. Ao tratar de diversidade também preferi adotar a concepção intercultural de hibridação, manifestada por García Canclini (2000), em vez de sincretismo ou mestiçagem. A ideia de hibridação abrange diversas mesclas interculturais – não apenas raciais (como remete o termo mestiçagem) ou religiosas (a que se refere o sincretismo).

Os países latino-americanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição, entrecruzamento de tradições indígenas (sobretudo nas áreas mesoamericana e andina), do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicacionais modernas. Apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indígena e o colonial em setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais (GARCÍA CANCLINI, 2000, p. 73-74).

Para comprovar a evidência desta diversidade sociocultural, basta olhar para o Brasil que – ao longo de processos históricos de exploração econômica e dominação cultural – teve contato com diversos povos que hoje integram a nação brasileira. É importante destacar que mesmo constituindo uma nação o grupo não é unificado, mas sim, território de diversidades. Hall (2003) lembra que nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero.

Esses grupos híbridos estabelecem relações de trocas que, em grande parte, ocorrem a partir da mídia. Esta é, portanto, componente chave no processo de trocas socioculturais. García Canclini (2009) chama a atenção para as diversas formas com que os aspectos cognitivos e socioculturais estão distribuídos e são apropriados, “pois geram diferenças, desigualdades e desconexões” (p. 225). O autor evidencia que existe uma problemática da diferença, visível principalmente nas práticas culturais, e uma problemática da desigualdade que se manifesta, sobretudo, como desigualdade socioeconômica. Para o autor, abertura de fronteiras nacionais e a liberalização comercial durante os últimos vinte anos acumularam evidências de, praticada sob regras neoliberais, tal abertura acentua a desigualdade preexistente entre países fortes e fracos, desenvolvidos e pobres. Santos (2007) também trata da bipolarização do mundo, a que chama de pensamento abissal – um sistema de distinções, que abre abismos visíveis e invisíveis, que separam povos em dois mundos: norte-sul, civilizado-selvagem, colonizador-colonizado.

De acordo com García Canclini (2009), o grupo dominante desloca para um sistema conceitual de diferenciação e classificação a origem da distância entre classes, pois coloca o motivo da distinção social fora do cotidiano, no simbólico e não no econômico, no consumo e não na produção. “A cultura, a arte e a capacidade de desfrutá-las aparecem como ‘dons’ ou qualidades naturais, não como resultado de uma aprendizagem desigual devido à divisão histórica entre as classes” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p.81). Esse desequilíbrio está ancorado na ideia de hierarquias sociais.

Conforme Cuche (2002), as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais, pois existe uma



hierarquia entre as culturas que resulta da hierarquia social. “Pensar que não há hierarquia entre as culturas seria supor que as culturas existem independentemente umas das outras, sem relação umas com as outras, o que não corresponde à realidade” (, p. 144). Para o autor, o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação com os outros, o que também é abordado por Martín-Barbero (1997). Tal abordagem tem influência direta na propagação de conteúdos simbólicos pela mídia.

## 2.5 Ver o outro por meio do discurso jornalístico

Ainda no século XVIII, quando a configuração das cidades estava no estágio inicial de formação, o jornal passou a representar o tipo de comunidade imaginada da nação, segundo Anderson (2005). A aglomeração de comunidades intensificou as relações sociais e a expansão urbana intensificou a hibridação cultural, conforme lembra García Canclini (2000). A imprensa tornou-se a mediadora deste ambiente simbólico.

Segundo García Canclini (2000) as culturas latino-americanas tinham no início do século XX aproximadamente 10% de sua população nas cidades. Na virada para o século XXI cerca de 70% das pessoas se concentravam nas aglomerações urbanas. O autor destaca que essa configuração social sofreu uma rápida mudança: passou de sociedades dispersas em milhares de comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas – em algumas regiões com fortes raízes indígenas, com pouca comunicação com o resto de cada nação –, a uma trama majoritariamente urbana, em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação.

A mídia passou a transmitir a informação e o entretenimento em domicílio, antes encontrados nas praças e nos salões de chá. Uma nova situação histórica apareceu a partir do momento em que as sucessivas revoluções industriais dotaram os países chamados de desenvolvidos de máquinas para fabricar

produtos culturais e de meios de difusão de grande potência. A fabricação de produtos culturais foi empreendida, na maioria, pela iniciativa privada, que viu fontes de desenvolvimento econômico no potencial simbólico presente nas diversas culturas. “Estes países podem, agora, jogar no mundo inteiro, em massa, os elementos de sua própria cultura cujo regime é novo, *sui generis*” (Warnier, 2003, p. 26). Nestes mercados, as tecnologias são aprimoradas a cada dia, o que facilita a difusão de bens culturais.

No entanto, não se impõe, como há anos se temia, uma única cultura homogênea. Conforme evidencia García Canclini (2009), os novos riscos são a abundância dispersa e a concentração asfixiante. O autor adverte sobre as tendências homogeneizadoras e, ao mesmo tempo, enfatiza a ameaça de acreditar que a modernidade só uniformiza. Ainda que essa seja a tendência, seria injusto não indicar que às vezes os meios massivos também contribuem para superar a fragmentação.

É importante salientar que o ritmo intenso da vida social amplia a tendência ao afastamento nas aglomerações urbanas, a seletividade comunicativa, como nota o autor. Ao passo que essa nova temporalidade reforçou as relações de troca, reforçou o individualismo e a solidão, ampliou a busca pelo outro de forma indireta, a partir da mídia, justamente porque mantém um distanciamento seguro com o outro. Na medida em que informam sobre as experiências comuns da vida urbana, os conflitos sociais, a poluição, que ruas estão engarrafadas em determinadas horas, os meios de comunicação – principalmente o jornalismo – estabelecem redes de comunicação e tornam possível apreender o sentido social, coletivo, do que acontece na cidade. “Ao relacionar patrimônios históricos, étnicos e regionais diversos, e difundi-los maciçamente, coordena as múltiplas temporalidades de espectadores diferentes” (GARCÍA CANCLINI, 2000, p. 289).

Para a difusão destes sentidos são necessários mediadores, profissionais considerados intelectuais por Ortiz (1985). “São eles que descolam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam a uma totalidade que as transcende” (p. 140-141). Dessa forma, um risco presente no exercício profissional do jornalista é forçar a unificação destas manifestações socioculturais ou acentuar o discurso da diferença (que nega o respeito ao outro e

origina o preconceito). Isso ocorre quando o jornalismo reproduz discursos de classes dominantes como se fosse a voz de todas as gentes, já que o jornalismo se constitui como integrante do jogo de poder. Ao privilegiar um grupo, o relato jornalístico contradiz o que defende sobre si próprio: que é plural e democrático.

Quando os próprios meios de comunicação assumem uma postura de transmissores de interesses, conforme salienta Marcondes Filho (2002), a audácia e a criatividade jornalística perdem terreno em relação ao conformismo e à repetitividade mercadológica. “E de mediadores, a seu modo, entre o Estado e as massas, entre o rural e o urbano, os meios tenderão cada vez mais a constituírem-se lugar de simulação e da desativação dessas relações” (MARTIN-BARBERO 1997, p. 249). Perde-se aí, enormes oportunidades de dar voz para toda a população, de mostrar a força e a fragilidade humana de todas as gentes e não de apenas um grupo.

Ao deixar de tratar da diversidade, o discurso jornalístico acentua o compartilhamento de ideias estereotipadas e preconceituosas. Reforça o afastamento e a exclusão. Vale enfatizar que o que separa um ser humano de outro, o que faz classificar um semelhante de forma brutal e aniquila o olhar diante do outro é chamado por Restrepo (1998) de analfabetismo afetivo, esse medo de aceitar sentir, a derrota de não aceitar a fraqueza, a negação do afeto. Segundo o autor, como nós seres humanos só podemos nos descobrir nos espelhos deformantes que a cultura nos oferece, “hoje podemos constatar que o pesadelo do homem-máquina, tão perseguido pelo ocidente, também serviu para ratificar de maneira profunda e certa a autêntica dimensão do humano” (p. 19).

Neste ponto é preciso falar de alteridade, pois todos estão em constante relação com o outro na atualidade, seja pelo contato direto nas redes sociais; pelas inúmeras formas de acesso ao outro (telefones, vídeochamadas, salas virtuais de bate-papos); ou ainda, de maneira indireta, mediados pelo jornalismo; pela novela; pelos filmes. Basta abrir uma revista, ligar a TV ou o rádio, por exemplo, para estar em relação com outras pessoas. Wolton (2004) salienta, portanto, que o limite de toda a comunicação é o outro.

De acordo com o autor, as realizações técnicas não bastam para aproximar, mas, principalmente, ao tornar mais visíveis os diferentes pontos de vista, elas tornam também visível tudo o que os distingue. “Terrível experiência! *A comunicação que deveria em princípio aproximar os homens serve na realidade para revelar tudo que os afasta...*” (p. 37 – itálicos do original). O autor questiona como reencontrar a alteridade quando tudo é proximidade e enfatiza que é preciso tempo para compreender-se:

Com a simultaneidade, o outro se impõe mais rápido e agride cada vez mais, pelo simples fato de estar presente. À distância, ele é menos embaraçoso. Outrora, o tempo do deslocamento permitia preparar-se para o encontro com o outro; hoje, esse espaço tendo desaparecido, o outro é quase imediatamente presente, o que o torna mais rapidamente “ameaçador”. (WOLTON, 2004, p. 75)

O autor lembra que tais contatos são motivados pela necessidade que o ser humano tem de falar e de ser ouvido ou, ao menos, de ter a sensação de ser escutado. Como o jornalismo tem a função de escutar o outro de forma plena, maior ainda é sua responsabilidade diante do acesso facilitado às diferenças. Medina (2008) defende que o repórter alcança esses propósitos quando tem empatia e busca compreender o outro, é solidário às dores universais. Alberto Dines também considera a disponibilidade para a alteridade como uma das habilidades necessárias ao jornalista:

*Weltanschaaung* (concepção de mundo) e *Weltschmerz* (dores do mundo) são duas expressões do jargão filosófico pouco usadas em uma redação de jornal. Mesmo o jornalista que as ignora as tem presentes no seu comportamento diário. [...] A fome da África, os apátridas do Chile, a coragem dos dissidentes soviéticos, os heróis anônimos das obras monumentais são temas da atualidade, resultado dessa sensibilização generalizada para localizar o sofrimento do mundo, parte essencial do Ser jornalista. (DINES, 2009, p. 123 – itálicos do original)

A responsabilidade permanente nestes tempos de extinção de fronteiras econômicas, políticas, sociais e culturais, é de que o repórter perceba e compreenda as múltiplas realidades sem preconceitos. Vale recordar que o Artigo 6 da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural reafirma essa obrigação ao defender que ela seja acessível a todos:

Enquanto se garanta a livre circulação das ideias mediante a palavra e a imagem, deve-se cuidar para que todas as culturas possam se expressar e se fazer conhecidas. A liberdade de expressão, o pluralismo dos meios de comunicação, o multilingüismo, a igualdade de acesso às expressões artísticas, ao conhecimento científico e tecnológico – inclusive em formato digital – e a possibilidade, para todas as culturas, de estar presentes nos meios de expressão e de difusão, são garantias da diversidade cultural. (UNESCO, DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL, 2001, p. 3)

Assim, os meios de comunicação têm a responsabilidade de estarem sempre próximos de seus públicos. O jornalismo, mais especificamente, tem a obrigação de ouvir seus entrevistados com atenção, sem estereotipá-los. De acordo com Fontcuberta (2006), a proximidade é um fator chave para que os meios de comunicação exerçam seu papel fundamental: de servir de conexão entre as pessoas e as sociedades em que vivem. Isso deve acontecer sem que haja posicionamentos preconceituosos das empresas jornalísticas, pois isso têm reflexo direto na formação de opiniões compartilhadas. Quando ocorre o inverso, o jornalismo passa de mediador das opiniões de conflito – onde estão em jogo a diversidade e a diferença – para o papel de operador da discriminação.

É uma linha delicada, pois cada sistema cultural está sempre em mudança. Laraia (2009) defende que entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. O autor destaca que da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é

necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

O outro, conhecido através do discurso jornalístico, deve ser aproximado de seus semelhantes a partir de práticas jornalísticas igualitárias, que deem espaço aos diversos discursos presentes no contexto social. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros também se refere à defesa dos princípios contidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>25</sup>. No Artigo 6º, Inciso XI, afirma ser dever do jornalista: “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias”. O documento estabelece, ainda, que é dever do jornalista defender a soberania nacional em seus aspectos político, econômico, social e cultural, além de preservar a língua e a cultura do Brasil, respeitando a diversidade e as identidades culturais.

A responsabilidade do repórter ganha maior dimensão em um cenário cada vez mais exigente de narrativas sociais, visto que as sociedades contemporâneas são ainda mais plurais, complexas e diversificadas. É desafiador, pois, como lembra García Canclini (2009), “não dispomos de nenhum sistema de pensamento suficientemente compreensivo para abarcar tantas proximidades e, menos ainda, a variedade de interações e intensidades entre as quais nos movemos” (p. 177). A partir desta perspectiva, o repórter precisa situar-se entre diferentes grupos para atuar como o mediador desse espaço diversificado.

Dessa forma, deixar-se preencher pelos diversos mundos está entre as necessidades dos jornalistas para seu exercício profissional. Ser repórter, integralmente, organicamente, é não negar que integra a realidade. É permitir-se ser, estar e sentir o mundo, para poder então reportá-lo. É aproximar diferentes

---

<sup>25</sup> A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. O documento está disponível no site do Ministério da Justiça, em [http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm). Acesso em 21 maio 2012.

pessoas por meio da narrativa. “O Desejo do Outro, que nós vivemos na mais banal experiência social, é o movimento fundamental, o elã puro, a orientação absoluta, o sentido” (LÉVINAS, 1993, p. 57). Ao exercer a alteridade por meio do relato jornalístico, a relação entre aqueles distantes será de trocas, não de ódio ou discriminação.

Portanto, a dimensão humana não estereotipada, relatada nas narrativas jornalísticas serve como uma ponte de solidariedade para com os destinatários das mensagens, dos sentidos. Freire (1983) já dizia que o verdadeiro compromisso é a solidariedade. No jornalismo este compromisso se traduz numa visão de mundo aberta, que aceita as complexidades humanas e as relata organicamente, sem estratificar nem segmentar.

No próximo capítulo será possível observar como a revista *Brasileiros* exerce seu compromisso de relatar a diversidade sociocultural brasileira por meio de suas reportagens.





### 3. NARRATIVAS DA DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL BRASILEIRA

#### 3.1 Capas e reportagens de *Brasileiros*: mensagens incongruentes

Conforme apresentado no primeiro capítulo, a proposta editorial da revista *Brasileiros* foi anunciada já na primeira edição, e destacava que a equipe assumia o compromisso de trazer reportagens sobre brasileiros de todas as regiões e de fora do país. Segundo o texto do editorial número 1, ao longo das edições, o leitor conheceria brasileiros célebres ou anônimos, bonitos ou feios, ricos ou pobres, alegres ou tristes, conservadores ou revolucionários.

A primeira capa estampava a fotografia do ator negro Lázaro Ramos, com a chamada para a matéria *Preconceito: uma praga que divide o Brasil*. Delineava-se uma proposta editorial que pretendia ultrapassar o eixo Rio de Janeiro - São Paulo - Brasília e tratar da diversidade sociocultural brasileira em seus diferentes contextos. Os repórteres estariam incumbidos a ir atrás de cada um desses personagens para trazer o Brasil até o leitor.

Ao ponderar sobre a capa da edição 1 da revista *Brasileiros* – ponto de partida para a composição do *corpus* de análise – percebi que, ao elencar as demais capas integrantes do *corpus*, emergia uma desconformidade com a proposta inicial da revista. Como a opção metodológica foi pela pesquisa qualitativa, com atenção às estratégias comunicativas, à construção de personagens, ao foco narrativo e às metanarrativas, com recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, proposta por Motta (2010), conforme apontado no Capítulo 1, compus uma primeira etapa de estudo exploratório, buscando não restringir os materiais de análise apenas ao teor manifesto nas reportagens.

Decidi compor a primeira etapa da pesquisa com a análise das 48 capas das edições mensais da revista desde a sua primeira

edição, em julho de 2007, até a edição 48, de julho de 2011<sup>26</sup>. O intuito foi averiguar se o propósito editorial de tratar da diversidade sociocultural brasileira se cumpria nas manchetes e fotos principais das capas, que é o primeiro contato do público com um veículo impresso. Para Scalzo (2003), toda revista precisa de uma boa capa para conquistar seus leitores. Principalmente na venda em banca é a capa que convence o leitor a levar uma revista para casa. A capa de uma revista demonstra o que o veículo julga ser de interesse público, por isso, visa o reconhecimento, a identificação com o tema ou personagem trazido na capa.

Desse modo, o estudo exploratório permitiu extrair alguns dados quantitativos relevantes. De acordo com Lopes (2003) defender uma combinação de técnicas qualitativas e quantitativas é reconhecer as vantagens metodológicas de cada uma, bem como seus limites epistemológicos. A fim de abranger a diversidade sociocultural brasileira elenquei as categorias gênero, faixa etária, profissão, região, raça, a caracterização dos personagens (se eram célebres ou anônimos; urbanos ou rurais), bem como se as matérias de capa faziam referência à religião e à política<sup>27</sup>, qual era o tema predominante, o gênero textual (reportagem ou entrevista) e a forma de abordagem do tema.

A partir dessa apreciação constatei que as capas da revista dão destaque, na maioria, às pessoas pertencentes à faixa etária adulta, seguida de idosas. Jovens e crianças representam a minoria retratada na capa, conforme Tabela 1.

---

<sup>26</sup> São 48 edições (de julho de 2007 a julho de 2011) porque a Edição 6 agrupou os meses de dezembro de 2007 e janeiro de 2008.

<sup>27</sup> Como já destacado anteriormente, as categorias levaram em conta a frequência com que os elementos gênero, faixa etária, profissão, região, raça, e religião aparecem nos materiais jornalísticos da atualidade. Tais elementos também são constitutivos do que se entende por diversidade sociocultural, que considera aspectos culturais, sociais e econômicos, conforme a Declaração da Unesco (2001).

Tabela 1 – Referência à faixa etária

<b>Faixa etária</b>	<b>Percentual</b>
Adulto	52%
Idoso	29%
Jovem	11%
Criança	8%

Fonte: da autora (2012)

Na questão de gênero, das 48 capas analisadas, a maioria tratou de homens, como pode ser observado na Tabela 2. Vale ressaltar que dez capas traziam figuras não humanas (como animais, navios, e números nas edições de aniversário, por exemplo) e tratavam de temas que não faziam referência diretamente ao gênero.

Tabela 2 – Referência ao gênero

<b>Gênero</b>	<b>Percentual</b>
Homem	56%
Mulher	21%
Travesti	2%
Figuras não humanas	21%

Fonte: da autora (2012)

Com relação às regiões brasileiras, a maioria remeteu à região Sudeste, seguida da região Nordeste e depois Centro-Oeste. As regiões Sul e Norte foram diretamente evidenciadas nas capas apenas uma vez cada uma. Houve duas capas que se referiam ao exterior.

Tabela 3 – Referência às regiões brasileiras

<b>Região</b>	<b>Percentual</b>
Sudeste	58%
Nordeste	22%
Centro-Oeste	16%
Sul	2%
Norte	2%

Fonte: da autora (2012)

Dos personagens que foram capa nas 48 edições, 79% eram brancos, 13% eram negros, 5% pardos e 3% amarelos (é importante destacar que algumas capas trouxeram mais que uma pessoa nas fotos). Quase a metade foi composta por pessoas célebres, apenas nove anônimas. As profissões e cargos abordados foram os mais diversos, como pescador, jornalista, escritor, pesquisador, com ênfase para presidentes da república, atores, cantores e profissões ligadas ao futebol.

O tema religião não foi tratado em nenhuma das manchetes de capa. Apenas nove capas fizeram referência a algum partido político (sendo sete referências ao PT, duas ao PSDB e uma ao PV). O Brasil rural foi manchete de apenas cinco capas do *corpus*, prevalecendo a referência aos brasileiros urbanos. Quanto ao gênero textual, grande parte das manchetes de capa remetia a reportagens.

Outro dado interessante, por exemplo, é sobre o tipo de abordagem dada às manchetes de capa: a maioria, 33 delas, trazem perfis profissionais. Da edição 17 até a edição 25, ininterruptamente, as capas apresentam matérias sobre a trajetória pessoal e profissional de pessoas célebres, sempre com uma abordagem otimista, de empatia, na forma de "ele é um exemplo a ser seguido", "esse é o cara", exatamente nestes termos. Vale destacar que ao longo do período observado, com frequência a revista também estampou em suas capas chamadas para matérias sobre preconceito, desenvolvimento econômico, proteção ambiental e algumas paixões brasileiras, como a cachaça e o futebol.

Notei um esforço em tratar de brasileiros de todas as idades, opções sexuais, estilos, lugares. Entretanto, a partir da análise das capas de *Brasileiros* fica evidente que para o veículo, o Brasil é predominantemente branco, masculino e adulto, além de destacar pessoas famosas.

O mesmo não foi constatado internamente, a partir da análise das reportagens, quando se constatou um equilíbrio na apresentação de relatos sobre o Brasil urbano e o rural. Os brasileiros anônimos representaram a maioria dos protagonistas das narrativas, que trataram de forma proporcional de homens e mulheres. Com relação à faixa etária, houve uma predominância de relatos de idosos, seguidos por adultos e jovens. Nenhuma reportagem do *corpus* tratou da infância.

Houve uma diversidade de atividades profissionais abordadas, com a presença de atores, professores, políticos, repórteres, empresários, produtores rurais, artesãos, jogadores, médicos, diaristas, presidentes, prefeitos, estudantes e aposentados. A predominância continuou sendo de temas sobre a região Sudeste, com algumas reportagens sobre a região Nordeste. Duas trataram da região Sul. As regiões Norte e Centro-Oeste apareceram nas reportagens analisadas apenas uma vez cada uma.

Sobre as características étnico-raciais dos personagens abordados nas reportagens analisadas, a maioria continuou sendo composta por brancos, seguida de pardos. Apenas duas matérias trataram de negros e duas trataram de indígenas. Houve apenas três reportagens que fizeram referência à religião católica e uma referência ao budismo. Uma matéria tratou do islamismo e do judaísmo.

O tema política foi tratado em oito reportagens do *corpus*, sendo que algumas fizeram referência a partidos políticos. Três referiram-se ao governo Lula (PT) e três explicitamente à figura do presidente. Uma reportagem contou com depoimentos de correligionários do PDT e do PTB.

Na maioria das vezes, as narrativas deram espaço à reportagem-perfil, destacando temas como cidadania e desenvolvimento socioeconômico, prevalecendo a abordagem

empática, evidenciando a espécie de um padrão ideal de cidadão brasileiro.

O fato de anônimos e idosos ganharem destaque nas reportagens estudadas demonstra uma incongruência com o que é revelado nas capas, onde famosos e adultos são maioria. Scalzo (2003) lembra que uma revista é um veículo de comunicação, um produto, assim sendo é um negócio, ou seja, visa lucro, sustentabilidade econômica a partir de sua venda em banca, por assinaturas e venda de anúncios. Embora as capas também busquem demonstrar a política editorial da empresa, ocupam importante papel nas estratégias comerciais do empreendimento.

No caso da revista *Brasileiros*, parece haver a intenção de conquistar o leitor a partir do primeiro impacto (capa) com personagens conhecidos do público, para que, já com a revista em mãos, o leitor conheça personagens anônimos do Brasil, o que talvez não chamaria tanto a atenção se já fossem anunciados nas capas. Portanto, mais do que uma preocupação editorial, a estratégia de inserir famosos na capa pode estar ligada aos aspectos econômicos, tendo em vista que a revista foi criada recentemente, e ainda está formando seu público.

A partir da análise das reportagens foi possível perceber o espaço dado pela equipe da revista ao relato de brasileiros famosos ou desconhecidos que, ao dividirem suas experiências de vida, trouxeram ao conhecimento dos leitores suas diferentes manifestações culturais e o desenvolvimento socioeconômico do país. A observação sobre a tessitura das reportagens, amparada por recursos da narratologia, permitiu que fossem conhecidas as estratégias comunicativas, os modelos de construção dos personagens, as opções de foco narrativo e as metanarrativas que emergem do discurso de *Brasileiros*, como pode ser visto no item seguinte.

### 3.2 A diversidade sociocultural brasileira na tessitura das reportagens

Eles são brancos, negros, pardos, indígenas e ocupam de um ponto ao outro o vasto território brasileiro. Na tentativa de aproximar os leitores dos diversos personagens do país, a revista *Brasileiros* adota, na maioria das vezes, a reportagem-perfil, a fim de mostrar como diaristas, médicos, aposentados, migrantes – e até o presidente da república – ajudam a construir o dia a dia de um país tão diversificado.

Vilas-Boas (2003) lembra que diferentemente das biografias, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. Segundo o autor, as reportagens do tipo perfis aparecem ocasionalmente em periódicos há mais de um século, mas foi a partir da década de 1930 que jornais e revistas começaram a apostar mais na construção de perfis. No início, os personagens mais retratados eram pessoas das artes, da política, dos esportes e dos negócios. “Esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior” (VILAS-BOAS, 2003, p. 22). De acordo com o autor, o perfil ganhou espaço na década de 1960 em revistas norte-americanas: *The New Yorker*, *Life*, *Esquire*, *Vanity Fair*, *Harper's* e *Atlantic* e no Brasil nas revistas *O Cruzeiro* e *Realidade*.

Entretanto, demonstrar um país a partir de seus personagens não é tarefa fácil, é preciso fugir de estereótipos, atentar aos costumes, aos modos de fala, aos posicionamentos dos entrevistados, entre tantos outros desafios. Um dos esforços é para realizar o diálogo dos afetos, conforme enfatiza Medina (2008) a fim de evitar reducionismos oriundos de uma ideia fragmentada de jornalismo. Para Vilas-Boas (2003), as reportagens de perfil são mais atraentes quando atizam reflexões sobre aspectos universais da existência, e tratam de temas como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, perda, separação.

Ao optar pela estética do perfil, conforme Vilas-Boas (2003) e Sodré e Ferrari (1986), evidencia-se a carga autoral da narrativa e o protagonismo do personagem, ou seja, as reportagens de perfil permitem diferentes modos de reportar.

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 126)

O modo de construção da narrativa – seu foco e sua estratégia – dá muitos indícios sobre seus personagens e os sentidos que dela emergem. Por isso, optou-se por apresentar a análise das reportagens em sua integralidade, sempre que possível, a fim de evitar a fragmentação do relato.

### 3.3 As múltiplas faces heroicas: brasileiros célebres e anônimos

Ao compor a amostra de análise foi possível perceber a frequência com que os personagens são comparados a figuras heroicas. Segundo Martinez (2004), a jornada do herói é uma estrutura narrativa que combina até doze etapas (cotidiano; chamado à aventura; recusa ao chamado; travessia do primeiro limiar; testes, aliados, inimigos; caverna profunda; provação suprema; encontro com a deusa; recompensa; caminho de volta, ressurreição e retorno com o elixir)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> De acordo com o verbete elaborado por Edvaldo Pereira Lima tal estrutura narrativa é “organizada numa combinação de estudos mitológicos de Joseph Campbell e da psicologia de Carl Gustav Jung, por Christopher Vogler, consultor de roteiros de cinema nos Estados Unidos. Utilizada por Spielberg e George Lucas. Adaptada para narrativas do real por Edvaldo Pereira Lima. Testada no ensino de jornalismo por Monica Martinez em tese de doutorado na ECA/USP. Publicada em livro pela Annablume/Fapesp, 2008”. Disponível na página eletrônica do Texto Vivo: <<http://www.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=>>>. Acesso em: 12 mar. 2012.



Conforme destaca Motta (2011), o herói é o mito mais antigo, mais comum e mais conhecido de toda a humanidade porque tem forte poder de sedução e importância psicológica profunda. Para o autor, o mito do herói guarda um enredo universal, prodigiosamente recorrente: “nascimento humilde, busca incessante, tentações de vários tipos, provas de sua força física ou moral, falibilidade frente a essas tentações, ascensão rápida à notoriedade, declínio por traição e, finalmente, morte e ascensão” (p. 185). O autor lembra que Joseph Campbell é o autor mais citado sobre o ciclo do herói, e chama esse percurso de herói de monomito. Sua universalidade, diz Campbell, “é produto da psique humana: o inconsciente envia permanentemente à mente as fantasias, terrores e ilusões fascinantes que trazem chaves para o domínio da aventura da descoberta do eu, ao mesmo tempo desejada e temida” (CAMPBELL *apud* MOTTA, 2011, p. 185).

*Brasileiros* compara personagens famosos ou desconhecidos aos heróis que integram a memória coletiva, sendo esse o traço mais marcante dos sentidos que emergem de suas narrativas. Contudo, não são apenas os famosos que recebem a alcunha de heróis. Personagens anônimos também ajudam a reconstruir a saga humana. Afinal, as narrativas jornalísticas de *Brasileiros*, quando analisadas em conjunto, evocam perfis ancorados, principalmente, nas trajetórias profissionais de cada entrevistado e, a partir daí, delineiam traços de valentia, cidadania, comprometimento. Isso foi perceptível na maioria das reportagens analisadas. A constituição do *corpus* possibilitou a análise de reportagens sobre célebres profissionais, destacados pela revista.

O perfil do ator baiano Lázaro Ramos foi matéria de capa da edição 42, de janeiro de 2011. A manchete *Este é o cara* evidencia esse tratamento dado pela revista. O conjunto de textos jornalísticos intitulados *Garoto mau* e *Garoto bom*, foi produzido pelos repórteres Alex Solnik e Marcelo Pinheiro em contextos e situações diferenciadas (uma entrevista e a outra reportagem, respectivamente). As fotos são de Luiza Sigulem. O intuito foi de constituir um perfil do ator, com diversas faces de sua vida.

Para esta análise, a seleção não incluiu uma das versões da matéria, intitulada *Garoto mau*, por se tratar de uma entrevista no formato pergunta-resposta, que aborda alguns aspectos da carreira

do ator, já que esta não permitia o emprego dos recursos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística para sua apreciação. A reportagem analisada, *Garoto bom*, refere-se ao lançamento do livro *A Velha Sentada*, primeira obra de Lázaro Ramos para o público infantil. A pauta prioriza alguns aspectos defendidos pela política editorial da revista *Brasileiros*, já que trata de um negro nordestino (que atualmente vive no Sudeste) e que tornou-se célebre a partir de sua atuação profissional.

Publicadas em sequência, as matérias *Garoto mau* e *Garoto bom* demonstram o uso de recursos com intuito de causar um efeito de humor. Na entrevista *Garoto mau* a foto de Lázaro Ramos ocupa uma página da revista, o ator olha sério para um ponto em sua diagonal. A foto pretende fazer relação com o personagem que foi protagonizado pelo ator na novela *Insensato Coração*, exibida às 21 horas, na Rede Globo (à época da entrevista, a novela estava sendo anunciada, ainda não havia sido exibida). Nas palavras de Lázaro Ramos, tratava-se de um anti-herói, com o qual ele não se identificou pessoalmente, já que afirmou preferir interpretar o tipo “bom rapaz”.

Já a matéria *Garoto bom* traz a outra face do ator, a sua vida pessoal e sua iniciante carreira de escritor. Nesta matéria, a foto de Lázaro Ramos ocupa também uma página da revista, e foi tirada no mesmo ângulo da foto que ilustra a entrevista anterior. Entretanto, na imagem escolhida para ilustrar a reportagem o ator está sorrindo e continua a lançar seu olhar para um ponto em sua diagonal.

Além das estratégias comunicativas estéticas, evidentes na apresentação gráfica do material jornalístico em que foi empregado o humor com a publicação de fotos com diferentes semblantes do ator (nas versões garoto mal, sério; e garoto bom, sorrindo), na reportagem também está presente outra estratégia, a de objetivação: construção dos efeitos de real. O repórter Marcelo Pinheiro escreve orações que dão precisão ao fato narrado: a frase que abre o texto é: “São 13h47 do penúltimo domingo de 2010”.

Ainda na abertura do texto, é possível perceber a preocupação em trazer dados descritivos para o leitor: “o agora escritor e celebrado ator chega esbaforido à Biblioteca de São

*Paulo*” e “*Carregando uma pequena valise vermelha, ele entra às pressas no camarim. Em dois minutos está de volta, vestindo um colete preto que cobre uma camiseta promocional*”. Com tais recursos, pretende que o leitor sinta-se presente na cena narrada, forme uma imagem com os recursos visuais e temporais oferecidos pelo jornalista. De acordo com Medina (2008), o resgate da cena viva exige a criação de um narrador que dramatize o que se passa à sua volta.

O repórter busca construir efeitos poéticos, com o uso de verbos de conselho: “*Não se deixem enganar. Como veremos adiante, muito além de estar ali por mera estratégia comercial, ele tem ‘mercadorias’ muito mais valiosas a oferecer*”. Emprega, também, adjetivos que trazem uma interpretação sobre o personagem. “*Figura rara nesse meio de celebridades frívolas – cercadas por seguranças e assessores de imprensa com suas interlocuções e restrições -, Lázaro é extremamente acessível e tem muito a dizer*”. A sequência de frases demonstra que, embora com dados objetivos, a revista permite que o repórter exerça sua subjetividade.

Na frase: “*(O ator) Personifica como poucos de seu meio a figura do ‘rapaz de bem’, cantado por Johnny Alf. Sua onda também é do vai e vem. Boas ações que provocam boas reações*”. Fica clara uma visão de mundo em que está presente a ideia de que o personagem é uma pessoa bem intencionada, que pratica boas ações. Além disso, o ator é negro, e alcançou sucesso no país que aboliu a escravidão negra há pouco mais de cem anos, onde, portanto, ainda existe muito preconceito. Afinal, “o autor da narrativa é um ser aberto aos demais códigos da experiência social que observa” (MEDINA, 2008, p. 98). O foco narrativo escolhido também possibilita a relação subjetiva, já que o repórter se coloca como “eu” que narra. Está presente, conversa, interage com o entrevistado.

Restam dez minutos para o início do bate-papo com os leitores, e ele sugere que eu aproveite para também iniciarmos nossa prosa. Tem outro compromisso de lançamento do livro, às 16 horas, em uma livraria de um dos maiores shoppings da Zona Norte da cidade, e está preocupado em

não termos tempo para conversar, depois do papo com os leitores. (*Brasileiros*, janeiro de 2011 – *Este é o cara – Garoto bom*, p. 62)

Tal estratégia comunicativa também contribui para a construção do personagem. Trata-se de uma pessoa responsável, segundo a narrativa. Ainda que a reportagem parta de um fato, o lançamento do livro, a narrativa busca outros episódios para compor a figura de Lázaro Ramos. No intertítulo “*Um grande brasileiro na estreia da Brasileiros*”, o repórter lembra que Lázaro foi o personagem que estampou a capa da primeira edição da revista, em julho de 2007. Destaca que, em reportagem de Chico Silva, que investigava as diversas facetas do preconceito, o ator com tranças jamaicanas deu seu testemunho e falou sobre sua trajetória de superação. Quarenta e dois meses depois, Lázaro volta à capa da revista.

Para contextualizar o leitor sobre quem “é o cara” que aparece na capa da revista duas vezes em menos de quatro anos, Marcelo Pinheiro abre outro intertítulo: “*O menino do Garcia*”, em que conta os principais fatos da vida de Lázaro Ramos. O repórter salienta alguns dos primeiros convites para trabalhos no cinema brasileiro na década de 1990, que não lograram muito sucesso ao ator principiante, como foi o caso de sua participação no filme *Cinderela Baiana*, que tratou da vida da dançarina Carla Perez.

Na época, o jovem de 20 anos exercia, há quase três, o cargo de técnico patológico, e fazia coletas de sangue, fezes e urina em um hospital público da capital baiana. Começou a estudar o ofício de ator aos 15 anos no Olodum e dedicava o pouco tempo excedente para o teatro. O mico cinematográfico rendeu um cachê de algo em torno de 30 salários mínimos e ele não hesitou em interromper as atividades no hospital. Ganhava um salário mínimo mensal, e o cachê equivalia a mais de dois anos de trabalho. (*Brasileiros*, janeiro de 2011 – *Este é o cara – Garoto bom*, p. 62-63)

Para conceber esse personagem, a narrativa volta à infância do ator e aproxima-se dos contos míticos de guerreiros, que atravessam momentos difíceis, sempre rumo à vitória, ao crescimento pessoal e às ações de bem comum.

“Nasci e fui criado no Garcia. Um bairro humilde de Salvador. Um lugar sem muitos recursos, mas eu também tinha muitos vizinhos e um quintal em minha casa. Acho que foi ele que me estimulou a ser ator. O quintal era um signo de proteção, mas ao mesmo tempo um mundo onde eu, dentro daquele terreninho, podia ser tudo o que eu quisesse. Morava com meus primos e fui criado por Helenita, uma senhora que hoje tem 86 anos de idade e é minha tia-avó. Meus pais não tinham condições de me dar uma boa educação e fui muito bem criado por ela, que nunca teve filhos, mas que chegou a cuidar de 16 crianças. A casa dela estava sempre aberta para quem precisasse de ajuda. Mesmo que não tivesse comida para todos, ela estava sempre disposta a ajudar mais um. Foi assim que vivi minha infância. Criado por essa mulher generosa e aprendendo a dividir, a ter bom humor para enfrentar a vida, amar a mim mesmo e a cuidar do outro. Os anseios desse artista famoso estão muito misturados com os anseios do cara que veio desse bairro pobre de Salvador. Ao receber o “microfone” da fama, percebi que não valia muito a pena ter esse microfone simplesmente para ficar ganhando roupa de graça e outros privilégios – que é o que muita gente famosa prefere fazer. Quem sempre fala por mim, mesmo quando me posiciono como ator, é aquele menino do bairro do Garcia”.  
(*Brasileiros*, janeiro de 2011 – *Este é o cara* – *Garoto bom*, p. 63)

Nesse ponto da narrativa, o repórter dá voz ao entrevistado. É ele que, com suas próprias palavras, narra sua trajetória. O texto se aproxima da jornada do herói (Martinez,

2004). Tal proximidade é sustentada por outras informações apresentadas na reportagem: o ator é um dos quatro brasileiros a representar o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em defesa das crianças. Além disso, o ator dirige o programa *Espelho* (idealizado por ele no Canal Brasil, onde discute a identidade brasileira). O livro aborda o tema infância (a menina Edith, personagem da obra, dá uma guinada em sua infância, quando descobre que tinha uma velha sentada dentro de sua cabeça).

A reportagem dá possibilidade, também, de conhecer o posicionamento religioso e político do ator: “*Nasci em Salvador e, naturalmente, minha religiosidade não teria como ser uma coisa diferente. Entendo um pouco de tudo e incorporo de tudo nessa maneira muito baiana de encarar a religiosidade*”. O tema política entra na pauta quando o repórter pergunta a Lázaro o que mudou de 2007 a 2010 (o tempo que passou entre uma entrevista e outra para a revista *Brasileiros*). Ao falar sobre política e sobre o desenvolvimento brasileiro nos últimos anos, o entrevistado ressalta que a autoestima dos brasileiros melhorou muito, graças à ascensão de classe social experimentada por milhões de pessoas, o acesso a bens de consumo e a estabilidade econômica. O ator diz ser inevitável falar do presidente Lula e salienta que foi muito saudável, “*o passo seguinte de colocar uma mulher no poder*”. O narrador transcreve a fala do entrevistado:

“Sou um cara que sempre votou no Lula e confiava cegamente nele. Acreditava que seu governo seria mesmo um governo com o povo no poder e esperava que ele acabasse com o fisiologismo, mas ele fez o contrário. Fez várias parcerias questionáveis e acordos que talvez até tivessem de ser feitos, mas que ignoravam o senso crítico. O Lula tirou essa inocência da gente. Mostrou que, infelizmente, certos conchavos ainda são necessários para conduzir o País. Ao mesmo tempo, várias coisas boas aconteceram”. (*Brasileiros*, janeiro de 2011 – *Este é o cara – Garoto bom*, p. 62)

O espaço dado ao tema é consonante ao posicionamento editorial da revista que, como já demonstrado anteriormente, revela abertamente sua identificação com o governo de Lula e de Dilma. O relato final do entrevistado – que é também a fala que encerra o bate-papo na Biblioteca de São Paulo – revela um sonho de Lázaro: não precisar mais falar sobre preconceito. *“Essa ainda é uma ferida aberta em nossa sociedade. Acho isso uma tremenda perda de tempo. Tanta coisa que a gente poderia falar e, entre outras coisas, estamos aqui discutindo isso”*.

Há duas pequenas fotos que ilustram as páginas seguintes, em que aparecem Lázaro e o público. A legenda agrupa as duas imagens: *“Exemplo: A origem humilde não inibiu a capacidade de Lázaro sonhar e transformar a própria vida”*. Deixa claro o significado de fundo: a narrativa traz evidências implícitas na construção do texto: o garoto mau, da ficção, não é um exemplo a ser seguido, pois é, nas próprias palavras do entrevistado, um anti-herói. Já a vida do ator, sua preocupação com a superação do preconceito e suas ações como escritor e representante da Unicef, trazem valores compartilhados pela sociedade brasileira, como a figura do bom rapaz, aquele que lutou e chegou lá.

A edição 8, de março de 2008, apresentou a reportagem *O monge da notícia*, que também conta a história de um personagem conhecido em todo o Brasil, o repórter Heródoto Barbeiro, de 62 anos. Na época, editor-chefe do Jornal da Cultura e no comando do Jornal da CBN havia 15 anos. A reportagem de Ricardo Kotscho, com fotos de Hélio Campos Mello busca, como já anunciado no subtítulo, desvendar o segredo de Barbeiro para enfrentar com bom humor uma jornada de trabalho de 17 horas diárias. *“Para descobri-lo, acompanhamos um dia na vida do monge Gento Ryotetsu”*, adianta Kotscho no subtítulo.

A estratégia narrativa adotada para traçar o perfil de Barbeiro foi de acompanhar a rotina do repórter que sai de casa às 5 horas da manhã. O intuito foi pesquisar seus contextos socioculturais, conversar com ele e com quem convive com ele e movimentar-se com o personagem por diversos locais, como sugere Vilas-Boas (2003) para a construção de perfis.

Repórter e fotógrafo chegam na hora marcada: “No horário combinado, ele apareceu todo lépido e sorridente, ainda ajeitando a gravata, na sala de visitas”. O narrador já demonstra quais são os ânimos do entrevistado e coloca-se na narrativa: “Ao ver a nossa cara derrubada naquela hora precoce da manhã, os dois em pé admirando uma imagem de Buda que domina o ambiente, ele achou graça. ‘Pensei que vocês tivessem desistido...’”.

As marcas de humor ajudam a evidenciar o propósito da reportagem, que segundo Kotscho é desvendar o mistério: “Como ele aguenta esta rotina, que começa no estúdio do Jornal da CBN, às 6 da manhã, e só vai terminar lá pelas 11 da noite, quando volta para casa depois de apresentar o Jornal da Cultura do outro lado da cidade?”. O repórter optou por seguir os passos de seu personagem para encontrar a resposta.

Nos parágrafos iniciais é possível conhecer particularidades da rotina do jornalista, como seus hábitos alimentares no café da manhã e o companheirismo da esposa que acorda cedo para poder conversar com Barbeiro, já que ele volta tarde. Ao longo da reportagem, que ocupa dez páginas da edição, Kotscho construiu cinco intertítulos com a mesma frase “Como ele aguenta?”, a fim de realçar os efeitos poéticos da narrativa e o tom de suspense para a resposta.

A caminho do trabalho, Barbeiro conta um pouco sobre sua trajetória, fala do pai, de sua quase morte por atropelamento de bonde e outras curiosidades, como sua intrigante mudança de profissão e a escolha dos nomes dos irmãos da família Barbeiro:

Estudou em diferentes colégios da região central, todos públicos. Depois que o bar do pai virou oficina, começou a trabalhar como ajudante de mecânico e borracheiro. Foi também office-boy de comerciantes da região, antes de se tornar professor ainda muito jovem, ofício que exerceu por mais de 20 anos. Caso raríssimo, só iniciaria sua carreira de jornalista depois dos 40, já formado em direito, além de história.



Heródoto não é do tipo autobiográfico. Só fala dele mesmo quando questionado. Com o distanciamento de quem está traçando o perfil de outra pessoa, não tem nenhum cacoete de famoso. "Meu pai cismou de colocar nomes gregos nos cinco filhos. Por coincidência, fui ser professor de história, mas meu irmão Hipócrates não é médico. O médico da família é o Aristóteles...". (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *O monge da notícia*, p. 56)

A personalidade do protagonista vai sendo desvendada por meio de seu passado, seus gostos, como andar a pé, praticar ginástica ou natação, dirigir sua Kombi branca movida a gás "*novinha em folha*", visitar seu sítio em Taiacupeba, distrito de Mogi das Cruzes. A narrativa, segue aproveitando as informações sobre o horário, a temperatura, conforme Barbeiro vai cumprindo seus compromissos como âncora e gerente nacional de jornalismo da Rede CBN, segundo o narrador "*dois dos muitos papéis que os Heródotos exercem conforme a hora do dia*". O intuito é denotar a temporalidade, mostrar o passar das horas e a infinidade de compromissos que vão sendo cumpridos pelo personagem da narrativa.

Os episódios são intercalados com algumas lembranças da equipe de Barbeiro, como o susto que provocou nos colegas com um quadro de pré-infarto, em 2006. Kotscho descreve o que vê enquanto o protagonista apresenta o jornal: "*Heródoto, sempre em pé, esfregando as mãos, gesticula e mexe o corpo todo feito um maestro de orquestra alemã para ler as notícias que não param de chegar. Não usa óculos*". Após narrar diversos momentos do trabalho do âncora, Kotscho lança outras vezes a pergunta *como ele aguenta?* Agora há um princípio de resposta.

"Eu aguento porque meu trabalho o dia inteiro é um só, tanto na rádio como na televisão, uma coisa é ligada na outra. Só faço isso. Não conseguiria mais dar aulas, por exemplo, teria de preparar e não tenho condições", tenta explicar, mas não convence nem a ele mesmo. Além do que, não é bem verdade. E as palestras? "Ah,

mas eu só faço palestras sobre jornalismo...". E os livros? (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *O monge da notícia*, p. 61)

O repórter demonstra sua inquietação diante de tanta disposição e relata que o próprio entrevistado estranha a insistência do repórter na pergunta, “*pois deve achar que a vida que leva é a coisa mais normal do mundo*”. Ao passo que o dia avança e os diálogos ocorrem, Kotscho descobre mais e mais afazeres de Barbeiro, como sua função de assessor de imprensa honorário da Sociedade Amigos de Taiapuêba, em proteção da Mata Atlântica. Um dos compromissos de sua agenda naquele dia é um almoço com militantes da associação.

O narrador destaca que às 17h20 o personagem chega “*com cara de quem está começando o dia*”, à TV Cultura para sua segunda jornada de trabalho, “*depois de dormir uma hora em casa, dar alguns telefonemas e conversar com os filhos*”. A estratégia é de construir a imagem de que Barbeiro é um homem trabalhador, forte, comprometido.

Também é evidente o suspense. Kotscho insiste em descobrir qual é a receita para Barbeiro se manter sempre sorridente e bem disposto em suas múltiplas atividades.

Como o dia está calmo de notícias, antes de se reunir com o editor-chefe do Jornal da Cultura, Ricardo Taira, ele decide me contar a verdadeira história do seu personagem oculto, que pouca gente conhece: o monge Gento Ryotetsu, nome de um patriarca budista que adotou quando passou a frequentar o templo dessa religião na Rua São Joaquim, na Liberdade. (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *O monge da notícia*, p. 62)

O narrador busca enfatizar o caráter de surpresa dessa descoberta e vai descobrindo detalhes engraçados desde a primeira vez que Barbeiro viu uma estátua de Buda até tornar-se um monge. Segundo o protagonista, isso o ajuda na prática jornalística porque o budismo busca o caminho do equilíbrio. O repórter mostra-se satisfeito por ter conseguido tal revelação: “*Muito bem, finalmente*

*entendi como ele aguenta essa roda-viva diária*”. O dia já vai chegando ao fim. Como Kotscho descobriu o segredo de Barbeiro para recarregar suas energias, despede-se e agradece ao entrevistado, que ainda vai trabalhar até às 23 horas. “*Esclarecido o mistério, missão cumprida, fomos tomar um chope no Bar do Alemão, como fazem os jornalistas normais que não se tornaram monges*”, encerra o narrador.

O segredo foi revelado. Tal resultado foi alcançado graças à estratégia comunicativa adotada, de acompanhar a rotina do personagem. Kotscho realizou, simultaneamente, entrevistas testemunhais e dialogais, conforme Lage (2002), a fim de incluir informações e impressões subjetivas, no caso da primeira; e detalhamento de pontos abordados, no caso da segunda modalidade de entrevista.

A reportagem também revela um trabalhador incansável, um cidadão exemplar, numa espécie de saga heroica contemporânea: a busca pela realização profissional a partir da luta em dois empregos, comum a muitos brasileiros. Vale lembrar que o mito do herói exerce grande poder de sedução e uma importância psicológica profunda.

As histórias dos heróis variam em detalhes e se modificaram muito na época moderna, mas todas guardam uma estrutura semelhante de nascimento humilde, lançamento em uma aventura, demonstração de sua força e falibilidade ante as tentações, seus triunfos e declínios. (MOTTA, 2011, p. 204)

Segundo o autor, a lógica dos heróis, suas inquietações, buscas, quedas e triunfos fascinam, mesmo na indústria cultural, porque permitem às pessoas, inclusive na atualidade, reviverem as aventuras humanas.

Já na capa da edição 38, de setembro de 2010, anunciava-se: *O (ex!) fumante inveterado Ricardo Kotscho entrevista Drauzio Varella, o antitabagista radical*. A reportagem de capa, *As sete vidas do doutor Drauzio*, de Ricardo Kotscho, com fotos Hélio Campos Mello, buscou mostrar o personagem em suas várias

facetas: professor, médico, pesquisador, comunicador, voluntário, escritor, cidadão. Kotscho, que na maioria das vezes adota o narrador em primeira pessoa, já adianta seu desafio logo nos primeiros parágrafos:

O mais difícil ao escrever uma reportagem sobre a vida de um homem chamado Drauzio Varella é descobrir por onde começar. Porque não é uma, são muitas as vidas simultâneas deste paulistano do Brás, filho de humilde família de galegos e portugueses, que perdeu a mãe aos quatro anos e, desde pequeno, nunca pensou em ser outra coisa na vida a não ser médico. “Nunca titubeei nesta escolha e nunca me arrependi depois”, constata ele, ao me contar como foi o caminho que percorreu para se tornar o Médico do Brasil, o profissional mais popular e admirado do País em sua área.

Na hora marcada, três da tarde da primeira segunda-feira de agosto, ele me convida para entrar em seu franciscano consultório no terceiro andar do prédio, em frente à entrada principal do Hospital Sírio-Libanês, na região central de São Paulo, um dos seus muitos locais de trabalho. Aos 67 anos, o doutor Drauzio Varella é um personagem asséptico e atípico. À primeira vista, nada nele chama a atenção. Nem a roupa, nem qualquer acessório que possa identificar sua profissão. Dispensamo-nos de descrever como ele é. Sua figura calva, magra e serena, todo o País conhece das noites de domingo na TV Globo, onde as séries médicas por ele apresentadas no Fantástico são campeãs de audiência desde a estreia, há dez anos. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 46)

O repórter narra de um ângulo privilegiado: é participante ativo da cena. Os adjetivos usados ajudam a constituir o perfil desse personagem conhecido da TV. Kotscho busca mostrar o que não é visto, sua história, seus dramas, seus desejos. Ainda que

destaque não ser preciso descrevê-lo, ressalta que é “*figura calva, magra e serena*”. O narrador segue à contramão do que é praticado na maioria das redações, onde se permite o uso da primeira pessoa somente em colunas opinativas. Para Vilas-Boas (2003) a restrição jornalística a esse foco narrativo é uma maneira utópica – e intransigente – de pretender que o narrador inexistia, e de querer padronizar. De acordo com o autor, informações e percepções não se acomodam em compartimentos estanques, principalmente nos perfis. O veterano da reportagem sabe disso, por isso, sua regra é sempre estar junto com os personagens no texto, de forma que deixa transparente seu processo de construção da narrativa, desde quando realizou a entrevista, o ambiente, até suas dificuldades durante o processo de construção textual.

A adoção do narrador é pelo relato cronológico, a fim de abranger todas as sete vidas de Drauzio Varella, o que também já esclarece ao leitor:

De professor de cursinho, um dos fundadores do Objetivo, a médico cancerologista e especialista em doenças infecciosas no serviço público e privado; de pioneiro no combate à Aids a médico multimidiático (primeiro, no rádio, depois, em jornais, revistas, na televisão e agora também na internet) e escritor de fina escrita com vasta obra publicada; de voluntário na assistência a presos do Carandiru e da Penitenciária Feminina a pesquisador de plantas silvestres para fins medicinais na Amazônia; de cruzado contra o tabagismo a maratonista, o conjunto da obra de Drauzio Varella é tão vasto que só pode ser contado em capítulos. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 46)

A estratégia narrativa adotada revela algo mais: para contar a vida desconhecida do famoso Drauzio é preciso tempo e espaço, pois trata-se de “*um brasileiro do bem*”, como evidência o repórter, são doze páginas dedicadas ao personagem (duas delas em entrevista pingue-pongue).

No *Capítulo I - O professor Drauzio: ainda estudante, fundador do Objetivo*, Kotscho traça a trajetória do fundador do cursinho que hoje é um grupo educacional, com diversos colégios no país e uma universidade em São Paulo. No *Capítulo II - O médico Drauzio: pioneiro no combate à Aids*, o narrador destaca a fase em que Drauzio descobriu sua verdadeira vocação.

Por mais de 20 anos, trabalhou no anonimato, como diretor do Setor de Imunologia do Hospital do Câncer, até ser convidado, em 1985, para participar de um congresso na Suécia sobre uma nova e terrível doença: a Aids. Ao ver a projeção de slides feita por funcionários da Organização Mundial da Saúde, com imagens que o deixaram chocado, Drauzio se lembrou de um trecho da Divina Comédia, de Dante: “O pior dos infernos está destinado aos que nos momentos de crise se abstêm”. “Fiquei com essa ideia na cabeça. Era preciso alertar a população”. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 48)

O texto traz o drama vivido pelo personagem quando se depara com uma doença como a Aids. O repórter destaca que o tema o angustiou por algum tempo. Muitas vezes, conforme lembram Bird e Dardenne (1993), é preciso humanizar a narrativa, a fim de aproximar o fato dos leitores. Como ressaltam os pesquisadores, as “estórias” (que é como chamam esse tipo de narrativa) sempre tratam de personagens que trazem valores-notícias culturalmente compartilhados.

O protagonista conta, então, como encontrou uma solução para seu problema: “*Decidi escrever um artigo e entregou-o ao amigo Miguel Jorge, que ocupava o cargo de editor-chefe do jornal O Estado de S. Paulo. (...) Acabou aí o sossego do doutor*”, antecipa o narrador, que abre o *Capítulo III - O comunicador Drauzio: do rádio à TV, um médico multimidiático*. Nesse capítulo, traz informações desde suas primeiras gravações na rádio Jovem Pan, até como chegou à Rede Globo de Televisão: “*Foi uma série atrás da outra: gravidez, diabetes, hipertensão, tabagismo, verminose, obesidade (...). Drauzio nunca mais pode*

*sair à rua sem ser parado para dar consulta aos seus pacientes-telespectadores?*

No *Capítulo IV - O voluntário Drauzio: trabalho com presos vira livro e filme*, Kotscho conta as motivações que levaram o médico a atuar no sistema penitenciário, o que resultou, mais tarde, no livro *Estação Carandiru*, e o longa-metragem homônimo de Hector Babenco:

Drauzio Varella entrou na Casa de Detenção do Carandiru pela primeira vez para fazer um documentário educativo sobre Aids, financiado pela Perdigão. “Eu sempre fui fascinado por coisa de cadeia. Quando eu era criança, assisti a um filme, *Força Bruta*, com Burt Lancaster, que me despertou a atenção para esse tipo de ambiente. Quando fui lá fazer o filme, passei o dia inteiro na cadeia. E depois a cadeia não me saiu da cabeça. Fiquei pensando naquilo semanas, as imagens dos presos entrando e saindo das celas, aquele clima pesado. Tempos depois, voltei lá para fazer um estudo para identificar HIV positivos na cadeia.”

(...) A pesquisa durou um ano, mas Drauzio não saiu mais do Carandiru, trabalhando lá como médico voluntário na assistência aos presos, até o velho prédio ser implodido em 2002. Criou uma rotina de visitas semanais, às sextas-feiras pela manhã. Levava vídeos musicais e educativos para atrair a atenção dos presos e depois dava aulas sobre como se prevenir de doenças contagiosas, além de responder a perguntas. (*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 50)

Depois disso, Drauzio passou a trabalhar na Penitenciária do Estado, feminina, onde ressalta que há muitos problemas ginecológicos e emocionais. “*A mulher presa, ao contrário do homem que vai preso e sempre tem uma mulher que o visita, é abandonada pela família. (...) Cadeia de mulher é muito mais complexa*”. O narrador dá espaço para que o entrevistado comente

sua experiência, o que deixa transparecer a sensibilidade do protagonista e um comportamento cultural constatado no Brasil.

No *Capítulo V - O pesquisador Drauzio: em busca de novas curas, quase encontra a morte*, Kotscho narra um episódio que é contraditório ao que se espera do médico. O fato ocorreu durante uma viagem à Amazônia, onde desenvolve uma pesquisa. “Em 2004, foi em uma dessas viagens que o médico ficou doente e quase morreu. Por descuido, embarcou para a Amazônia sem tomar nova vacina contra febre amarela”. O trecho registra a humanidade do médico, ou seja, ele também corre o risco de morrer:

A sua (vacina) estava vencida havia mais de dez anos. Pegou uma febre amarela brava, que só foi diagnosticada em São Paulo, pelos médicos do Sítio-Libanês, quando seu estado de saúde já era gravíssimo.

“Fui acompanhando os exames que vinham e achei que, tecnicamente, eu ia morrer. Pensei comigo: vou entrar em coma hepático, vou começar a sangrar, vão me levar para a UTI... E aí, os médicos vinham e eu sabia, pelo convívio com os pacientes, o que ia acontecer comigo. Nesta hora, pensei o que faltou fazer na vida, e cheguei à conclusão de que não tinha faltado nada. Pela idade que eu tinha na época, eu tinha feito tudo o que eu queria fazer.”  
(*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 51)

Para produzir seus relatos, conforme Borrat (2006), os jornalistas devem fazer a sua exploração das subjetividades dos personagens envolvidos. “Eles têm que fazê-la, para atribuir significado e sentido aos dados objetivos, comprováveis e comprovados sobre a interação noticiável, e o comportamento desses personagens” (BORRAT, 2006, p. 317 – em tradução livre). O narrador não dá detalhes, apenas explica que Drauzio sobreviveu.

No *Capítulo VI - O cruzado Drauzio: ex-fumante virou inimigo nº 1 do cigarro*, é possível conhecer a realidade de Drauzio



na década de 1970, quando médicos e pacientes podiam fumar até dentro dos hospitais. O personagem era um deles e conta como decidiu largar o vício. A palavra “*cruzado*” refere-se à cruzada antitabagismo realizada por ele desde então.

“Um amigo meu, o ex-deputado João Batista Breda, tinha sofrido um infarto. Um dia, ele foi à minha casa e nós ficamos conversando a noite inteira. Eu já tinha diminuído bastante o cigarro desde o episódio dos Estados Unidos. Era uma sexta-feira. Eu tinha um maço de cigarros e ele também. Nessa noite, a gente fumou o maço dele, o meu e, quando foi às três da manhã, ele falou:

- Acabou o cigarro!

- Nossa! Nós fumamos tudo? Você teve um infarto e está fumando tudo isso?!...

Ele ficou sem graça quando eu falei e eu fiquei sem graça por ter falado isso para ele. Aí, fiquei pensando: que diferença tem entre eu e ele? A diferença é que ele já tinha tido um infarto, e eu não... Daquele dia em diante, eu não fumei mais na vida.”  
(*Brasileiros*, 38, setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*, p. 52)

O repórter prefere recompor as cenas do ponto de vista do entrevistado e as faz com base nas lembranças de Drauzio, inclusive com a transcrição direta do diálogo dos amigos. Nesse capítulo o repórter assume que é fumante, mesmo que “*meio envergonhado*”. A edição da matéria privilegiou um traço bem humorado dessa confissão, pois, internamente, na primeira página da reportagem há uma foto de Kotscho e Drauzio conversando no consultório (publicada em duas páginas), e a chamada: *O (ainda) fumante inveterado Ricardo Kotscho entrevista...* e na segunda página: *... o antifumante radical Drauzio Varella*. Durante o encontro o repórter ainda fumava, era agosto de 2010. Já na capa da revista, publicada em setembro, a manchete de capa é: *O médico do Brasil - O (ex!) fumante inveterado Ricardo Kotscho entrevista Drauzio Varella, o antitabagista radical*. Além de salientar a autoria do texto, uma das marcas da revista, a brincadeira enfatizou comportamentos do narrador e do

personagem. “O repórter captou um perfil humano. O depoimento desceu ao subsolo do entrevistado, afloraram traços de sua personalidade, revelaram-se comportamentos, valores. É a *humanização* conquistando um espaço na comunicação coletiva” (MEDINA, 2001, p. 51, *itálico do original*).

Em *Capítulo VII - O cidadão Drauzio: ateu praticante, quer tempo para escrever*, Kotscho quer saber de onde vem essa energia para comprar novos desafios sem abrir mão dos antigos. E revela: “*Para quem pensa que o médico acredita em alguma força espiritual superior a lhe guiar os passos, Drauzio faz questão de ir logo deixando claro: sempre foi ateu*”. É então que o repórter assume sua posição de narrador intruso, deixa evidente sua surpresa diante da revelação seguinte: “*Por estranho que possa parecer, em vez de buscar alimento para o espírito em alguma igreja, todo domingo o médico vai correr no Minhocão, o feio viaduto que liga as zonas Leste e Oeste da cidade e é interdito ao trânsito neste dia*”.

Conforme as categorias de narradores interpretadas por Leite (2002), pode-se dizer que o repórter assume a postura de narrador onisciente intruso, pois, nas frases seguintes predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. “Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 2002, p. 27).

O personagem revela que gostaria de ter mais tempo para escrever, embora já tenha produzido diversos gêneros, e ainda prometeu arranjar tempo para um encontro frequente com os carcereiros que conheceu no Carandiru. A última frase da narrativa é: “*Como as outras promessas que fez na vida, mesmo sendo ateu essa também vem sendo cumprida religiosamente*”. O repórter graceja com a falta de religiosidade do entrevistado, mas, ao mesmo tempo, reafirma que é uma pessoa de palavra, honesto, “*um brasileiro do bem*”, como já afirmou no início da reportagem. Drauzio é, portanto, um personagem referencial, conforme Brait (1985, p. 45), que remete a um sentido pleno e fixo, pois tal condição assegura o efeito do real e contribui para que seja designado herói.

Outro exemplo marcante do uso da estrutura heroica pela revista está na reportagem *Lula em ritmo de despedida*, de Ricardo Kotscho, com fotos Hélio Campos Mello, publicada na edição 41, de dezembro de 2010, que integra o especial *Valeu, Lula*, anunciado na capa desta edição.

Na foto de capa, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva acena um adeus na escada de embarque do avião presidencial. O *layout* é limpo, não há chamadas para outras matérias ao redor da foto, como ocorre na maioria das edições da revista. Apenas a expressão *Valeu, Lula*, publicada em caixa alta na cor vermelha, ocupa o centro da imagem, juntamente com o protagonista, que nessa cena não usa terno e gravata, mas uma calça preta e uma camisa branca.

Além dessa inscrição, há somente o cabeçalho da edição e um pequeno rodapé com a chamada para três matérias. O uso da cor vermelha na chamada de capa pode ser uma estratégia para prender a atenção mas, ao mesmo tempo, pode remeter às cores do partido do então presidente, já que sua camisa branca ganhou destaque, graças à iluminação da foto.

Internamente, o especial indicado com a retranscrição *Capa – Presidente Lula*, conta com a reportagem analisada; a entrevista pingue-pongue com Lula – feita por Hélio Campos Mello e Ricardo Kotscho, com a chamada: "*Eu briguei a vida inteira para ser presidente... Agora acabou... Graças a Deus, acabou bem...*"; o especial *8 anos em fotos* – com imagens do presidente capturadas pelo fotógrafo Ricardo Stuckert, da presidência; e *A opinião dos pensadores* – um balanço em diversas áreas do governo, segundo pesquisadores, a maioria da Universidade de São Paulo. São 28 páginas da revista dedicadas ao especial, além do editorial da edição.

A chamada *Valeu, Lula* faz referência, ao mesmo tempo, à coloquialidade da figura do presidente e à sua popularidade<sup>29</sup>, pois

---

<sup>29</sup> Dados da pesquisa do Consórcio Ibero-americano de Pesquisa de Mercados e Consultoria disponíveis em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/747702-lula-e-o-politico-ibero-americano-com-maior-aceitacao-popular-diz-pesquisa.shtml>> e do levantamento da CNT/Sensus disponíveis em

em 2010 foi o político ibero-americano com maior aceitação popular, com 74% de aprovação, segundo o Consórcio Ibero-americano de Pesquisa de Mercados e Consultoria; e chegou ao final de seus oito anos de mandato como o chefe de Estado mais bem avaliado do mundo, segundo levantamento feito pela Confederação Nacional dos Transportes (CNT) em parceria com o Instituto Sensus, que apontou o índice de aprovação pessoal de Lula de 87%.

A matéria analisada abre, em duas páginas, uma foto do presidente tocando violino ao lado de adolescentes. A legenda é a seguinte: *Valsa do adeus – De volta a Brasília, no final da tarde, Lula se diverte com jovens músicos da orquestra de uma escola de Palmas, Tocantins*. A imagem busca dar a noção de como o presidente se comporta no final de seu governo.

Ricardo Kotscho conhece Lula desde 1978, trabalhou como seu assessor de imprensa em três de suas campanhas presidenciais e foi secretário de imprensa e divulgação da presidência de 2003 a 2004. Na reportagem *Lula em ritmo de despedida*, deixa isso claro ao leitor logo nos primeiros parágrafos do texto, inclusive narrando em primeira pessoa:

Para quem o acompanhou em seus primeiros dias de governo, no longínquo janeiro de 2003, correndo de um compromisso para outro, em uma sequência interminável de eventos, encontros e discursos em diferentes cidades e países, por vezes no mesmo dia, até que essa agenda da viagem a Ribeirão Preto e Brasília, para acompanhar um dia na vida do presidente Lula, promete ser um passeio. Já procurando desacelerar o ritmo, como ele mesmo me falou no dia anterior, nas últimas semanas o presidente trocou os ternos por roupas esportivas e tem aproveitado as viagens para se despedir de lugares e personagens que foram importantes em seus oito anos de governo.

Em plena manhã de terça-feira, 23 de novembro, na reta final do segundo mandato, Lula ainda estava em São Paulo, vindo de seu apartamento em São Bernardo do Campo, que passa por uma pequena reforma para receber de volta o casal Silva. Embarcamos em Congonhas e, às 9 horas, pontualmente, como previa sua agenda, Lula é recebido ao pé da escada do avião por um grupo de autoridades e empresários da região de Ribeirão Preto, a “Califórnia Brasileira” – entre os quais, o usineiro Maurílio Biagi Filho, de 68 anos, que recebeu um forte e demorado abraço do presidente. Explica-se: os dois são amigos desde meados dos anos 1980, quando se conheceram em negociações salariais. Maurílio foi o primeiro grande empresário a apoiar Lula publicamente na campanha de 2002. (*Brasileiros*, 41, dezembro de 2010, *Lula em ritmo de despedida*, p. 68)

O repórter situa o propósito da reportagem, que foi acompanhar um dos últimos dias de Lula como presidente. Também descreve como ele está vestido e dá pistas de seus planos em final de mandato. Além disso, elenca alguns personagens secundários na narrativa, presentes nos ambientes pelos quais passa Lula no dia da entrevista com a equipe da revista. Como já destacou Mazini (2010) ao analisar outra reportagem de Kotscho na revista *Brasileiros*, esta também é construída como um relatório de viagem, já que o narrador, de fato, está viajando com o presidente, e assim traz suas observações pessoais sobre suas reações e as falas que tem com outros personagens que integram esse “dia de presidente”.

Kotscho optou por fazer uso da cronografia (Beltrão, 2006), trazendo informações temporais à narrativa, tal como ocorreram durante o dia que passou com Lula, além de descrever atitudes e ambientes: “*Dez e meia, primeira parada. Chegamos ao primeiro compromisso do dia no Terminal Terrestre da Transpetro, em Ribeirão Preto. (...) Lula já vai logo colocando o uniforme cor de laranja da Petrobras*”. O compromisso do então presidente é fazer a primeira solda simbólica durante a cerimônia

de início das obras do Alcoolduto São Sebastião-Paulínia-Ribeirão Preto-Uberaba, que faz parte do Sistema Logístico Integrado de Etanol.

O repórter traz falas de Lula, enquanto veste o uniforme: “*‘Antes, era uma dificuldade para a gente se vestir bem e, agora, já comecei a distribuir meus ternos e sapatos porque não vou ter onde guardar tudo quando voltar para minha casa’, conta Lula*”. Também evidencia falas dos operários que acompanharam Lula na solda simbólica: “*orgulho muito grande da gente fazer esta solda*”. Com a narração dessas cenas o repórter busca atribuir simplicidade à figura do presidente e destacar o sentimento de orgulho dos operários diante de sua presença, bem como a informalidade da fala desses personagens secundários.

Kotscho traz dados sobre a construção do alcoolduto e resume: “*Mas essa é outra história, que não cabe na reportagem sobre o dia do presidente Lula em ritmo de despedida*”. A sequência da narrativa esclarece que a segunda parada do presidente ocorre meio dia e meia, na cerimônia de balanço das ações do Governo Federal no setor sucroenergético, do período de 2003-2010.

No imenso auditório do Centro de Convenções, as 800 cadeiras estão ocupadas e mais umas 200 pessoas aguardam em pé a entrada do presidente Lula. Não se costuma ver plateias assim animadas em final de governo. O que não muda nunca é a chamada “nominata”, a relação de autoridades presentes, que cada uma delas repete quando começa a falar – uma das tradições mais abomináveis do ritual do cerimonial da Presidência.

Antes de chegar sua vez de falar, Lula ouviu oito discursos – e, portanto, oito “nominatas”, mas não mostrou aborrecimento. Ao contrário, estava do jeito que o diabo gosta: só ouvindo elogios de adversários e aliados políticos, líderes de sindicatos patronais e de trabalhadores, todos reunidos no mesmo palco, um cenário que marcou o seu governo. Até o último dia

9 de novembro, Lula tinha feito exatos 2.257 discursos em território brasileiro e ouvido pelo menos quatro vezes este número de falas, segundo as suas próprias contas. (*Brasileiros*, 41, dezembro de 2010, *Lula em ritmo de despedida*, p. 71)

O narrador faz a descrição topográfica, que concede mais ênfase a certos aspectos do que é observado, como massa ou volume, de acordo com a tipologia de Beltrão (2006). Também elogia a plateia, emite abertamente sua opinião sobre “tradições abomináveis” do protocolo e cita uma expressão popular (“do jeito que o diabo gosta”) para expressar a alegria do presidente.

A narrativa segue com dados do discurso do presidente e a coletiva realizada ao final do evento. Como o relato é cronológico, o narrador informa que às 14h40, novamente no carro, a caminho do aeroporto, Lula conversa ao celular com a presidente eleita Dilma Rousseff. Kotscho, que sempre relata os bastidores de suas reportagens, conta que “*sem reclamar de cansaço nem de fome, ao contrário da equipe da Brasileiros e outros integrantes da comitiva*”, o presidente prefere terminar a entrevista que concedeu no avião, antes que fosse servido o almoço. Então descreve o cardápio do almoço presidencial: “*Salada, frango assado, costela meio esturricada, farofa, arroz colorido, legumes e um prato de massa em forma de rocambole eram as ofertas que não chegavam a entusiasmar*”. O próprio repórter opina que o cardápio “*lembrava bufê de comida a quilo às três da tarde*”. Salienta que Lula, “*que sempre foi muito exigente com a qualidade na hora de comer*”, dessa vez não reclamou de nada. Parece evidente que o narrador expresse que a satisfação de seu personagem é tamanha que ele nem reclama da comida. O texto segue como um diário de bordo:

A nossa conversa é interrompida na hora do pouso. Às 16h30, Lula está de volta a Brasília e já tem um compromisso o aguardando na Base Aérea: uma apresentação da Orquestra Sinfônica e da Banda Marcial da Escola Municipal de Tempo Integral Eurídice Ferreira de Melo, a dona Lindu, mãe do presidente. Dois

ônibus, com 84 alunos entre 7 e 15 anos, saíram de Palmas, Tocantins, na noite anterior, mas ainda não chegaram ao aeroporto. Estão perdidos em algum lugar de Brasília. Assessores tentam um contato com os responsáveis para avisar que o avião do presidente já pousou. (*Brasileiros*, 41, dezembro de 2010, *Lula em ritmo de despedida*, p. 72)

O repórter destaca as ações do presidente durante a espera dos estudantes: “*Como um artista pop em turnê, o presidente troca rapidamente de roupa e desce do avião com uma ‘guayabera’ de cor azul bebê. (...)*”. O detalhe do figurino latino-americano é emblemático, já que a tradicional camisa é símbolo da resistência, escolhida pelo ex-ditador cubano Fidel Castro como vestimenta oficial do governo em 2010<sup>30</sup>.

Novamente Kotscho situa o leitor no tempo e aproveita para trazer algumas de suas lembranças de quando foi secretário de imprensa de Lula: “*Com 45 minutos de atraso, as crianças finalmente chegam. (...) Durante todo o governo, ironicamente, era Lula quem se atrasava para os eventos. Agora, no final, foi ele quem teve de esperar*”. O narrador conta que após a apresentação, Lula levanta-se e vai até uma pequena violinista na primeira fila e brinca com ela, questionando sua seriedade durante a exibição. A narração dessa cena busca reforçar o que é observado pelo narrador, que encerra a reportagem sintetizando essa ideia:

De bem com a vida, sem pressa para ir embora, Lula dá a segunda entrevista coletiva do dia, conversa com todo mundo e, feito diretor de cena, orienta as crianças e o fotógrafo Ricardo Stuckert na hora das fotos. “Sobe na cadeira, Stuckinha, para pegar todo mundo! Todo mundo sorrindo!” Antes que a festa acabe, o presidente pega um violino, senta em uma cadeira entre as

---

<sup>30</sup> Dados disponíveis em *Cuba transforma a tradicional camisa guayabera em vestimenta oficial do governo* <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/810802-cuba-transforma-a-tradicional-camisa-guayabera-em-vestimenta-oficial-do-governo.shtml>>, acesso em: 29 maio 2012.



crianças e faz pose, fingindo tocar o instrumento. O governo Lula está chegando ao fim. (*Brasileiros*, 41, dezembro de 2010, *Lula em ritmo de despedida*, p. 73)

A metanarrativa desta reportagem, o fundo moral de acordo com Motta (2010), é de um governo que deu certo com um presidente que – de origem pobre, sem formação superior, e bastante espontâneo – conseguiu conquistar o país e melhorar índices em diversos setores. Está presente a ideia de que não foi a elite, mas um governo popular que trouxe melhorias ao Brasil. Por isso a ênfase em descrever cenas que evidenciam Lula em sua humanidade desprovida de formalidades, o que muitas vezes contraria o imaginário compartilhado do que seria a figura de um presidente em um país capitalista como o Brasil.

As marcas de humor presentes no texto buscam indicar o estado de espírito de Lula que, de acordo com a reportagem estaria feliz e realizado, prestes a concluir dois mandatos. Demonstra também que o então presidente deu atenção aos repórteres da revista *Brasileiros*, inclusive recebendo-os a bordo do Embraer E-190, que faz o serviço de transporte de autoridades da Presidência da República. Lula, que ficou conhecido por seu conturbado relacionamento com a imprensa brasileira, estaria agora, dando espaço à mídia<sup>31</sup>.

Vale notar que o tratamento dado por Lula aos jornalistas durante seu primeiro mandato na presidência da república é exposto pelo próprio Ricardo Kotscho em sua autobiografia *Do golpe ao Planalto — Uma vida de repórter*, lançado em 2006 pela editora Companhia das Letras. Na obra, Kotscho relata sua trajetória de vida e profissional, desde que ingressou em um jornal de bairro da zona Sul de São Paulo, na época do Golpe de 1964,

---

<sup>31</sup> Além dos repórteres da revista *Brasileiros*, Lula também recebeu a equipe do *Domingo Espetacular*, da Rede Record de Televisão, que também o acompanhou em uma de suas últimas viagens e o entrevistou a bordo do avião presidencial. A matéria foi exibida na TV no dia 12 de dezembro de 2010. Disponível em <<http://noticias.r7.com/videos/domingo-espetacular-acompanha-viagem-de-lula-e-mostra-aviao-presidencial/idmedia/c53ff1752a23d786019850023c3c830c.html>>. Acesso em: 30 maio 2012.

até sua chegada o Palácio do Planalto, onde assessorou o presidente Lula.

No livro, o repórter destaca alguns de seus erros praticados no cargo (quando adotou estratégias de comunicação que não deram certo, por exemplo), e lembra que, mesmo sendo assessor da presidência, com frequência se viu trabalhando como repórter, buscando informações para os jornalistas antes do término das reuniões. Por isso, muitas vezes ouvia a queixa do presidente: “Você parece mais assessor *da* imprensa do que meu assessor *de* imprensa” (KOTSCHO, 2006, p. 256). Segundo Kotscho, para atuar na função de assessor de imprensa do governo é preciso se preocupar em ser as duas coisas ao mesmo tempo, caso contrário, o trabalho não serve nem para o governo nem para a imprensa, conforme salienta em sua obra<sup>32</sup>.

A reportagem também faz referência às relações de amizade que existem entre Lula e a equipe de *Brasileiros*. Tal relação é evidenciada textualmente na abertura na matéria da página seguinte, a entrevista pingue-pongue realizada por Kotscho e Hélio Campos Mello, também a bordo do “aerolula”:

Mais que uma entrevista de prestação de contas, essa foi uma conversa entre velhos amigos, três sexagenários que se conheceram no final dos anos 1970, na cobertura das históricas greves dos metalúrgicos do ABC comandadas por Lula - o líder sindical, o repórter e o fotógrafo da revista *IstoÉ* - que naquela época jamais

---

<sup>32</sup> Kotscho sempre se destacou por ser jornalista e militante político. Quando era correspondente na Europa, resolveu voltar ao Brasil para participar da redemocratização, no final da década de 1970. Foi quando Mino Carta, diretor da revista *IstoÉ*, convidou Kotscho a retornar ao país com trabalho garantido e a missão de “grudar no Lula”. Por isso sua dupla preocupação fica visível também no posfácio que escreveu para a obra *Do golpe ao Planalto*. O livro foi escrito entre dezembro de 2004 e dezembro de 2005, após sua saída do governo por questões pessoais e profissionais. A obra já estava em fase de finalização quando, diante dos casos de corrupção no governo que eclodiram na mídia, o jornalista sentiu-se tão incomodado com a situação que escreveu o posfácio *Um ano depois: a crise e a vida*, em que faz críticas à corrupção e sutilmente demonstrou sua frustração diante do projeto político do qual participou.

poderiam imaginar um filme com esse desfecho.

Falamos um pouco de tudo e, ao final da conversa, Lula parecia satisfeito consigo mesmo, com cara de missão cumprida.

Valeu, amigo Lula. (*Brasileiros*, 41, dezembro de 2010, "*Eu briguei a vida inteira para ser presidente... Agora acabou... Graças a Deus, acabou bem...*", p. 76)

O caráter autoral e opinativo é explícito, bem como a referência ao fato de o repórter e o fotógrafo terem participado ativamente dessa etapa da história do Brasil. Percebe-se claramente que a isenção, enfatizada como um dos princípios deontológicos do jornalismo, foram flexibilizados nos fundamentos editoriais da revista. Embora pareça contraditória, a opção da equipe segue o que para, Kovach e Rosenstiel (2004), são os princípios intelectuais da ciência da reportagem: “Nunca acrescente nada que não exista; nunca engane o público; seja o mais transparente possível sobre seus métodos e motivos; confie só no seu próprio trabalho de reportagem; e seja humilde” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 123). Mesmo assumindo esta postura, há um esforço em estabelecer um contrato cognitivo com o leitor.

A mediação da realidade desempenhada pelo jornalismo emprega impressões reveladoras não apenas das intenções ideologicamente direcionadas, mas elementos antropológicos como crenças, valores, desejos, éticas, morais e diversas outras nuances que fazem parte da cultura onde estão inseridos todos os membros deste processo de mediação. (MOTTA, 2004b, p. 35)

Ou seja, busca-se negociar sentidos, trazer informações objetivas e matizes subjetivas a fim de estabelecer trocas, compartilhar experiências com o leitor. Trata-se de um processo de mediação de informações em que os narradores assumem uma posição. Como destacam PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA (1996, p. 67), em se tratando de argumentação e envolvimento, “ser imparcial não é ser objetivo”, portanto, o oposto também é

válido: nem sempre as informações objetivas carregam imparcialidade, afinal, KOVACH e ROSENSTIEL (2004, p. 128) já destacaram que “no jornalismo, só explicando como sabemos o que sabemos podemos fazer com que o público possa, queira, reproduzir a informação. É isso o que significa objetividade de método na ciência, ou no jornalismo”. Essa estratégia de transparência para ganhar confiança e adesão do leitor fica nítida nas narrativas da revista *Brasileiros*, principalmente quando se trata de temas políticos.

Ao compor o *corpus* de análise levando em consideração reportagens que tivessem como foco a vida de personagens brasileiros, foi possível perceber a recorrência da ideia de cidadão exemplar, tipo de brasileiro a ser seguido, sentidos que emergem dos textos, como já destacado. Verón (1980) enfatiza que, apesar de não haver garantia de justaposição de sentidos que decorrem do processo comunicativo nas instâncias da produção e recepção, é a instância da produção que pretende definir quais os sentidos são postos em circulação. MOTTA (2004a, p. 119) reforça que “é do delicado equilíbrio entre o que o jornalista pretende como sentido (sua intenção) em sua notícia ou reportagem e o que o seu receptor confirma (ou não) que as significações se realizam”. Percebe-se que os repórteres de *Brasileiros* têm em mente também um leitor ideal, que compartilha desse posicionamento, uma espécie de brasileiros que acreditam em brasileiros. Dessa forma, os narradores sempre enfatizam os atributos de seus personagens tendo como pano de fundo um rol de valores de honestidade, afimco, cidadania.

A reportagem *A diarista*, de Marta Góes, com fotos de Ana Paula Paiva, foi publicada na edição 5, de novembro de 2007 e trata das habilidades de Arlinda Rocha e Silva, “*cujo talento para instaurar a ordem e a harmonia em casa é disputado por uma clientela que não abre mão de seus serviços*”, conforme já indica o subtítulo.

Marta acompanhou Arlinda na casa de alguns clientes, segundo conta ao final do texto. Há diversas fotos da personagem nos seus ambientes de trabalho e em casa, com a família. A narradora sabe bem do que fala, pois Arlinda trabalha em sua casa também. Marta escreve o texto em primeira pessoa, como narrador

intruso, segundo Leite (2002), pois relata suas impressões sobre a personagem.

Quando me deparei pela primeira vez com uma cama feita por Arlinda, hesitei alguns segundos, como se tivesse entrado num quarto desconhecido: a dobra perfeita do lençol, as fronhas passadas, os travesseiros fofos, a colcha impecavelmente esticada fizeram-me sentir num hotel. A partir daí ela me surpreendeu com infinitas habilidades: transformar roupas velhas em novas, lavar *cashmere*, roupas brancas e seda pura, tirar manchas de vinho das toalhas de mesa e de batom dos guardanapos, recuperar o brilho das panelas, ressuscitar samambaias, empilhar toalhas de banho em rolinhos compactos, removíveis sem derrubar a pilha inteira.

Ela adora cuidar de plantas e promove um intenso tráfego de mudas entre a sua casa e a dos patrões. "A primeira vez que a vi, ela carregava duas sacolas pesadíssimas e um antúrio para mim", diz Andrea, mulher de Macau e mãe de Tom, sua patroa às sextas-feiras. A lista de suas técnicas, que inclui chás curativos e produtos caseiros de limpeza, é inesgotável. Mas o talento mais espantoso é a naturalidade com que instaura a ordem e a harmonia, como se tivesse vivido sempre num palácio, cercada de requinte. E não foi assim. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *A diarista*, p. 58)

A narradora elenca as qualidades da protagonista e traz a fala de personagens secundários que ajudam a reafirmar o posicionamento de Marta. Relata que Arlinda viu um elevador pela primeira vez aos 14 anos, quando desembarcou em São Paulo, vinda de Vitória da Conquista, na Bahia. "*Até então, não conhecia vassoura ou rodo: varria com um maço de folhas de coqueiro o chão da casa de dona Dinalva, para quem foi trabalhar aos 9 anos*". Ao trazer tais informações para a narrativa, o intuito é de reafirmar que, mesmo sem ser criada com conforto, a diarista consegue oferecer bons serviços, organiza a casa atenta aos

detalhes. Mais um trecho confirma sua origem simples: *“Aos 16, em São Paulo, convidada para ir a um batizado, calçou o primeiro par de sapatos fechados. Para se acostumar ao desconforto que causavam, dormiu com eles nos pés. Jamais frequentou uma escola”*. Há uma síntese de episódios que demonstram a trajetória da personagem.

Marta explica que Arlinda está no auge de sua carreira, os 53 anos, pois tem cinco fregueses que a ocupam seis dias por semana, e pelo menos outros quatro em lista de espera. Narra então a cena de seu primeiro encontro com a diarista, num ponto de ônibus em frente ao Cemitério da Consolação, onde combinaram de se encontrar. *“Demorei a localizá-la e a chuva a alcançou primeiro. Estava encharcada, entrou no carro sorrindo e, típico de Arlinda, pediu desculpas, como se ela tivesse me causado algum incômodo, e não o contrário”*. O comportamento da diarista é permeado de requinte, conforme o relato da narradora, que prossegue:

Nesse primeiro dia, há quatro anos, e durante muito tempo ainda, ela se comportaria assim: aflitivamente cerimoniosa, pedindo licença para abrir cada armário, cada gaveta. Os cabelos baços presos na nuca, o rosto ensombrecido por manchas escuras em torno dos olhos, a sacola de onde tira uma muda de roupa para trabalhar - tudo em sua figura indica que é uma empregada doméstica brasileira.

Não bastasse chamar-se Arlinda Rocha e Silva, quase uma alegoria ao astral gentil, à resistência e à condição de cidadã comum, ela representa fielmente a categoria, constituída por 6,8 milhões de trabalhadores, dos quais 94,3% são mulheres, 61,8% são pretos e pardos, 75% não têm carteira assinada e 62% não concluíram o ensino fundamental. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *A diarista*, p. 60)

Marta traz dados estatísticos, recursos linguísticos que criam efeitos de real. Segundo Motta (2004b) nesses momentos, os

relatos se remetem ao grau máximo de objetividade. Marta também brinca com o que pode simbolizar o nome de sua protagonista. “Ao revés, quando ele deixa-se penetrar por percepções estéticas, cresce a subjetividade e as emoções transparecem e podem induzir o leitor a uma reação emocional” (MOTTA, 2004b, p. 44). Ao apresentar os dados objetivos, faz uma crítica à condição de trabalho dessas mulheres: “*Tecnicamente, são autônomas, e não podem usufruir dos direitos que a Constituição garante à categoria: salário mínimo, repouso semanal, férias remuneradas, contribuição para a previdência social*”. Situa sua personagem entre as diaristas que ganham mais de três salários mínimos (0,9%).

A narradora localiza a personagem no ambiente, conta que Arlinda vive com dois dos seis filhos na casa de sala, cozinha e dois quartos que ela mesma construiu, ao longo de 30 anos, no Jardim Santo Eduardo, bairro de Embu das Artes, município próximo à zona Sul de São Paulo. Um dos filhos construiu sua casa sobre a laje, onde mora com a família. “*Um riacho malcheiroso que passa pelos fundos do terreno causa inundações eventuais e constrangimento permanente a uma mulher que se orgulha de perfumar as casas alheias*”, destaca a antítese da narradora, que evidencia como a realidade da vida contraria as pessoas.

O relato busca uma aproximação afetiva do leitor:

Ao saber que ia ser tema de uma reportagem, chorou. Pela primeira vez em quatro anos, ela se sentou na sala, em minha casa, em Higienópolis, e contou sua história. Visitei-a em diversos endereços por onde circula - uma quarta-feira, mostrou-me como arruma em vasos as flores que Thaís deixa num balde, em seu pátio com banheira de ofurô, numa vila dos Jardins. Numa quinta-feira, recebeu-me diante dos janelões modernistas do Edifício Copan, um dos postais de São Paulo, entre cartazes e telas a óleo pintadas pelo dono da casa, Paulo. Numa manhã de sábado, fui encontrá-la na loja de Thaís na Galeria Ouro Fino, centro da moda *clubber* na Rua Augusta. Vi-a através da vitrine, entre as araras de peças coloridas e, não por acaso, bem passadas.

Em vez da camiseta de cor indefinível dos outros dias, vestia uma blusa de tons alegres e sandálias de plástico.

Carregava a bolsa a tiracolo que comprei em Veneza, há 15 anos, sua sacola de roupas e um volumoso saco de lixo para deixar no térreo, ao sair. Com segurança e cerimônia, guiou-me na viagem de ônibus até o Jardim Santo Eduardo, uma extensão infinita de lajes, grades, pichações e antenas de TV. Ligou no dia seguinte para saber se eu tinha chegado bem. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *A diarista*, p. 61)

Marta encerra a reportagem evidenciando a emotividade, o capricho e a solidariedade de sua protagonista. Nas duas páginas seguintes, a narradora optou por publicar *Cenas da vida da diarista* descoladas do texto principal. O leitor pode escolher qual cena vai atentar primeiro. A estratégia comunicativa torna-se evidente, como no trecho: “*Quando ninguém estava olhando, pegava um sabugo de milho, ajeitava a palha como um vestido e os fios amarelos como uma cabeleira. Foi a única brincadeira que chegou a experimentar*”. Busca causar admiração no leitor.

Em outras cenas, traz sutilezas da alma de Arlinda, como a vontade de ser cantora, pintora, decoradora e a paixão por Roberto Carlos, como quando quis comprar um pôster, mas o dinheiro não era suficiente. “(...) *consolou-se pensando que daria o nome de Roberto ao primeiro filho. Deu-o aos quatro: José Roberto, Paulo Roberto, Márcio Roberto e Willian Roberto*”. Há humor e tristeza no relato da vida de Arlinda:

Aos 16 anos, começou a namorar o porteiro do prédio. A patroa avisou que, se casasse com ele, perderia o emprego. Ela preferiu casar. Aos 24 anos, era mãe de cinco crianças, que sustentava sozinha lavando roupa para fora. Alcoolizado, o marido se tornava muito violento. Morreu há um ano, esfaqueado numa briga. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *A diarista*, p. 63)



A reportagem tenta demonstrar como Arlinda, de origem pobre e dona de uma simplicidade exemplar, conseguiu vencer, encontrar alegrias em sua vida. Apresenta a vida dessa anônima como exemplo, já que a retranca é *Perfil – profissões*. Arlinda é o modelo da mulher lutadora e bem-sucedida, mesmo na sua singeleza. Como já salientou RINCÓN (2006, p. 91): “A narrativa cumpre diversas funções: para impactar ou surpreender, ironizar, mostrar o incompreensível, o imprevisto ou paradoxal da natureza humana” (em tradução livre). Parece ser esse o intuito de Marta: aproximar o leitor de uma trajetória por vezes inacreditável, por ser controversa.

As narrativas, ressalta CULLER (1999, p. 93), expõem a difícil situação dos oprimidos, “em histórias que convidam os leitores, através da identificação, a ver certas situações como intoleráveis”. Está evidente, também, a tentativa de trazer valorização pessoal à própria personagem que, mesmo analfabeta, tem sua história narrada como uma profissional exemplar. GARCÍA CANCLINI (2009, p. 45) aponta: “qualquer prática social, no trabalho e no consumo, contém uma dimensão significativa que lhe dá sentido, que a constitui e constitui nossa interação na sociedade”. É a dimensão integradora, de compartilhamento de sentidos.

O mesmo pode ser observado em *A saga da candanga Luiza*, que trata da trajetória de Luiza Gomes Pereira de 85 anos, nordestina que se mudou para a capital federal em 1960. A reportagem faz parte do *Especial – 50 anos de Brasília*, que traz oito matérias, a maioria trata de personagens da capital.

A edição adotou um recurso não muito comum no jornalismo, pois o subtítulo da reportagem traz informações sobre a autoria e os bastidores da produção do texto: “*Menina ainda, a repórter Eliane Gonçalves ouvia as durezas da saga da família. Agora, pediu à avó, de 85 anos, que refizesse, passo a passo, os percalços na mudança da Paraíba para a Capital Federal*”. Afinal, Luiza é avó da repórter e esposa de um dos construtores de Brasília.

O título *Candanga* e o subtítulo foram publicados na primeira página da matéria, que traz uma foto em preto e branco,

diagramada em duas páginas da revista. A imagem mostra alguns homens sobre caminhonetes, retroescavadeiras e outras máquinas usadas na construção de Brasília, com a legenda: “*Corrida para o cerrado – Em fevereiro de 1959, havia 50 mil trabalhadores no canteiro de obras. E a cada dia chegavam mais*”. Vale ressaltar que a palavra *candanga*, que dá título à matéria, ainda que empregada no feminino, refere-se aos homens que se dispuseram a ser trabalhadores na construção de Brasília<sup>33</sup>.

A repórter optou pela narração cronológica, em que elenca os principais fatos e os narra dando um ordenamento temporal, inclusive abre intertítulos com os anos em que ocorrem os principais fatos. Embora a narrativa seja realizada em ordem crescente, na abertura da matéria há marcas de antecipação.

Marmeleiros, imburanas e xiquexiques. Foi na caatinga nordestina que Luiza Gomes Pereira cresceu, se casou, teve filhos. Do alto dos seus 5 anos, foi testemunha da revolução de 1930, na Paraíba. Viveu a política dos coronéis e ouviu com respeito e medo as histórias de cangaceiros. Ao longo dos anos, assistia a tudo com a distância imposta àqueles que do alfabeto aprenderam só o próprio nome. Construiu um futuro sem nunca ter sonhado com um. Cada desafio tinha o tamanho de um dia. Foram muitos, até se acostumar com pequizeiros e buritizais do cerrado. (*Brasileiros*, 33, abril de 2010, *A saga da candanga Luiza*, p. 86)

Em todos os momentos narrados é possível conhecer a personagem e a sucessão de episódios que ocorrem no país e na vida de Luiza. A narração é descritiva, em que é possível conhecer

---

<sup>33</sup> De acordo com verbete de Ernesto Silva, encontrado na página do governo federal: “Quando se começou a construir Brasília, candango era tido quase como termo ofensivo, desprimoroso, como que a indicar o homem sem qualidade, sem cultura, um pária da sociedade. Mas, aos poucos, o Candango trabalhador de Brasília passou a ser admirado no Brasil e no Mundo pela tenacidade, pelo esforço, pelo idealismo. E a expressão tornou-se um título de honra, pois só os que tinham peito e raça poderiam ser candangos”. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/brasilia/conteudo/historia/1956/a-chegada-dos-candangos>>. Acesso em: 18 maio 2012.

ambientes, roupas, cheiros, sentimentos, além de tratar da época e de circunstâncias temporais.

1955 - O jingle anunciava a candidatura de Juscelino Kubitschek. No comício, em Jataí, Goiás, o mineiro tornava pública a intenção de construir Brasília. Aquela altura, Luiza já tinha cinco filhos, perdido dois e nem se deu conta da discussão. Rádio era artigo de luxo em Itaporanga, distante 406 km de João Pessoa, e o interesse pelas questões nacionais era mínimo: “Só queria saber dos filhos e só saía de casa para a reza”. (*Brasileiros*, 33, abril de 2010, *A saga da candanga Luiza*, p. 86)

Sutilmente, a ironia se faz presente ao evidenciar a falta de atenção dada por Luiza ao fato que mudaria seu destino. A narradora continua a trançar fatos da vida de Luiza com a construção da capital no intertítulo 1956: “*Os primeiros candangos começam a chegar. Os operários vêm de Minas, Goiás, Bahia, Paraíba... (...) Em Itaporanga, Luiza olha para a roça: o marido colhe algodão*”. A repórter vale-se da descrição de uma cena feita por sua avó para contextualizar o tempo e o ambiente da narrativa.

No mesmo intertítulo, a reportagem assume um tom de denúncia das más condições de alimentação e moradia dos operários (o que se repete em outros intertítulos). Cita uma das histórias que, segundo a repórter, não virou notícia, mas ficou na memória dos pioneiros: o protesto organizado pelos trabalhadores contra a comida, no acampamento de uma das maiores construtoras, a Pacheco Fernandes. De acordo com Eliane, a versão oficial registra um morto. Conta-se que era domingo de carnaval e os homens da Guarda Especial de Brasília (GEB) chegam ao refeitório e atiraram. “*A história, contada de geração em geração, fala em chacina. Pelo menos nove pessoas morreram e cerca de 50 ficaram feridas. Só um jornal, de oposição a Juscelino, foi ao canteiro de obras apurar o que aconteceu*”. Há momentos em que a narradora é neutra (Leite, 2002), em outros se coloca de forma mais evidente na narrativa.

A reportagem conta apenas com falas e descrições da personagem principal. Seu marido, personagem secundário, só é conhecido a partir das memórias de Luiza. Inclusive, as declarações dele são dadas na voz da protagonista, por meio de suas lembranças.

Junho de 1959 - Francisco Pereira Cordão resolve enfrentar Brasília. Segue sozinho. Deixa para trás a mulher, Luiza, e cinco filhos. O mais novo, com 5 meses. “Valei-me, como senti medo... Chico não sabia ler. Não tinha dinheiro. Na hora em que ele pegou o pau de arara, que subiu no caminhão e se despediu de mim e dos meninos, falou: ‘Olha aqui, Luiza, eu só levo uma rapadura e um litro de farinha’. Eu chorei demais, corri no ‘seu’ Quincô e pedi 20 mil réis emprestados. Prometi: ‘No dia que Chico começar a mandar o dinheiro, eu pago’”. (*Brasileiros*, 33, abril de 2010, *A saga da candanga Luiza*, p. 86)

Somente nesse ponto do texto é possível conhecer o nome completo do marido de Luiza, Francisco Pereira Cordão, o Chico. A partir da fala da entrevistada se projeta o sentimento de dor e de pobreza dos personagens, se conhece a realidade do migrante que deixa a família com pouco e parte sem nada em busca de um futuro melhor.

Por meio do relato de Luiza se percebe como ocorre a organização social e econômica num pedaço do Brasil onde se dá um jeito diante das dificuldades, se empresta dinheiro do vizinho, e não de uma instituição bancária. Tal narrativa integra a memória nacional, pois é compartilhada por milhões de brasileiros que, a cada ano, deixam a segurança de seus lares rumo à esperança de melhores condições de trabalho e estudo (o Censo de 2010 observou uma redução na mobilidade espacial, mas os números continuam altos<sup>34</sup>).

---

<sup>34</sup> De acordo com o Censo Demográfico 2010, entre 1995 a 2000, movimentaram-se 30,6 migrantes para cada mil habitantes, ou seja, 5,1 milhões, já no período 2005 a 2010, observaram-se 26,3 migrantes para cada

No intertítulo *Dezembro de 1959* a repórter narra a volta de Chico à Itaporanga. “*Na mala, traz histórias e dinheiro*”. E então Luiza relembra: “*Chico voltou bonito, gordo, feliz... e queria que eu ficasse na Paraíba trabalhando na roça, pra ele voltar sozinho pra Brasília*”, conta a personagem. “*O marido fez a proposta e ouviu a resposta na hora: “Eu fico sozinha, nada! Com cinco filhos pra criar? Eu vou no teu pé, seja pra onde for”*. Chico avisou: “*Luiza, tu vai sofrer*”. A coloquialidade ocupa o centro desta cena, é possível conhecer o modo de fala dessa mulher nordestina, que prefere sofrer junto de seu marido em terras estranhas, a criar os filhos sozinha, na terra natal.

A reportagem segue descrevendo a longa viagem, onze dias no pau de arara. “*Durante o dia, a poeira da estrada. À noite, o telhado de estrelas. Custou caro*”, narra Eliane. O caçula Cícero adoeceu na viagem: “*Acho que foi o cheiro do fumo. Não conseguia comer nada. Fomos direto para o hospital das Pederneiras (atual Hospital de Base). Foram 22 dias... mas meu filho não saiu...*”. Após narrar as memórias de Luiza, Eliane assume com mais evidência a autoria do texto e expõe seus laços familiares: “*Meio século depois, minha avó ainda conta essa história com culpa, como se pudesse ter evitado. Também guarda um pouco de raiva*”. Ao narrar o episódio denuncia a irregularidade do transporte usado pelos nordestinos, que trazia gente e fumo na mesma carga, também evidencia a forma como os trabalhadores foram tratados no final das obras. Ao abrir um novo intertítulo, mais três meses se passaram.

Abril de 1960 - Faltava menos de um mês para a inauguração de Brasília. Era preciso arrumar a cidade para a festa e, nessa hora, operário não podia mais morar perto. O barraco da família ficava na Vila Amaury. Na hora do almoço, quando só havia mulheres e crianças, chegaram os caminhões. Tudo foi derrubado. Poucos dias depois, no lugar surgiria o Lago Paranoá.

---

mil habitantes, mais de 5 milhões. Publicado em 27 de abril de 2012.

Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/.../00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2012.

“Meu marido estava trabalhando nas obras, não soube de nada.” A família foi parar a uns 40 km de distância, num descampado que mais tarde seria batizado de Sobradinho, cidade satélite do Distrito Federal. “Meu marido só chegou 15 dias depois, onde eu estava com os meninos. Era sábado, ele tinha deixado o trabalho ao meio-dia. Foi chegar uma da madrugada... no escuro, todo rasgado, sujo... Não tinha estrada, só tinha mato. Quando chegou, quase morreu de chorar, pensava que tinha perdido a família.” Ao contrário de Brasília, as cidades satélites não nasceram de um plano, são resultado da urgência. Ceilândia, a maior de todas, é o grande símbolo. O nome nasceu de uma sigla: CEI – Centro de Erradicação de Invasões.

Contam que Sobradinho tem esse nome porque ali havia uma casinha de João de Barro feita em dois pavimentos. Depois de se estabelecer nesse lugar, minha família encontrou um pedaço de sossego. Luiza começou a trabalhar lavando roupa, depois como merendeira em escolas. Matriculou os filhos, 1º grau, 2º grau, faculdade. Em 1964, comprou os tijolos para construir a própria casa, onde mora até hoje. A maior memória da construção de Brasília está ali, na foto tirada em roupa de domingo, com tijolos ao fundo.

“Não sou mais paraibana. Virei brasileira.” (*Brasileiros*, 33, abril de 2010, *A saga da candanga Luiza*, p. 87)

Há um corte na cronologia da narrativa, que vai da década de 1930 a 1960. Estes são os parágrafos finais da reportagem. Não há mais informações sobre Chico, nem se faz referência sobre como Luiza vive atualmente. Mas percebe-se que ela deu a volta por cima, de mãe e esposa do campo quase deixada ao abandono no nordeste, ela passa a trabalhar fora de casa, educa os filhos, constrói seu lar no ambiente urbano. Como enfatiza MARTÍN-BARBERO (1997, p. 221) “a migração e as novas fontes e modos de trabalho trazem consigo a *hibridização* das classes populares,

uma nova forma de se fazerem presentes na cidade” (itálico do original).

Em *A saga da candanga Luiza* não há todas as características da jornada do herói elencadas por Martinez (2004), entretanto, percebe-se o intuito de compartilhar a experiência de migrantes nordestinos que, apesar das dificuldades, conseguiram dar dignidade às suas famílias.

O ciclo do herói se manifesta e realiza em milhares de histórias contadas e recontadas, com pequenas variações. O primeiro estágio é a partida ou afastamento do herói atendendo ao “chamado da aventura”, seguida pela passagem dos “limiares” com auxílio de outras forças, o “ventre da baleia” ou mergulho no desconhecido, o estágio das provas e vitórias de iniciação e o difícil retorno ou reintegração com a sociedade, que pode ocorrer de forma destrutiva caso o herói tenha alcançado seus desejos através da violência. (MOTTA, 2011, p. 204)

Os sentidos que emergem dessa narrativa são de sofrimento, luta, honra, perseverança, conquista. Além disso, o relato de Luiza remete a outra história bastante conhecida de brasileiro que saiu do nordeste e chegou à Brasília: Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil por dois mandatos (também pode-se fazer relação com a figura feminina: Lindu, a mãe de Lula). Ainda que Lula tenha chegado a São Paulo antes de seguir à capital federal, a narrativa traz muitas semelhanças: eram migrantes nordestinos que seguiram viagem no pau de arara, pobres, que acreditaram no Brasil<sup>35</sup>. Luiz e Luiza, ou Lula e Luiza, ainda guardam uma proximidade fonética. Mesmo que tal similaridade entre os personagens não tenha sido planejada no momento de produção do texto, inconscientemente, a ligação faz-

---

<sup>35</sup> A biografia de Lula foi escrita pela jornalista Denise Paraná sob o título *Lula, o Filho do Brasil*. A obra é originária de sua tese de doutorado em História Econômica, concluída na Universidade de São Paulo, em 1995. O livro serviu de inspiração para o filme homônimo, dirigido por Fábio Barreto, que estreou no Brasil em 2010.

se inevitável, pois é parte do imaginário comum a inúmeros brasileiros.

A ideia de dedicação e consciência política também foi observada na edição 19, de fevereiro de 2009. A reportagem *A voz do povo*, com a retranscrição *Eleições – Cidadania* trata da “cidadã exemplar” Maria Aparecida de Souza Ferreira Fulful. Internamente a reportagem é intitulada *No Brasil, aposentada de Campinas, em São Paulo, exerce a cidadania “presencial”, frequentando diariamente o plenário da Câmara e dando puxões de orelhas nos políticos*. Foi publicada entre uma série de textos que tratam da eleição de Barack Obama, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

Assinada por Rose Guglielminetti, a reportagem tem um caráter informativo e opinativo, pois narra cenas e traz opiniões de alguns envolvidos. Situa o fato em sua perspectiva temporal, numa tentativa de aproximar o leitor da realidade:

Faltam 10 minutos para as 18 horas de uma segunda-feira. O plenário da Câmara de Campinas, cidade do interior de São Paulo, está praticamente vazio. Porém, sentada na quarta fileira de cadeiras destinadas ao público, está a professora aposentada Maria Aparecida de Souza Ferreira Fulful, de 67 anos. (*Brasileiros*, 19, Fevereiro de 2009 – *A voz do povo*, p. 66)

A repórter escreve do ponto de vista onisciente, mas é também uma narradora intrusa, segundo Leite (2002), pois atribui suas impressões:

Ela não tem mandato, mas todos a consideram a 34ª vereadora da cidade. Cida Fulful, como é conhecida, bate cartão em todas as sessões ordinárias e atividades públicas da Câmara. Ela chega antes do que muitos vereadores e é mais assídua do que muitos deles. Temida entre os 33 legisladores de Campinas, Cida não se intimida em dar-lhes puxões de orelhas e, se preciso for, escreve ofícios exigindo uma



resposta por escrito às suas reclamações. A política está em seu DNA. (*Brasileiros*, 19, Fevereiro de 2009 – *A voz do povo*, p. 66)

Há o emprego de adjetivos, o que reafirma o posicionamento de um narrador onisciente. Já a construção da personagem conta com o retorno ao passado e desvenda a infância da aposentada, apontando as raízes de seu gosto pela política, como herança do avô, Júlio Padilha de Souza Aranha, “*que a carregava para todos os eventos políticos nas décadas de 1940 e 1950. Com 7 anos, ela adorava acompanhar os comícios do ex-governador Adhemar de Barros e do ex-presidente Jânio Quadros*”. A personagem é conhecida, portanto, a partir de um momento específico de sua vida. Sua atuação como professora não é tratada no relato.

O enfoque desta narrativa está, curiosamente, no fato da aposentada exercer seu papel de cidadã, comparecendo sempre às reuniões da câmara, sem possuir um mandato de vereadora. “*Sei que incomodo, mas estou numa idade que não tenho de ter medo*”, é um dos desabaços da entrevistada. A narradora prossegue, no mesmo tom: “*Mesmo não gostando de algumas intervenções da ‘34ª vereadora’, os parlamentares de Campinas reconhecem que se a Câmara tivesse mais Cidas Fulfules sentadas nas cadeiras, a cidadania seria exercida de forma plena*”. A partir desse ponto, a reportagem assume o caráter polifônico, trazendo outras vozes para o debate, como dos vereadores que são favoráveis às intervenções de Cida e daquele que não gosta de sua participação ativa.

A reportagem enfatiza que Cida está exercendo sua liberdade de participar das reuniões da câmara, assegurado a todos os cidadãos brasileiros – que devem gozar de seus direitos civis e políticos. Por isso, a ênfase no diferencial do comportamento de Cida é mostrar justamente a ambiguidade, pois esse direito não é exercido pela maioria dos brasileiros, que desempenham sua participação política na maioria das vezes apenas nas eleições (já que o voto é obrigatório).

A abordagem segue à contramão do que a mídia, em geral, prega como comportamento cidadão. HENRIQUES e FORMENTÃO (2009, p. 3-4) lembram que na maioria das vezes

“o cidadão comum interage com aquilo que a comunicação social, ou jornalística, acredita como espaço de promoção da cidadania: o do *denuncismo*, o dos *escândalos*, o do *assistencialismo*, o dos *boatos*, o da *banalidade* e da *violência*” (itálicos do original). Cida não ocupa nenhum desses espaços, apenas exerce sua cidadania participativa.

A reportagem encerra com a frase: “*Independentemente da aprovação ou não dos vereadores, o fato é que Cida não é uma brasileira coadjuvante. Ela é dona da sua própria história*”. Apesar de pouco contextualizada, a narrativa apresenta o relato de uma mulher idosa, cheia de vida. Além do que está evidente, emergem vários sentidos da reportagem: evidencia-se o intuito de motivação, mais uma vez, como a de um exemplo a ser seguido por outros brasileiros, para que sejam protagonistas da mudança no rumo de suas próprias histórias. Afinal, como aponta FONTCUBERTA (2006, p. 93) “as vidas alheias podem oferecer explicações ou respostas a situações ou problemas que se produzem na vida do público” (em tradução livre). A narrativa também procura evidenciar que na velhice sobra maturidade para enfrentar críticas e exercer plenamente sua cidadania.

O papel cidadão também é o traço marcante da reportagem *A batalha do voo 1907*, publicada na edição 46, de maio de 2011, em que o jornalista Luiz Rebinski Junior aborda o drama do segundo maior desastre aéreo da história brasileira (mais de quatro anos depois) a partir do relato da empresária Rosane Gutjahr, viúva de uma das vítimas do acidente da Gol, Rolf Gutjahr. Trata-se da morte de 154 pessoas que estavam no voo 1907, Boeing 737 da Gol que foi atingido por um jato Legacy enquanto fazia a rota Manaus-Brasília. A matéria faz parte do *Especial Mulher*, que traz reportagens e entrevistas com figuras femininas que têm se destacado no Brasil e no mundo.

No subtítulo há informações que sintetizam a reportagem: Rosane recusou uma indenização oferecida pela empresa aérea, ajudou a formar uma associação e move processos na Justiça para que os culpados pela morte do marido e de outras 153 pessoas sejam punidos.

O repórter abre a narrativa recompondo cenas da vida da entrevistada, momentos que antecederam o acidente. *“No dia 29 de novembro de 2006, Rosane Gutjahr estava pronta para viajar para um dos lugares mais bonitos do litoral brasileiro. O destino era o Costão do Santinho, um resort em Florianópolis”*. Por tratar-se de uma situação dramática, a própria narrativa já é carregada de nuances de expectativa: *“Mas, naquela sexta-feira, o aeroporto Afonso Pena, em Curitiba - onde ela mora -, não seria a escala para o paraíso. Pelo contrário, ali começaria um período de dor e indignação que já dura quase cinco anos”*. O uso de palavras dicotômicas como paraíso e dor confirma que o episódio de que trata a narrativa irrompeu uma rotina, desestabilizou.

Rebinski Junior adota a postura de narrador heterodiegético (Motta, 2010) que vê de uma perspectiva ilimitada:

No início daquela tarde, Rosane recebeu um telefonema do marido, que estava em Manaus a trabalho e a encontraria à noite no aeroporto. "Ele disse: 'Nega, o voo está meio atrasado, mas estou embarcando daqui a pouco'. Perguntei se estava trazendo casaco, pois fazia muito frio em Curitiba. Enquanto eu preparava o jantar em casa, lá pelas sete da noite, a empregada atendeu uma ligação e começou a chorar. Então, liguei para a agência de turismo que Rolf comprava passagens, e a funcionária também atendeu chorando. Mas, até ali, eu imaginava que meu marido pudesse estar vivo." Pouco depois, ela já estava no aeroporto. (*Brasileiros*, 46, maio de 2011, *A batalha do voo 1907*, p. 76)

O repórter situa cronologicamente o fato, lembrando que o assunto deflagrou aberturas de Comissões Parlamentares de Inquéritos (CPIs) e investigações da Polícia Federal e Aeronáutica, que concluíram que o equipamento anticolisão (transponder) do jato Legacy havia sido desligado durante o voo. Entretanto, os pilotos norte-americanos Joseph Lepore e Jan Paul Paladino retornaram aos Estados Unidos 60 dias depois da colisão e continuam atuando em empresas aéreas (na época estavam a serviço da ExcelAire, empresa que tinha acabado de adquirir o

Legacy junto à Embraer). A grande luta de Rosane é para que os dois pilotos sejam condenados pela Justiça. Para isso, com outras 103 famílias ela formou a Associação de Familiares e Amigos das Vítimas do Voo 1907.

Nesta reportagem, além do acidente, que é o conflito central, a briga judicial para que os pilotos sejam punidos ocupa papel importante, por isso quando o texto traz informações sobre esse conflito, o repórter dá voz à própria personagem, que narra a sucessão de fatos.

"A partir do momento em que foi ficando clara a culpa dos pilotos, começou essa briga enorme, mas desigual entre, digamos, pessoas normais e potências como a American Airlines, a ExcelAire e o governo dos Estados Unidos. Quando entendi o que aconteceu, comecei a brigar para que essas pessoas que mataram o meu marido pagassem por esse crime. E é isso que eu estou fazendo até agora", diz Rosane, que recebeu a reportagem da Brasileiros em seu apartamento em Curitiba, dias antes das audiências dos pilotos Lepore e Paladino à Justiça brasileira, realizadas em 30 e 31 de março. De Nova York, os pilotos foram ouvidos por meio de videoconferência e negaram que o sistema anticolisão do jato estivesse desligado. No último mês de abril, a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), pela primeira vez desde o acidente, reconheceu a falha dos dois pilotos e da empresa dona do jato Legacy. Com isso, serão encaminhadas notificações à Federal Aviation Administration (FAA, órgão similar à ANAC nos Estados Unidos) e ao Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA). O desejo da Associação é que os pilotos tenham seus brevês cassados pelos órgãos americanos. "Não estamos lidando com suposições, mas com fatos. As caixas de voz e voo comprovam que eles desligaram o transponder, que não conheciam a operacionalidade da aeronave e

que não fizeram planejamento de voo. São dados técnicos que não podem ser contestados", diz Rosane, que contratou peritos para analisar as causas do acidente. (*Brasileiros*, 46, maio de 2011, *A batalha do voo 1907*, p. 76)

A imprevisibilidade dos acidentes sempre traz a sensação de trajetória não cumprida, por isso com o intertítulo *Vida interrompida*, o repórter passa a contar a história dos dois personagens centrais, salienta que os gaúchos Rosane e Rolf se casaram em 1981 e no mesmo ano se mudaram para Manaus, por conta do trabalho de Rolf. Relata o crescimento das empresas do casal e os motivos que os levaram a mudar-se para Curitiba, um tratamento de inseminação artificial. "*A partir dessa mudança, Rolf passou a frequentar semanalmente a rota Manaus-Curitiba. A mesma que, no dia 29 de setembro de 2006, não conseguiu concluir*". A frase reafirma o tom de vida interrompida, o que dá uma conotação ainda mais comovente à narrativa.

Rosane vive em um apartamento amplo em um bairro nobre de Curitiba. Mas ainda é uma pessoa à sombra da morte do marido. Um misto de revolta, saudade, ódio e indignação não a deixa ter uma vida normal. Nas três horas em que conversou com a reportagem da *Brasileiros*, ela fumou mais de dez cigarros e tomou vários cafés. Vive à base de tranquilizantes e não consegue dormir nos dias que antecedem uma manifestação ou decisão importante dos processos relacionados ao acidente. A filha Luiza, hoje com oito anos, ainda frequenta uma psicóloga e só agora começou a entender o que é a morte, que seu pai não voltará mais. (*Brasileiros*, 46, maio de 2011, *A batalha do voo 1907*, p. 77)

A partir de atitudes e sentimentos descritos pelo repórter, evidencia-se que a batalha é, também, vencer a ausência daquele que teve a vida interrompida. O relato permite que o leitor trace os contornos da perda, mesmo que de forma sutil, já que é impossível compreender em completude a dor alheia. Mas com o uso da

palavra, o jornalismo aproxima o leitor do sofrimento vivido por Rosane. De acordo com BARROS (2001, p. 16), o jornalismo “precisa encarar de peito aberto o desafio de embarcar no grande fluxo de mistérios, explicações parciais e constantes ressignificações que se chama vida. Aquela, a de veias e cores, gritos e sussurros, risos e choros, ação e imaginação”. Há uma tentativa de aproximar o público da experiência dolorosa da personagem.

A morte é um dos temas mais delicados para o jornalismo, ainda mais quando envolve conflitos humanos. O repórter optou por dar voz à viúva, para que ela pudesse transparecer o que sente: *"O laudo do IML diz que a maioria das pessoas morreu no solo. Elas efetivamente morreram com a batida. Ficaram quase dois minutos em queda livre sabendo que iam morrer. Você pode imaginar o que passou pela cabeça dessas pessoas?"*. A pergunta de Rosane não tem uma resposta, talvez se possam imaginar inúmeras, mas de fato, não há como respondê-la. Apenas é possível comover-se. O relato busca explicar porque dói tanto para Rosane saber que os culpados estejam vivendo normalmente. Ela aponta pistas: *"Nunca vou aceitar indenização. O que eu quero é indenização moral, que as pessoas que provocaram esse acidente paguem"*. São a dor, a perda e a luta por justiça os sentimentos que emergem da narrativa. Afinal, “o jornalismo é uma atividade mimética: representa a vida, as ações dos homens, dos bons e maus homens, relata os dramas, as tragédias, as sagas e as epopeias contemporâneas” (MOTTA, 2006, p. 63).

Também evidencia a força da mulher que, apesar de ter perdido o marido de forma trágica, busca coragem para continuar:

Ainda que as famílias que fazem parte da Associação ajudem a não deixar que o acidente seja esquecido, participando de manifestações públicas a favor da condenação dos pilotos, como a que aconteceu em frente ao hotel em que Barack Obama esteve hospedado no Rio, Rosane é hoje a única autora dos processos e quem paga todas as custas. Ou seja, se ela desistisse das ações, ou aceitasse o acordo proposto, o acidente, provavelmente, já teria

tido esquecido. (*Brasileiros*, 46, maio de 2011, *A batalha do voo 1907*, p. 77)

Novamente a palavra batalha, usada no título, confirma o sentido: além de batalha judicial e luta contra a dor da perda, as atitudes de Rosane são também um combate para que o fato não desapareça entre outros tantos, para que a negligência dos pilotos não se repita. A narrativa busca, dessa maneira, que se solidarize à causa, para que ela não caia no esquecimento. De acordo com Beltrão (2006), os psicólogos e estudiosos das reações coletivas observaram que o relato jornalístico tem um efeito surpreendente, porque a atualidade de um fato ou acontecimento atrai a atenção pública e a concentra em uma ordem de coisas em que cada leitor se sente solidário. Segundo o autor, forma-se uma espécie de laço invisível que une a todos os homens por algo que reclama a sua atividade ou que serve de fundamento ao seu juízo. Ou seja, não a deixa cair no esquecimento. A narrativa também evidencia o comportamento cidadão de Rosane, que briga na justiça em nome da coletividade.

A partir do relato de mortes que não podem ser esquecidas, pode-se conhecer uma das maneiras, entre outras inúmeras manifestações, sobre como os brasileiros lidam com o tema. DaMatta (1997) evidencia que no Brasil, os mortos são sistematicamente invocados, chorados, lembrados, homenageados e usados sem cerimônia pela sociedade. Isso porque se trata de uma sociedade relacional, em que prevalecem as relações com o outro. Portanto, “(...) falar dos mortos já é uma forma sutil e disfarçada de negar a morte, fazendo prolongar a memória do morto e dando àquela que foi viva uma forma de realidade” (DAMATTA, 1997, p. 140-141).

### 3.4 O Brasil de ontem e de hoje

O conjunto de matérias analisadas também permitiu verificar a presença de narrativas sobre o Brasil do passado e o atual, evidenciado a partir da vivência dos personagens. Os

repórteres de *Brasileiros* deixam transparecer um saudosismo na construção do relato, principalmente quando tratam do sertão ou de atividades artesanais. Ao mesmo tempo, a contemporaneidade é venerada pela equipe quando aborda o desenvolvimento socioeconômico brasileiro.

Embora ocupem dois polos – o velho e o novo parecem dividir o mesmo espaço na narrativa, sem uma sobreposição radical. Há um equilíbrio entre o que seria o discurso elitista, de acordo com García Canclini (2009), e a produção subalterna<sup>36</sup>. As metanarrativas de *Brasileiros* evidenciam a valorização das características específicas desses dois mundos: o contemporâneo, mutável; e o antigo, estanque. A fusão desses mundos também está presente, e é chamada de mestiçagem por Martín-Barbero (1997). Trata-se não apenas de uma mestiçagem cultural, mas de uma hibridização sociocultural.

É como mestiçagem e não como superação – continuidades na descontinuidade, conciliações entre ritmos que se excluem – que estão se tornando pensáveis as formas e os sentidos que a vigência cultural das diferentes identidades vem adquirindo: o indígena no rural, o rural no urbano, o folclore no popular e o popular no massivo. Não como forma de esconder as contradições, mas sim para extraí-las dos esquemas de modo a podermos observá-las enquanto se fazem e se desfazem: brechas na situação e situações na brecha. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 259)

Os relatos tratam das descontinuidades e da memória. Motta (2006) salienta que a prática cotidiana ordena e articula o passado, o presente e o futuro, pois a experiência temporal do mundo

---

<sup>36</sup> No que se refere à produção cultural das classes subalternas, García Canclini destaca que os grupos populares não são totalmente autônomos, bem como também não desempenham unicamente dependência às manifestações hegemônicas, pois a contemporaneidade é formada por culturas híbridas, como comenta o autor. No entanto, ele sugere atenção às formas de apropriação cultural neste ambiente de reformulação da ordem social, que estão relacionadas à desigualdade e à diferença.



permanece implícita nas mediações simbólicas. “O tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 15). A equipe utiliza-se deste recurso evidenciando costumes e comportamentos de brasileiros que, ora resistiram ao tempo, ora modificaram-se.

A reportagem *O último carro de boi*, publicada na edição 11, de junho de 2008, deixa evidente os traços da experiência temporal. A narrativa foi produzida pelo jornalista Ricardo Kotscho, para quem jornalismo é um serviço público essencial, que existe para informar uma parte da sociedade sobre o que a outra parte está fazendo. Ressalta KOTSCHO (1999, p. 97): “Jornalismo é o resultado do trabalho produzido pelo repórter, o sujeito que vai aos lugares para saber o que está acontecendo, abre bem os olhos e os ouvidos, pergunta muito e, depois, conta o que viu e ouviu aos que não puderam estar no local dos fatos”. Ele mostra levar ao pé da letra sua crença sobre o que é o jornalismo, pois acompanhado do fotógrafo Manoel Marques, foi até o pé da Serra da Mantiqueira, na área rural do bairro Quilombo, em São Bento do Sapucaí, na divisa de São Paulo com Minas Gerais, onde ainda se fabricam carros de bois. Lá conversou com Joaquim Pereira da Costa, 78 anos, a quem chamou de Quim Costa.

Sob a retranca *Cena brasileira – Quim, o sobrevivente*, há o título e o subtítulo da matéria publicados sobre a foto em página dupla do carreiro durante o trabalho, e a legenda: *Quim Costa e sua arte: Na oficina do Sítio Recanto dos Pássaros, tratando a madeira com esmero*. Já no subtítulo, o enredo da história: “(...)Lá ele ainda fabrica os últimos carros de boi verdadeiros, aqueles de roda dura, de madeira de lei inteiriça, que rangem e choram ao cruzar as estradas de terra do nosso interior, a velha trilha musical da vida caipira”. A descrição, além de marcar o ambiente onde se passa a narrativa, dá pistas para compreender o Brasil caipira e transcende em efeitos reais e poéticos.

Em primeira pessoa, o repórter assume sua presença e senta-se à mesa com Quim: “Começamos a nossa conversa pela cozinha, como convém por estas bandas, tomando um café bem quente que ele mesmo acabou de preparar”. Na frase inicial da

reportagem já é possível conhecer traços socioculturais do personagem, pois faz parte dos costumes de quem mora no interior brasileiro receber as visitas na cozinha, com um bom café. DaMatta (1997) já destacou que os brasileiros integram uma sociedade relacional, ou seja, onde o que importam são as relações sociais. “Um sistema onde o básico, o valor fundamental, é relacionar, juntar, confundir, conciliar. Ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir (jamais excluir)” (DAMATTA, 1997, p. 108). A casa, o aconchego da cozinha, principalmente para as populações rurais, é o ambiente propício para receber as pessoas, ainda mais no inverno. Inclusive, uma das fotos traz Quim sentado à mesa, junto de sua garrafa térmica. Com tais recursos o narrador consegue transportar o leitor para dentro da narrativa, além disso, busca situar o personagem e explica porque Quim está sozinho no sítio: “*Maria, sua segunda mulher, mora na área urbana de São Bento do Sapucaí, cidade de 100 mil habitantes a 208 quilômetros de São Paulo, e se recusa a sair de lá. Por isso, Quim Costa vem e volta do sítio todo dia a pé, 10 quilômetros de caminhada*”. Entretanto, Quim nunca está sozinho já que, por opção escolheu passar os dias junto de madeiras e ferramentas. De vez em quando, lembra Kotscho, um dos sete filhos de Quim vai ao sítio visitar o pai.

Sua história é bem comprida e o espaço para escrever sempre é pouco, mas vou tentar contar sua trajetória desde o começo, para que todos possam conhecer caminhos e atalhos que forjam um Quim Costa, cidadão brasileiro como não se encontra em qualquer esquina por aí. Nosso personagem nasceu na fazenda Bela Vista, em Piranguçu, no sul de Minas, onde seu pai, Pedro Costa, criava gado e tinha lavoura. Era fazenda boa, de mais de 200 alqueires, com usina de luz própria, moinho e monjolo, que acabaria repartida entre os 11 filhos (sete ainda estão vivos). (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *O último carro de boi*, p. 110)

O narrador opta por construir seu personagem de forma cronológica, desde a infância de Quim, quando teve contato com

facções e ajudava a fazer cangas para os bois, até quando conseguiu tornar o gosto seu ofício. *“Com 12 anos, já estava trabalhando na carpintaria de Sebastião Bento, além de ajudar a família nas lavouras de milho, arroz e feijão e na plantação de fumo. Por isso, só cursou até o quarto ano primário”*. Quando assume a postura de narrador perceptivo – heterodiegético conforme conceitua Motta (2010) ou onisciente segundo Leite (2002) – tem a intenção de narrar cenas do passado, formar uma imagem de um momento vivido por Joaquim. Também abre espaço para as falas do personagem: *“Mas a cachaça minha era mexer com madeira. Era vocação mesmo. Naquele tempo falava que era inclinação. Pegava uma ferramentinha e trabalhava escondido do meu pai...”*. O próprio protagonista usa uma metáfora para explicar o prazer que o trabalho manual com a madeira lhe proporciona, comparando-o ao que sente ao ingerir bebidas alcoólicas.

Após narrar outros episódios da vida de Joaquim e demonstrar outros gostos do carreiro, como tocar viola, destaca que ele passou a carrear, que é como se denomina o ato de organizar os bois para conduzirem o carro. *“Minha alegria era ouvir as rodas do carro cantar. O carro, quando está cantando, o boi joga as orelhas pra trás pra escutar...”*, relata Quim. Percebe-se o intuito de construir efeitos poéticos, com o emprego da personificação ou prosopopeia pois, como realça Motta (2010), a linguagem jornalística se utiliza de recursos e de figuras que remetem o leitor à interpretações subjetivas. O repórter também conta de outras paixões de Quim, como a primeira esposa, o nascimento dos filhos, e a segunda esposa.

As tristezas do carreiro também têm espaço na narrativa, pois ele já perdeu dois filhos, uma no parto e o outro, diabético, já na vida adulta. A primeira filha, Maria Aparecida, *“nasceu morta porque demorou demais para nascer. Quando o médico chegou, a criança já tinha morrido”*, conta Quim. Já Zé Benedito era o mais velho.

Zé Benedito era o orgulho da família desde que deixara a roça para trabalhar na fábrica da GM, em São José dos Campos. Era operador de empilhadeira, trabalhava à noite. Nos fins de semana, cada vez mais gordo, vinha para matar a saudade do sítio e

da família, e comia, e bebia. "Senti muito a perda dele", encerra o assunto Quim, pegando mais um gole de café na garrafa térmica. (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *O último carro de boi*, p. 111)

Ao falar de morte o entrevistado demonstra que a perda do filho ainda lhe incomoda, já que prefere logo colocar um ponto final na narrativa, com a pausa para o café. A estratégia de dispersão do assunto, adotada pelo protagonista foi evidenciada pelo repórter, que respeitou a vontade de Quim de encerrar a conversa. Afinal, de acordo com a análise de DaMatta (1997), os brasileiros têm uma forma muito particular de lidar com o tema, pois preferem falar muito mais dos mortos do que da morte.

Kotscho situa, agora, o personagem no presente. Explica como é sua rotina, com disposição para cuidar das pequenas lavouras: "*Acorda todo dia entre 4 e 5 da manhã, faz seu café e vem embora para o sítio. 'Debaixo de Deus, não tem outro lugar melhor. Minha vida é aqui'. De tardezinha, volta para a casa de Maria, na entrada de São Bento do Sapucaí*". Fica nítido que o repórter construiu a narrativa evidenciando duas partes, uma cronológica, em que traça o perfil de Joaquim, e uma mais centrada no ofício do carreiro. Nessa segunda etapa da reportagem volta a escrever em primeira pessoa a fim de enfatizar não apenas sua presença, mas sua ignorância diante dos saberes da roça. Há um esforço textual a fim de valorizar a sabedoria popular:

Para criar a prole, Quim se dividia entre a lavoura, o gado e a oficina de carpintaria. Vendeu muitas cangas para a cooperativa de laticínios de São José dos Campos e seus carros de boi começaram a ser procurados por fazendeiros até dos fundões de Minas, onde sua fama de carreiro já chegara. Muita gente, como eu, não sabe que carreiro é o nome que se dá tanto para quem fabrica carro de boi como também para quem o arma e toca na estrada. Então, Quim me explica tudo de novo, só para dizer que é "carreiro duas vezes". (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *O último carro de boi*, p. 112)

O repórter parece ter ouvido os conselhos de García Canclini (2009) na tentativa de compreender as relações interculturais e a potencialidade dos setores populares. Para García Canclini, é preciso achar um caminho intermediário “entre o discurso etnocêntrico elitista, que desqualifica a produção subalterna, e a atração populista diante das riquezas da cultura popular, que deixa de lado aquilo que, nos gostos e consumos populares, há de escassez e resignação” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 89). Kotscho busca ser esse mediador que ouve atentamente o fabricante de carros de bois que já não encontra compradores.

Mas sua carreira de carreiro já viveu tempos melhores. Em 1972, a cada dois meses, vendia um carro de boi, que custava 30 mil em alguma moeda da época. "Hoje em dia não aparece comprador, mas eu continuo fazendo. Enquanto tiver madeira, vou fabricando meus carros." A procura por carro de boi começou a diminuir nos anos 1980, quando fazendeiros e sitiantes tiveram condições de comprar caminhonetes e tratores. O último carro de boi legítimo vendido por Quim foi para um fazendeiro de Brasópolis, faz mais de dez anos. Como ele só trabalha com jacarandá, cabreúva e aroeira, madeiras nobres cujo corte está proibido pelo Ibama, ficou mais difícil conseguir matéria-prima. Mesmo para as cangas utilizadas para arar terra com juntas de boi a procura caiu muito. "Eu continuo na lida da madeira só mesmo para gastar meu tempo...". (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *O último carro de boi*, p. 112)

Mesmo com a modernização do trabalho no campo, onde tais instrumentos já não são mais usados, Quim continua fazendo o que sabe fazer por puro prazer. Talvez seja uma forma dele negar que sua grande paixão já não tem mais adeptos. Ainda que a narrativa deixe uma espécie de dissabor, marcadas por palavras como “último”, “sobrevivente”, também mostra a versão do Quim que se diverte com os bichos, que para saber a previsão do tempo

fica reparando nas seriemas. A descrição é dada pelo próprio personagem: *"De tardezinha, vêm duas de cima e duas de baixo, e elas se encontram bem defronte daqui de casa. É bonito, parece que você está ouvindo uma orquestra tocando"* e *"Quando cantam muito, pode ter certeza, vem chuva, dá um revolto no tempo"*. Além de constituir um típico cenário rural, a fala de Quim volta a trazer metáforas, o que é comum na linguagem camponesa que associa a natureza aos feitos do homem. Também se percebe um pouco da sabedoria popular quando o assunto é clima.

Mais uma vez situando-se como testemunha da narrativa, Kotscho coloca-se em primeira pessoa: *"A conversa na cozinha já vai longe, acabamos com o café, então peço a Quim para me mostrar sua carpintaria"*. A descrição conta, em detalhe, com os nomes das ferramentas: martelos, serrotes, machados, plainas, formões, esquadros, compassos, grosas, raspadores. O detalhamento do ambiente e a preocupação em situar a história de Quim no tempo ocupam mais uma vez, o centro da narrativa:

Estão na linha de montagem, quase prontos, dois carros grandes e um pequeno, que costuma ser usado para decoração. "É tudo feito com cabreúva. Só de madeira, tem uma fortuna aí", justifica, ao me dar os preços: cobra entre 8 e 10 mil reais por um carro grande e 2,5 mil pelo menor.

Esse aqui é bonito demais, carro para presidente... Meu sonho é vender um carro desses para o presidente Lula. Pode dizer que pra ele eu faço um desconto..." Capaz de rir dele mesmo, Quim gosta de contar piadas de cachaceiros, um hábito que ele abandonou faz 15 anos. Calça toda remendada, faca na cintura, chapéu de palha, botina preta, vai nos mostrando com calma para que serve cada ferramenta. "Repara só o que um homem sozinho é capaz de fazer. No Brasil não tem mais ninguém que faz um carro de boi desse estilo antigo da roda inteira. Só uma roda dessas pesa 50 quilos..."

Está na hora de deixar Quim Costa trabalhar em paz. Na hora da despedida, pergunto se

ele não quer ir almoçar com a gente. Agradece o convite, mas diz que prefere ficar no sítio. "Rapaz, eu ando me sentindo tão feliz que nem não estou mais sentindo fome..." (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *O último carro de boi*, p. 113)

O uso de reticências, não muito comum no texto jornalístico, é um dos recursos do narrador para expressar o modo de fala do entrevistado. MEDINA (2001, p. 32) salienta que “a carga emocional da interação social criadora vai desaguar na matéria editada com esse tom maior que fica visível, audível, e será socializado através da plena identificação: o leitor, telespectador, ouvinte *comunga* com essa relação total”. Como ressalta a autora, é a magia da linguagem simbólica conhecida a partir do relato aberto. Pode-se imaginar a expressão facial e o sotaque de Quim.

Coincidência ou não, Quim manda um recado para o presidente justamente pelo repórter que foi seu secretário de imprensa e continua sendo seu amigo pessoal. O recado é para Lula comprar um carro de boi para enfeitar sua fazenda.

Fotógrafo e repórter fazem o caminho de volta. O texto dá a impressão de sair de um conto fabuloso para retornar à realidade. “*No caminho para a cidade, cruzamos com (...)*”. Quim foi deixado com seus gostos e agora é possível conversar com outras pessoas, menos entregues aos sonhos. Um desses transeuntes é Marcos Dias da Silva, 40, que está à cavalo, indo para a venda, como faz todos os sábados.

O fotógrafo quer saber dele onde ainda tem nas redondezas alguém que trabalhe com carro de boi: “*Onde tem, eu não sei, mas gostaria muito de comprar um carro desses só para ouvir a roda cantar...*”. Mais uma vez há a personificação: a cantoria da roda ganha a cena novamente narrado por um personagem secundário, o que reafirma o enredo da narrativa. A perspectiva autoral também é respeitada, não apenas do repórter, como também do fotógrafo, que tem espaço para perguntar. “Estas duas características – liberdade autoral e estética – ajudam a decifrar a identidade que a revista construiu em seu pouco tempo de existência” (MAZINI, 2010, p. 74).

O último parágrafo da narrativa dá o tom de que a paixão de Quim pertence mesmo ao passado. Isso ocorre quando Kotscho e Marques encontram “*algumas léguas adiante*”, José Cláudio da Rosa, 42, arrumando o velho carro de boi que comprou há cinco anos, em Conceição dos Ouros, por 1,5 mil reais. Como manter o carro custa caro, já que são necessários seis bois para puxá-lo, Rosa o reformou e pretende vendê-lo por 5 mil.

Rosa sentencia: “*Na roça não dá mais dinheiro, conforma-se ele, personagem de um tempo que vai se apagando da paisagem do velho interior paulista na divisa com o interior mineiro, a terra onde Quim Costa descobriu e viveu sua vocação de carreiro duas vezes*”. Esse é o último personagem da reportagem. Fica claro que o repórter busca registrar essa experiência porque trata-se de “*um tempo que vai se apagando da paisagem do velho interior paulista*”, ou seja, se tal narrativa não tivesse recuperado essa história, talvez ela já tivesse se apagado.

Traços de um Brasil do passado também podem ser vistos na edição 8, de março de 2008, que estampa na capa a manchete *Em busca do Sertão de Rosa*, no ano em que se comemorou o centenário do escritor Guimarães Rosa. A imagem de capa traz um menino sentado aos pés do fogão de uma cozinha sertaneja, descalço, com um prato de comida na mão. O subtítulo da manchete anuncia que o jornalista Fernando Granato e o fotógrafo Manoel Marques “*refazem o pedaço do mundo descrito pelo autor em ‘Sarapalha’*”. Na mesma edição, Patrus Ananias, o então ministro de Estado que nasceu em terras sertanejas, faz o inventário do espaço contado em *Grande Sertão: Veredas*.

A análise foca a reportagem *Nas pegadas do Rosa*, de Fernando Granato. Já no intertítulo, é possível perceber a estratégia narrativa adotada pelo repórter, que mescla trechos dos contos de Rosa com as cenas encontradas anos depois, pela equipe da revista, como na construção de frases curtas: “*Um povoado esquecido na beira de um rio barrento. Uma capelinha construída há 280 anos. Um pequeno cemitério com oito túmulos e 33 cruzes fincadas no chão*”. Os adjetivos escolhidos esclarecem que se trata de um lugar esquecido e arruinado. O texto e as fotos que ilustram a matéria – publicadas todas em preto e branco – estão impregnados de uma ideia de passado triste e sofrido.



Funde-se o intuito de construir efeitos poéticos e reais: “*Dentro da casa, em volta do fogão a lenha, dois homens melancólicos, improdutivos, lamentam o destino que Deus lhes deu. Assim, a equipe de Brasileiros encontrou o cenário real descrito por Guimarães Rosa*”. O repórter refere-se à paisagem detalhada há mais de 60 anos no conto *Sarapalha*, publicado no primeiro livro de Guimarães Rosa, *Sagarana*. A pauta buscou voltar ao local onde se passa uma das suas principais histórias da obra. E a surpresa: “*Está tudo lá, como se o tempo não tivesse passado*”, narra Granato no início do texto. Com isso, o repórter afirma seu papel de observador *in loco*, a fim de garantir credibilidade à narrativa, é o narrador testemunha segundo Leite (2002).

Ainda no início do texto, o repórter esclarece que *Sarapalha* é um dos nove contos que revelaram Rosa como um escritor com obsessão pelos detalhes da língua e da geografia sertaneja. Rosa registrava aspectos da flora, da fauna e da gente que habitava suas histórias, visando dar veracidade à narrativa. “*O tal povoado largado, que abre o conto ‘Sarapalha’, nada mais é do que a vila de Pará dos Vilelas, distrito de Itaguara, cidade a 90 quilômetros de Belo Horizonte onde Rosa fora trabalhar como médico em 1931 (...)*”. Granato recupera detalhes a fim de contextualizar o leitor sobre a vida do médico-escritor.

Constata-se que há muita semelhança entre Pará dos Vilelas e Sarapalha, já que Pará dos Vilelas foi realmente dizimado pela malária, no início do século XX. Para reafirmar tal constatação, o repórter transcreve trechos do conto de Rosa. “*Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, tomou caminho, entrou na boca aberta do Pará, e pegou a subir...(...) Quem foi s'embora foram os moradores: os primeiros para o cemitério*”. Fica clara a estratégia de subjetivação, trazer à cena do presente o que foi narrado pelo escritor. Conforme MEDINA (2001, p.82), a expressão dramática do real e do imaginário transborda emoção, “*não aquela emoção fácil traduzida na adjetivação vulgar, gasta. Ainda uma vez invoquemos a arte: um escritor contemporâneo, por mais que se situe no imaginário, na subjetividade de seus personagens, sabe expressar este universo através de estruturas substantivas*”.

Com essa volta ao passado, o jornalista procura respostas para o que vê na atualidade, pois o pequeno povoado “*virou uma vila fantasma por causa da maleita (malária)*”. O progresso acabou se desenvolvendo distante dali. “*Isso explica um pouco o aspecto arcaico que até hoje permanece no lugar, apesar de estar a apenas 90 quilômetros de um dos maiores centros urbanos do país*”. A fim de constituir a narrativa de personagens que demonstrem a dura realidade vivida em pleno século XXI no distrito de Itaguara, Granato vai adentrando o sertão:

Já na chegada ao vilarejo, as histórias reais parecem tiradas das páginas de Guimarães Rosa. Numa casinha de 1919, hoje mais para tapera, vivem Maria das Chagas, 62 anos, seu neto Juliano Oliveira, 28, e Tarcilo Miquele Ferreira, que tem entre 80 e 90 anos, não se sabe ao certo, já que ele não tem certidão de nascimento ou qualquer outro documento. Moram no lugar, também, três cachorros, que fazem parte da família. O sustento de todos vem de um salário mínimo da Previdência Social e da renda de dez vaquinhas leiteiras. (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *Nas pegadas do Rosa*, p. 32)

Diante de múltiplos personagens, o repórter ajusta o foco em alguns, os mais emblemáticos. É o caso de Tarcilo, que foi abandonado com malária quando criança. A família o deixou com medo de ser contaminada pela doença. É forte a impressão de abandono que emerge do texto. Por isso, a escolha desse personagem solitário, pois demonstra a evasão ocorrida na vila por conta do surto. Com intuito de recriar também, o percurso geográfico contido em *Sarapalha*, o repórter faz referências a lugares, deixa claro o trajeto percorrido pela equipe:

Pouco à frente da casa de Maria das Chagas, na única rua do vilarejo, é comum encontrar moradores sentados, sem fazer absolutamente nada, como se tivessem todo tempo do mundo apenas para apreciar aquela paisagem monótona: a montanha, um bar, algumas casinhas, um cavalo amarrado

numa árvore. Os jovens, em sua maioria, foram embora para estudar e não voltaram mais. (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *Nas pegadas do Rosa*, p. 33)

A construção textual e a disposição gráfica das imagens da reportagem buscam reafirmar a ideia de que a equipe está mesmo “nas pegadas do Rosa”, seja conversando com pessoas que ainda pertencem àquele sertão, seja caminhando por ambientes como os descritos no conto. Ao abrir o intertítulo *Personagens e vida real*, o repórter volta a mesclar literatura e realidade, pois encontra dois moradores que lembram muito os personagens de Guimarães Rosa.

No caso de "Sarapalha", toda a narrativa fica concentrada nessa fazenda, situada na beira do Rio Pará. Temos a informação de que ela ainda existe e se chama Aurora. Para chegar ao local, contamos com a ajuda de José Carlos Silva, descendente de escravos, que estava capinando na beira da estrada. O homem negro, de olhar triste, explica que o tal lugar que procuramos só pode ser a propriedade de José Pedro Antunes. "É a única que conheço que tem um cedro na frente da casa, é banhada pelo Rio Pará, tem um moinho parado e cerca de pedra-seca, do tempo dos escravos." A explicação de José Carlos encontra respaldo na descrição feita por Guimarães Rosa no livro, que nos vai norteando. (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *Nas pegadas do Rosa*, p. 36)

O uso da descrição ajuda a recriar o cenário contado por Rosa. Também é possível conhecer o ponto de vista do narrador, que se coloca em primeira pessoa e, dessa forma, reafirma sua presença no episódio. Granato não tem apenas um foco narrativo, ora é narrador onisciente, ora é testemunha, ora funciona como uma câmera ligada, que vai apenas captando imagens e vozes.

Além de tratar do sertão, que nem sempre ganha espaço no jornalismo, o repórter dá espaço para a coloquialidade de suas fontes. Talvez numa tentativa de referenciar-se à obra de Rosa, o autor da reportagem não só os descreve, mas busca suas nuances,

seus estilos de vida também a partir da fala: "*Ele é custoso demais. Tudo tem de ser do jeito dele. É bruto demais, sô*", diz uma de suas entrevistadas. Ao descrever o modo de vida dos sertanejos, a solidão e as lembranças permanecem como pano de fundo da narrativa:

Em mais uma prova de que ficção e realidade se misturam por essas bandas, Gelso Antunes - exatamente como primo Ribeiro - também foi abandonado pela mulher e desde então se transformou num ermitão enclausurado. "Fui casado, mas a mulher não gostou, não. Largou eu. Tem uma menina que ela diz que é minha filha, mas não comprovou, não." Isso aconteceu há 53 anos e depois foi só solidão. Os dias de Gelso são da cama para o fogão, do fogão para o alpendre, "quentá um pouco no sol". Só esboça um sorriso no canto da boca quando senta perto do sobrinho-neto Varley, que brinca com um carrinho feito de lata. Oferece ao menino milho cozido, que acaba de sair do fogo. Comem com as mãos, deliciando-se. À noite, José Pedro, sua filha e as crianças vão dormir na casa da cidade e deixam o irmão mais velho sozinho, apenas com os morcegos. "Ele fica grudado no radinho, lembrando o que sucedeu com sua vida", conta o irmão mais novo.

No dia em que visitamos a Fazenda Aurora, o ritual se repetiu: perto das 6 da tarde, quando o sol baixa sobre o Rio Pará, dourando a água barrenta, fomos todos embora e deixamos o velho sozinho com suas lembranças. (*Brasileiros*, 8, março de 2008, *Nas pegadas do Rosa*, p. 37)

Novamente os regionalismos e sotaques presentes em "*largou eu*" e "*quentá um pouco no sol*" são traços marcantes da narrativa e ajudam a compor a humildade dos personagens. Assim como Tarcilo, Gelso também foi abandonado nestas terras onde parece habitar a angústia.

A ideia de um lugar perdido no tempo, reencontrado 60 anos depois pela equipe, é recorrente no texto: “*Na volta para a cidade, encontramos novamente José Carlos Silva - terminando de carregar capim na sua carroça - e agradecemos pela dica que nos levou para dentro da história de ‘Sarapalha’*”. Também fica evidente a interação entre repórter e entrevistados, bem como o modo como a narrativa foi construída. O leitor conhece o processo de produção da reportagem, inclusive sua cronologia.

Trata-se de relatos livres, que de acordo com BORRAT (2006, p. 328) “oscilam entre o usos de recursos característicos da ficção e as exigências primordiais da narrativa histórica: são história imediata, versões de uma interação ou uma rede de interações” (em tradução livre).

Há uma mescla de ambientes e personagens que mantêm equilíbrio: há sertão e há sertanejos. Entretanto, a simplicidade intrínseca às pessoas e aos lugares fica evidente na frase final da reportagem, que reproduz a fala de José Carlos Silva, a pessoa que indicou o caminho à Fazenda Aurora, o provável cenário dos personagens de *Sarapalha*, à equipe: “*Quando nos despedimos, meio desconfiado, ele não se agüenta e pergunta: ‘Mas, afinal, quem é esse tal de Guimarães Rosa? É algum político que vai disputar eleição aqui em Itaguara?’*”. Não há uma resposta para essa pergunta, ou, ao menos, o repórter preferiu terminar a reportagem sem ela, no abandono, no vazio que a própria narrativa ofereceu.

Nesse movimento de aproximação e afastamento, percebemos certos indícios de um retorno às origens da narrativa, ou seja, aos modelos arcaicos do narrador. Aquele que fala das coisas de terras distantes, como falava o narrador viajante, ao mesmo tempo em que fala das coisas da terra, da tradição, como a falava o camponês sedentário. (MOTTA, 2004b, p. 44)

É interessante ressaltar que nessa reportagem, a busca foi verificar se o que foi narrado na literatura de Guimarães Rosa ainda existe para ser noticiado. A surpresa foi de constatar que as palavras de outrora são ainda, palavras de agora. Parece uma fusão

da realidade com a ficção. CASTRO e GALENO (2002) já destacaram que “o jornalismo encontra-se com a literatura quando toma consciência da carne e do silêncio das palavras” (p. 47). Narrou-se o que a dinâmica do tempo, pelo menos naquele canto do Brasil, não foi capaz de suplantar.

Embora impregnada de passado, a narrativa também se preocupa com o presente, já que salienta que o progresso se desenvolveu distante dali. “*Isso explica um pouco o aspecto arcaico que até hoje permanece no lugar, apesar de estar a apenas 90 quilômetros de um dos maiores centros urbanos do país*”. Ao mesmo tempo em que há respeito pela forma com que a vida transcorre em Itaguara, fica implícita a preocupação com a ausência do desenvolvimento socioeconômico no lugar.

Alguns prazeres dos brasileiros, como a o aguardente e o futebol, também integram os temas tratados na revista. A matéria analisada na edição de agosto de 2009, integra o especial *200 anos de cachaça*. Sob a retranca *Tradição – Alambiques*, o número 25 de *Brasileiros* traz duas reportagens sobre a produção artesanal da caninha, grande paixão dos antepassados dos personagens que são protagonistas das narrativas. A reportagem selecionada, *Bondosa Maria Izabel*, com texto e fotos Masao Goto Filho, conta a história de Maria Izabel Gibrail Costa, dona de um alambique no Sítio Santo Antônio, em Paraty, cidade histórica do litoral fluminense, onde produz e serve pessoalmente o aguardente de cana, ainda produzido conforme a tradição de sua família.

Considerada um símbolo da cultura nacional, a cachaça, pinga, caninha, cana ou aguardente, como é conhecida, é a terceira bebida destilada mais consumida no mundo e a primeira mais consumida no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro da Cachaça (Ibrac)<sup>37</sup>. Entretanto, a retranca *200 anos de cachaça* refere-se ao tempo de produção artesanal da bebida pelas famílias consultadas na reportagem, e não ao tempo em que é produzida no Brasil, pois segundo o Ibrac, já em 1661 a coroa portuguesa liberou a produção e comercialização da cachaça em território nacional após pressão dos produtores.

---

<sup>37</sup> Informações disponíveis na página eletrônica do Instituto Brasileiro da Cachaça (Ibrac): <<http://www.ibrac.net>>. Acesso em: 25 maio 2012.

Para contar a história da produção artesanal do destilado em Paraty, Goto Filho opta por construir a narrativa como um perfil, dando espaço à personagem. Percebe-se que o narrador escolheu o modo de produção multidimensional. “Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral” (VILAS-BOAS, 2003, p. 13-14). Já nos primeiros parágrafos do texto fica visível esse posicionamento do repórter:

Na calma da baía, o pescador joga a tarrafa. O sol nem surgiu por trás dos morros verdes de mata cerrada, mas seu dia já começa, aproveitando a maré cheia do Saco Grande do Corumbê para a pesca de paratis, ou peixes brancos, na língua Tupi. De longe, se vê a paisagem azulada pelo amanhecer da fazenda Santo Antônio, sua minúscula praia com marolas que chacoalham as conchinhas espalhadas na areia e, atrás da cerca de madeira baixa, cinco casas distribuídas à beira da costa. Em uma delas, a fumaça dançante que sai da chaminé alerta que ali também se começa o trabalho cedo.

Dentro da casa, pela janela, Maria Izabel vê o barquinho, o pescador e essa magnífica paisagem da baía da Ilha Grande, enquanto remexe com a colher de pau um punhado de milho numa frigideira de ferro sobre o fogão queimando com lenha e alguns caules de cana-de-açúcar. Tudo isso vai se misturar em um grande caldeirão cheio de garapa, ou caldo de cana.

Aqui é onde tudo começa no trabalho de Maria Izabel. Está pronto o fermento. Em 20 dias ela terá a levedura. Vai moer a cana, fermentar. Logo depois começará o processo de destilação. Enquanto descansa, lendo um romance, deitada na rede ao lado de seu alambique, a cachaça vai pingar. Ela é uma das produtoras do município de Paraty, que mantêm, no processo artesanal e na herança cultural da cachaça, a qualidade e o fundamento da aguardente que leva seu

nome. (*Brasileiros*, 25, agosto de 2009, *Bondosa Maria Izabel*, p. 97)

O narrador vê tudo o que se passa, é onipresente. Descreve detalhadamente o ambiente da personagem e o processo de produção da bebida. Passa, então, a descrever a produtora: *“Pequena, roupas leves, um colar de sementes e descalça, como sempre. Maria Izabel Gibrail Costa é índia, caíçara, aristocrata, e nada disso. É uma das raras mulheres em um ramo masculino. Nascida em Paraty há 59 anos (...)”*. O repórter descreve fisicamente as pessoas. Também conceitua o ambiente em que está a personagem: *“Seu alambique é pequeno. Seu sítio, de uma beleza indescritível”*.

A pinga leva o nome de Maria Izabel. O narrador detalha o rótulo do produto: *“encimado por uma figura feminina esguia e exótica e cujo design foi presente da amiga e ex-vizinha, Liz Calder, criadora da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), e executado pelo ilustrador Jeff Fisher”*. O comentário da personagem sobre a etiqueta de seu produto deixa escapar mais um detalhe sobre ela, fato que o repórter deu atenção: *“Maria Izabel faz troça: ‘Como vocês veem, não sou eu’, e num segundo de imodéstia, deixa escapar: ‘Mas eu já fui assim’”*. Afinal, demonstra a feminilidade da personagem, que se lembra de suas formas no tempo de moça.

Nos intertítulos *Cavalo a pelo* e *Fuga da Santa Casa* o narrador evidencia costumes da personagem que atribuem a ela qualidades como dignidade, bravura, simplicidade, força, honestidade, como nas frases: *“Maria Izabel pensa e repensa o mundo todos os dias. É assim desde pequena, quando começou a criar seus valores”*; e na seguinte: *“Como morava na fazenda, um dia achou que dava muito trabalho tirar sapato para entrar na cachoeira e andar de canoa. Resolveu guardá-los e só andar descalça. Faz isso até hoje”*. O repórter comporta-se como uma câmera segundo Leite (2002) e Beltrão (2006) a fim de descrever as cenas. Goto Filho também dá espaço para a narração de momentos marcantes na vida de uma mulher, como o nascimento dos filhos:



Assim como na produção de pinga, desde sempre ela está muito mais na companhia dos homens. Quer dizer, menos em casa. Sem perceber qualquer destino, peso ou valor nisso, trouxe à luz seis rebentos, todos mulheres. Cinco do primeiro casamento com Carlos, arquiteto argentino, e a mais nova do quase casamento com Alain, francês navegador que morava em um veleiro e negociava pedras preciosas. Chegou a ter uma mina de esmeraldas no Espírito Santo. “Ele me respeitava muito, mas, ah, começou a parecer casamento de verdade e isso eu não queria mais.” (*Brasileiros*, 25, agosto de 2009, *Bondosa Maria Izabel*, p. 99)

Há duas marcas importantes neste parágrafo: a ambiguidade de Maria Izabel ter dado à luz a seis meninas, quando escolheu como profissão produzir cachaça, “*um ramo masculino*”, para o narrador; e o fato de como ela vê o casamento, diferente da ideia amplamente difundida de que toda mulher quer casar e permanecer casada para sempre. Forma-se a imagem antagônica ao estereótipo de figura feminina.

Em *Fuga da Santa Casa*, o repórter busca salientar a capacidade de Maria Izabel de restabelecer-se logo depois de um parto. Para isso, conta com o depoimento de alguns de seus amigos: “*‘Eu achei estranho. Dias antes ela estava grávida e num dia, de repente, eu a vejo na rua, sem barriga, muito lépida da vida’, se diverte Gloria, que lembra com alegria da jovialidade dessa época*”. A fala dessa personagem secundária, que é uma espécie de personagem testemunha, traz informações dessa época e resume a personalidade de Maria Izabel: “*Nós éramos muito jovens e Maria Izabel era uma caboclinha, uma beleza da força da natureza. Andava descalça e ao mesmo tempo, refinada. Era uma princesinha local*”. A fala da entrevistada dá elementos para a construção da protagonista, dotada de beleza, força, elegância.

No último intertítulo da reportagem *Matriarca*, Goto Filho insinua as semelhanças de Maria Izabel com sua mãe Josephina Gibrail Costa, por meio de relatos de outros personagens: “*Assim*

como sua mãe, criou suas filhas praticamente sozinha”, e “*Maria Izabel vem dessa linhagem de primazias. Sua irmã, Maria Inês, um ano e meio mais velha, diz que ela tem muito da mãe*”.

O narrador também delinea a progressão histórica da produção do destilado de cana. “*A família de Maria Izabel passou por esses ciclos produzindo cachaça. Antes dela, teve Samuel Costa. E antes dele, o Capitão Francisco Costa, pai de Samuel e vice-cônsul de Portugal em Paraty*”. Ao mesmo tempo em que associa a personagem aos antecessores do sexo masculino, o repórter reafirma a feminilidade da protagonista: “*Para Diuner, Paraty tem dessas mulheres, femininas, cujos maridos tombaram doentes nas trilhas do ouro ou no mar, desde o tempo colonial, e elas assumiram a família e os negócios*”. No parágrafo final, há a descrição de uma cena que evidencia esse traço marcante do texto.

Então, descansa uma garrafa sobre o balcão de anjelim, iluminado pelo balanço da folha de palmeira, esfrega o dedo sobre o engradado de garrafas semicompleto, e chora. Enxuga com a palma da mão o rosto molhado, olha para mim e diz: “Essa burocracia me tira do eixo”. (*Brasileiros*, 25, agosto de 2009, *Bondosa Maria Izabel*, p. 101)

O fundo ético e moral da narrativa está por trás de todo o texto e desde o princípio, no título *Bondosa Maria Izabel*, não restringindo apenas à interpretação de bondosa como altruísta, mas também como nobre, digna, sensível, humana. Pode-se dizer que a reportagem dissemina sentidos. Além do que está expresso, há metanarrativas, há aquilo que, a partir da experiência de cada leitor, conforme Verón (1980) e Motta (2004a), poderá se integrar ao relato, memórias, impressões, valores. “O texto é um conjunto de instruções que o leitor individual ou público executa de modo passivo ou criador. O texto só se torna obra na interação entre o texto e o receptor” (RICOEUR, 1994, p. 118).

O compartilhamento de sentidos ocultos também pode ser visto na reportagem *Ruy Castro entrevista Bellini, o grande capitão de 58*, publicada na edição 11, de junho de 2008, que parece deixar seu intuito claro já no título. No entanto, há sutilezas

na construção do relato sobre a vida do jogador de futebol Hideraldo Luiz Bellini, o zagueiro que usava a camisa de número 3 da seleção brasileira de 1958. Sob a retranca *Futebol – Bellini, o imortal* há a foto (de Hélio Campos Mello) em que aparecem o repórter Ruy Castro tomando nota, Bellini sentado ao seu lado, e a esposa de Bellini, Giselda sentada em outro sofá. Castro parece falar com Giselda, que é observada pelo marido, ele com a face inexpressiva, dedos entrecruzados. Na legenda: *Companheirismo – Giselda tinha apenas 15 anos quando conheceu e se apaixonou por Bellini, já um ídolo da seleção brasileira. Desde então, nunca mais se desgrudaram.*

A matéria integra um especial publicado nesta edição de *Brasileiros*, época em que a Copa do Mundo de Futebol de 1958 completava 50 anos. Foi a primeira vez que a seleção verde e amarela trouxe a taça para casa. O subtítulo resume o enredo da narrativa: *Primeiro, Bellini foi uma estátua. Depois, a estátua se tornou Bellini. Todo o Brasil de 1958 viu-se no seu gesto de levantar a taça acima da cabeça.* Ruy Castro explica tais afirmações já no início da reportagem, em detalhes:

Jader Neves, da *Manchete*, Luiz Carlos Barreto, de *O Cruzeiro*, e vários outros fotógrafos brasileiros na Copa do Mundo de 1958, na Suécia, não eram homens baixos. Longe disso. E, com a fulgurante vitória do Brasil naquela Copa – campeão do mundo pela primeira vez -, sentiam-se mais altos ainda. Mas, com aqueles retratistas europeus de 3 metros de altura à sua frente, não podiam ver direito o capitão do time, Bellini, segurando a taça no palanque da Fifa ao fim do jogo decisivo, vencido pelo Brasil.

“Levanta, Bellini! Levanta!”, gritaram – em português, naturalmente.

Segundos antes, ao receber a taça na tribuna de honra do Estádio Nya Ullevi, em Estocolmo, das mãos do rei Gustavo Adolfo, Bellini não sabia muito bem o que fazer com ela. Ninguém o instruíra sobre o protocolo da premiação – e duvida-se que alguém na delegação brasileira soubesse

algo a respeito. O natural seria que ele a levasse à altura do peito ou do rosto, como quem a usasse para tomar champanhe, e a beijasse. Afinal, era uma taça – uma coupe – de ouro, encimando uma mulher alada, e para isto fora criada: para que, nela, os heróis bebessem o champanhe da vitória. Até então, todos os capitães dos países campeões do mundo tinham feito assim.

Mas, sob os gritos dos fotógrafos, Bellini, com as duas mãos, levantou a taça acima da cabeça, em direção ao céu. Também por mero acaso, seu olhar mirou o alto das arquibancadas de Nya Ullevi e apontou para o infinito, naquele fim de tarde de verão sueco, 29 de junho de 1958. Estava consumada a pose. As Nikon e as Rolleiflex metralharam – e Bellini, sem saber e sem querer, tornou-se a estátua de si mesmo. (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *Ruy Castro entrevista Bellini, o grande capitão de 58*, p. 88)

Castro assume a postura de narrador heterodiegético (Motta, 2010) já que reconstrói a cena como se estivesse observando numa perspectiva ilimitada. Traz detalhes para que o leitor consiga visualizar os gestos do protagonista. Literalmente, Bellini foi o primeiro capitão da seleção brasileira a erguer a taça do mundo, como é chamada. Depois, esse virou um gesto oficial. *“E, quando fazem isso, estão eternizando e immortalizando Bellini. Mesmo os que nunca ouviram falar dele e nem desconfiam de que alguém tenha criado aquele gesto”*, destaca o narrador.

Em 1962, um empresário carioca mandou fundir em bronze uma estátua com um homem levantando a taça, em homenagem aos então bicampeões do mundo. A estátua de Bellini foi implantada na entrada principal do Estádio do Maracanã. Por isso, o narrador reafirma: *“Ou seja, primeiro, Bellini foi uma estátua. Depois, a estátua se tornou Bellini”*. O emprego do sentido metafórico deriva de uma preocupação estética e reafirma a posição do personagem como um imortal, já indicado na retranca da reportagem.

Castro elenca diversas fases e feitos do jogador, em minúcias. Os principais confrontos, as jogadas, os resultados dos jogos, os colegas da equipe. Destaca que o jogador foi até galã de fotonovela e convidado para contracenar no cinema. Também evidencia o caráter do jogador quando, na Copa de 1962, foi substituído por um dos colegas que ficara no banco na copa anterior, como seu reserva. “*É justo. Agora é o Mauro. Todos se admiraram. O próprio Mauro se surpreendeu. Quem, além de Bellini, teria essa grandeza?*”, ressalta Castro.

Em diversos trechos da narrativa Castro faz perguntas, algumas sem resposta. O narrador dá destaque para o início do relacionamento de Bellini e Giselda:

Os dois foram apresentados numa festa, e Giselda também gostou dele, mas não deu muita importância à coisa. Não que estar na presença de um herói nacional, e sentir o interesse dele por ela, não a alterasse. O problema era que tinha apenas 15 anos – e Bellini, 28. O próprio Bellini, só algum tempo depois, se deu conta da diferença de idade – “Eu podia ser seu pai!” -, mas, quando isso aconteceu, já se sentia “namorado dela”. As famílias se encantaram com o romance e ficou combinado que o casamento esperaria até que Giselda se formasse como normalista. (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *Ruy Castro entrevista Bellini, o grande capitão de 58*, p. 96)

Castro salienta que Bellini é um herói, figura ocupada pelos jogadores no país onde o futebol é paixão nacional. Como toda jornada heroica, a de Bellini, que casou-se em 1962, teve vitórias e declínios. Em 1969, há alguns anos sem conquistar novos títulos, decide encerrar a carreira. Mas os heróis sempre dão a volta por cima. Bellini passou a se dedicar a empreendimentos comerciais, abriu uma escolinha de futebol e até voltou a estudar, apoiado pela esposa. “*Ele era um homem viajado e inteligente, que falava inglês, espanhol e italiano como autodidata e tinha grande potencial. Por que não convencê-lo a voltar a estudar, mesmo às vésperas dos 50 anos?*”. Bellini passou no vestibular, cursou

Direito e foi aprovado na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), mas optou em não exercer a profissão.

O narrador passa a contar, de forma resumida, a trajetória de Giselda, que concluiu o curso de Letras aos 32 anos e desde então atuou na área.

Giselda se orgulha de sua carreira no magistério, mas o que gosta mesmo é de dedicar-se a Bellini. Os dois formam um atraente casal quando passeiam, bonitos e no capricho, pelas ruas do bairro de Higienópolis, onde moram. Os filhos, cada qual em sua especialidade, estão realizados.  
(...)

Há muito do que se lembrar. E devem ser lindas as lembranças, bem protegidas do mundo, que Bellini guarda no fundo da memória. (*Brasileiros*, 11, junho de 2008, *Ruy Castro entrevista Bellini, o grande capitão de 58*, p. 97)

A reportagem é encerrada sem uma única frase reescrita em forma direta, como transcrição da fala de Bellini, embora o título da matéria anuncie que se trata de uma entrevista. O texto foi construído sem intertítulos, o que dá a impressão de ser um único relato. Apenas a opção gráfica de intercalar letras maiores nas iniciais de alguns parágrafos suaviza sua leitura. As fotos que demonstram muitos dos principais momentos vividos pelo jogador foram diagramadas alternadas com as páginas de texto. Vogel (2011) evidencia que história do craque é relatada com detalhe, a ponto de quase não se fazer ouvir uma mensagem que “murmura secreta em todo o texto”. De acordo com a autora, tal mensagem se faz visível, e talvez não para todos, no parágrafo final da reportagem. “Aos 78 anos (50 depois da Copa de 58), Bellini, é verdade, não se lembra de mais nada, a doença corroeu sua memória, é isso que a reportagem secreta e sutilmente nos diz” (VOGEL, 2011, p. 304).

Ainda que transcrita de forma sutil, a informação não está velada. Já no início da reportagem a foto revela que Castro falava com Giselda, a companheira que gosta de dedicar-se a Bellini. Agora ele precisa de muita dedicação. Ao escrever “há muito do

*que se lembrar. E devem ser lindas as lembranças, bem protegidas do mundo, que Bellini guarda no fundo da memória*”, Castro não quer espetacularizar o mal de *alzheimer* que atingiu o jogador, mas valorizar a imortalidade desse personagem no emblemático gesto de erguer a taça, e levar um país ao delírio. É essa memória que o narrador quer marcar, o que dota a narrativa de sensibilidade, já que é ambíguo ser um brasileiro lembrado por todos os torcedores sem, a esta altura, lembrar-se de nada. Segundo MEDINA (2006, p. 86), “só o impulso interativo e afetuoso irradia a autoaceitação e abre os poros para se ouvir o diferente”. Castro constrói uma narrativa que busca ser, ao mesmo tempo, objetiva e poética, traz marcas de identificação e valoriza o personagem.

Além de dedicarem espaço para elementos que fazem parte da cultura brasileira como a cachaça e o futebol, as reportagens da revista *Brasileiros* também tratam da diversidade étnica e religiosa do país.

Embora o jornalismo lide sempre com o novo, nem sempre o diferente, aquilo que rompe com a rotina, é tratado sem preconceito pelo relato jornalístico. Grande parte da mídia trata da diferença de forma espetacularosa ou sensacionalista. O caminho, segundo Medina (2003, 2006, 2008), seria construir uma narrativa afetuosa e poética, capaz de transcender os estigmas. Reconhecer o outro, de acordo com TOURAINE (1998, p. 81-82), não consiste nem em descobrir nele um sujeito universal, nem aceitar sua diferença, “mas reconhecer que nós fazemos, com materiais e em situações diferentes, o mesmo tipo de esforço para combinar instrumentalidade e identidade”.

Quando a revista *Brasileiros* trata das minorias étnicas e religiosas busca um caminho de aproximação. Uma das matérias da edição 19, de fevereiro de 2009, selecionada para a análise traz, em caixa alta a frase: “*Waliperi Iapidza Ideenhikhetti*”. Um artigo publicado nas páginas seguintes à da reportagem e da entrevista explica que “*Waliperi Iapidza Ideenhikhetti*” significa “*Sob nova direção*” na língua Baniwa da família Aruak, uma das 180 línguas indígenas atualmente faladas no Brasil. Publicar uma frase derivada do Tupi-Guarani logo no título da reportagem tem uma explicação: a matéria *Waliperi Iapidza Ideenhikhetti - Sob nova direção*, assinada por Heitor e Silvia Reali, tem como subtítulo:

*Pela primeira vez, índios são eleitos prefeito e vice-prefeito de uma cidade brasileira.*

Mesmo que tenha sido curta, a reportagem busca informar um fato histórico: em 1º de janeiro de 2009, Pedro Garcia, de 47 anos, da etnia tariana, tomou posse como prefeito de São Gabriel da Cachoeira, município amazonense com mais de 40 mil habitantes, terceiro município mais extenso do Brasil, com área superior à de Portugal. O cargo de vice-prefeito foi assumido por André Fernando, de 37 anos, da etnia baniwa. A matéria é composta por uma reportagem breve, que contextualiza o fato, seguida de uma entrevista pergunta-resposta realizada com os administradores públicos recém-eleitos, e o artigo explicativo assinado pela professora Luciana Storto, do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP).

Pedro e André concordaram, dias antes da posse, em conceder uma entrevista exclusiva à *Brasileiros*. Fomos recebidos em uma salinha da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) cuja decoração se limitava a alguns mapas da Amazônia, e onde, devido ao calor úmido e à pouca ventilação, todos suavam em bica. Num canto da sala, alheio ao que se passava, um índio assistia enfeitado a um programa de televisão. Os nossos entrevistados, além de elencarem planos para a administração da cidade, revelaram retratos de um Brasil que nos tocou fundo. (*Brasileiros*, 19, fevereiro de 2009 – *Waliperi Iapidza Ideenhikheti - Sob nova direção*, p. 78)

Na abertura da matéria os repórteres tentam romper o estereótipo indígena e da Amazônia. “*Custa, sim, desassociar o indígena brasileiro daquelas imagens perpetuadas anos a fio que mostram esses habitantes da floresta isolados em pequenos clarões da mata fechada, tachados de incapazes e tutelados pelo governo brasileiro*”, destacam os narradores, que mesclam estratégias de subjetivação com estratégias de objetivação.



Tal imagem, porém, começa a se dissipar rapidamente no momento em que se conhecem essas aldeias e, à frente, os seus líderes. São lúcidos no resguardo e na revitalização de sua cultura milenar, na briga contra sua cidadania encurralada, na educação diferenciada e na conquista de novos empregos. Os indígenas, hoje, em todo o território nacional, representam 0,2% do total da população brasileira. Uma viagem a essas comunidades pode ser uma iniciação sobre a verdadeira Amazônia. (*Brasileiros*, 19, fevereiro de 2009 – *Waliperi Iapidza Ideenhikheti - Sob nova direção*, p. 76)

Os repórteres procuram narrar as cenas, numa tentativa de descrever o ambiente onde ocorre o enredo, a cidade de São Gabriel da Cachoeira, que fica a 1.150 quilômetros de Manaus (pelo Rio Negro).

Em horas de vôo são quase três, e até onde a vista se perde são 360° de muito verde. Habitada há cerca de 3.000 anos, essa região noroeste da Amazônia brasileira apresenta um conjunto altamente diversificado de paisagens florestais únicas: matas fechadas com vegetação de porte alto, terras inundadas – os igapós -, savanas, capoeiras e palmeirais. Todas têm em comum os rios que as serpenteiam e que, nesta época do ano, com a estiagem, desenham praias de areias brancas de rara beleza. (*Brasileiros*, 19, fevereiro de 2009 – *Waliperi Iapidza Ideenhikheti - Sob nova direção*. p. 77)

A reportagem foca a região Norte e o povo indígena num prisma incomum: o exercício democrático da gestão pública municipal por pessoas de uma etnia indígena. Ainda que haja um esforço na construção do ambiente, há poucas informações sobre os personagens, identificados como protagonistas da narrativa. Eles são mais conhecidos na entrevista pingue-pongue. Nem mesmo seus partidos são citados nos textos. O que fica evidente é que se trata da conquista de uma utopia, pois o ineditismo não está

apenas na eleição de um prefeito indígena, mas no fato de serem prefeito e vice de etnias diferentes, portanto, há, duplamente uma união de forças.

Por isso, o relato conta com um significado de fundo moral, o de transcendência. Pois, conforme lembra Motta (2011) o enredo projeta uma história e, em última instância, a fábula da história. “Nosso percurso parte de unidades semânticas inferiores para as superiores com o objetivo de compreender as partes e interpretar o todo orgânico” (MOTTA, 2011, p. 190). O texto também rompe com o estereótipo de índio, visto geralmente longe do cotidiano urbanizado. A reportagem demonstra que os indígenas assumem as questões administrativas públicas, o centro de poder ocupado na maioria por não-índios.

As narrativas da revista também evidenciam a diversidade religiosa dos brasileiros. A reportagem de Giedre Moura, *Retratos de um Brasil não-cristão*, publicada na edição 5, de novembro de 2007, traz fotos de João Correia Filho, a partir das quais se pode conhecer alguns personagens brasileiros adeptos ao judaísmo e ao islamismo, no país onde a maioria da população é católica<sup>38</sup>.

O subtítulo resume a temática: “*Judeus e muçulmanos não são apenas duas minorias religiosas no Brasil. São representantes de dois povos que encontram espaço para dar continuidade a suas crenças e identidades, em meio a uma imensa cultura cristã*”. A repórter adotou o foco narrativo em terceira pessoa. A partir de duas personagens que julgou possuírem trajetórias semelhantes ela tenta situar o leitor no tempo e no espaço:

Para Melany e Paloma, preparativos para o Natal em nada lhes tomam o tempo. Não fosse pelo vermelho e branco inevitáveis da decoração das ruas, o dia 25 de dezembro seria apenas mais um no qual buscam na

---

<sup>38</sup> No Censo 2000, 73,6% da população se declarou católica apostólica romana. Conforme informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os dados sobre o tema religião, do Censo 2010, ainda não foram divulgados. Os resultados definitivos e completos serão conhecidos em 2012. Dados disponíveis em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 maio 2012.

agulha da bússola a direção de suas cidades sagradas. Para onde aponta o leste, elas se voltam diversas vezes ao dia e entoam suas orações. Para Melany, brasileira, judia ortodoxa, seguidora da Torá, o sentido é Jerusalém. Para Paloma, neta de libaneses, muçulmana, devota dos dizeres do Alcorão, o rumo é Meca.

Brasileiras, nascidas na segunda maior nação cristã do mundo, Melany e Paloma são devotas de duas minorias religiosas, em números, mas sólidas nos vínculos sociais e tradições. Não é exagero dizer que a segunda casa de Paloma é a mesquita e a de Melany, a sinagoga. As duas aprendem um segundo idioma, ambos de origem semita, por questões religiosas. Para desfrutar dos ensinamentos do judaísmo, Melany vem aprendendo o hebraico e, para ler o Alcorão, Paloma resgata o árabe. Línguas nas quais as cerimônias religiosas são obrigatoriamente realizadas.

Nas vestes, ambas seguem as orientações de recato. Paloma é quem mais chama a atenção com seu belo rosto de 25 anos torneado pelo véu desde os 14. E Melany, uma bela médica neurofisiologista de 45 anos, também desperta curiosidade entre os que sabem que os fios brilhantes e castanhos não são seus, mas sim efeitos de uma peruca, recurso usado por judias ortodoxas para não mostrar os cabelos nas ruas. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *Retratos de um Brasil não-cristão*, p. 73)

Ao compor as cenas, a repórter busca aproximar o leitor de rotinas e costumes desconhecidos da maioria dos brasileiros. Para isso, ela presenciou muitas delas, como esclarece: *“Acompanhar pela primeira vez um ritual religioso em um templo israelita ou islâmico é como entrar num país desconhecido, ouvir outra língua e se perder por ruas sem guias, sem mapas”*. Dessa forma, a narradora convida o receptor a fazer *“uma viagem pela tradição religiosa e pela identidade de dois povos que vagam entre o anonimato de seus costumes e a ampla exposição na mídia*

*internacional*". Essa viagem ocorre ao acompanhar as vidas das famílias de Paloma Zalzale, de Melany Torres, de Elka e Michel Freller e dos marroquinos Nadia e Ibrahim Errguybi.

A repórter apresenta dados numéricos e informações que reafirmam algumas das tradições judaicas e islâmicas. No intertítulo *Identidade e conversão judaica* define: "*Nenhuma outra religião tem uma definição de identidade tão precisa quanto o judaísmo. Judeu não é aquele que se declara, mas sim todo nascido do ventre de uma mãe judia, praticante ou não*". Giedre apresenta os personagens Michel, 48 anos, consultor para o terceiro setor, e Elka, 47, arquiteta, que se conheceram na comunidade judaica, namoraram, casaram-se e tiveram filhos.

A narradora situa o casal num grupo mais flexível: "*Integram uma corrente que, apesar de proclamada como conservadora, é mais aberta às discussões sobre as regras judaicas*" e "*E independentemente da corrente, a família se permite fazer ajustes não só ao estilo de vida brasileiro, mas também ao que julgam adequado*". À outra família, chama de ortodoxa. Compara as tradições de dois de seus personagens: "*para Alfredo Torres, marido de Melany, judeu convertido, a barba, o chapéu e as vestes rapidamente o identificam*" e "*para Michel, o uso de outro ícone tão forte do judaísmo, o quipá, que serve para lembrar a presença de Deus acima de todos, hoje se restringe à sinagoga*". Com isso, dá traços das manifestações culturais inculcadas nos costumes de cada família. Afinal, como já ressaltou García Canclini (2009), conhecer o outro é lidar com sua diferença.

O intertítulo *Comida e tradição* dedica espaço à narração de rotinas adotadas por Melany: "*Antes de provar a Coca-Cola, faz uma bênção; depois, uma oração diferente antes da salada. Para cada alimento tem uma oração, dependendo de sua origem. Se fosse algo à base de trigo, seria outra', explica ela*". A constituição da cena ajuda a explicar que os judeus rezam três vezes ao dia, em direção a Jerusalém, mas, durante um almoço as orações podem ser infinitas.

Entre o final da tarde de sexta e o início da noite de sábado, dia do Shabat, o símbolo máximo da fé judaica, que representa o dia de descanso de Deus, Melany segue todas as

leis à risca: não anda de carro, nem usa elevador, não aciona nenhum comando elétrico. Para ir à sinagoga, tem de ser a pé. O mesmo vale para as festas judaicas, que são dez por ano: pára de trabalhar em todas elas. Em contraposição, os únicos dias em que Michel não trabalha são no Rosh Hashaná (Ano-Novo) e no Yom Kippur (Dia do Perdão): “São nossas grandes datas. Fora isso, trabalho normalmente”, contrapõe Michel. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *Retratos de um Brasil não-cristão*, p. 76)

A repórter se utilizou do texto jornalístico para demonstrar as diferenças que existem no padrão cultural adaptado pelas famílias que praticam sua religiosidade fora das sociedades de origem. Foi por meio da observação e da audição atenta do relato dos personagens que foi possível adentrar costumes. MEDINA (1988, p. 8) salienta que a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, “de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. No intertítulo *Os passos do Islã*, a narradora evidencia algumas das principais tradições religiosas do islamismo.

Se no judaísmo a conversão é complexa, no Islã, quem se identifica com a crença do povo que segue os passos do profeta Mohammad pode tornar-se muçulmano em menos de um minuto: basta a convicção em pronunciar em árabe a frase: “Não há divindade além de Allah, e Mohammad é seu profeta”. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *Retratos de um Brasil não-cristão*, p. 77)

Entretanto, os estudos e crenças são vastos. Para exemplificar, a repórter lembra que a culinária é diferenciada. Assim como no judaísmo, carne de porco está proibida para os muçulmanos. Os personagens que ajudam a contar as características do islamismo no Brasil são os marroquinos Nadia e

Ibrahim Errgybi, que se mudaram para o Brasil em busca de trabalho.

Numa cidade como São Paulo, há um número considerável de opções *cashier* para judeus, principalmente em bairros como Santa Cecília e Bom Retiro. Já os açougues de carne *halal* ainda são poucos e restringem-se às redondezas de mesquitas, como na região de Santo Amaro, e no bairro do Brás, na capital paulista, onde vivem muitos árabes, principalmente libaneses – cerca de 90% dos muçulmanos do Brasil vieram do Líbano. Ibrahim, 40 anos, e Nádia, 38, que acabam de se mudar para uma casa no pátio da Mesquita de Santo Amaro, são marroquinos. “Se não acho a carne industrializada *halal*, compro a normal. Estou no Brasil; aqui é bem diferente do Marrocos. Vivendo num país cristão, é permitido comer o mesmo que católicos, que judeus”, revela Nádia. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *Retratos de um Brasil não-cristão*, p. 78)

Ao mencionar as dificuldades de encontrar estabelecimentos comerciais brasileiros que vendem comidas preparadas à moda *cashier* para judeus, e *halal*, aos muçulmanos, a repórter indica as adaptações culturais a que precisam se submeter os povos que optam por seguir uma religião em um país onde são minoria.

Embora a narradora tenha mantido a postura de câmera, no intertítulo *Na singularidade dos costumes* ela dá algumas pistas interpretativas, aos moldes de um narrador onisciente intruso, conforme Leite (2002):

Ainda é cedo para dizer que (qual) eco o islamismo de Ibrahim, Nádia e Paloma fará em terra tão aberta às manifestações religiosas e ao sincretismo. Do judaísmo, a conclusão é a ilusão de que breves conversas e leituras rendem um fácil entendimento do mundo judaico. Tentar

explicar o judaísmo e seus milênios de história e costumes é agir como mágico que tira lenços intermináveis de uma cartola.

O que Ibrahim, Nadia, Paloma, Melany, Elka e Michel parecem desejar é apenas seguir suas crenças, escolhendo andar pelos caminhos que acreditam ser os que os conectam a Deus e extrair valores dos escritos sagrados. O Natal vai chegar e nenhum deles fará festa. Mas se um convite chegar à casa de Elka e Michel, chamando para a comemoração na companhia de bons amigos, por que não aceitar? Com a devida licença, é claro, de recusar, sem dramas, o leitão do almoço de domingo. (*Brasileiros*, 5, novembro de 2007, *Retratos de um Brasil não-cristão*, p. 81)

Ainda que a reportagem trate de um tema que gere preconceito, e por isso aborde um assunto delicado, ao fim da narrativa a repórter usa metáforas e brinca com a flexibilidade de adaptação do casal Elka e Michel aos costumes brasileiros. Talvez seja uma estratégia de suavizar os traços culturais e aproximar o leitor daqueles que, muitas vezes, julgam como diferentes e os isolam.

Vale destacar que a diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas de valor cultural, conforme evidencia BHABHA (2003, p. 228): “a diferença cultural introduz no processo de julgamento e interpretação cultural aquele choque repentino do tempo sucessivo, não-sincrônico, da significação”. É uma tentativa de mostrar que o outro, mesmo que situado em sua diversidade sociocultural, se apresenta como semelhante em sua humanidade.

Apesar de que grande parte das reportagens da revista *Brasileiros* enfatize os gestos simples e a humildade, a riqueza também emerge das narrativas analisadas. A primeira edição da revista, publicada em julho de 2007, tentou trazer uma diversidade de temas, como cultura, preconceito, desenvolvimento nacional e histórias de personagens brasileiros. A matéria selecionada para a análise, *Viagem ao nosso Texas* – de Ricardo Kotscho, com fotos

de Hélio Campos Mello – conta como a exploração de petróleo em terra está mudando a vida das cidades no sertão do Rio Grande do Norte. A retranca é *Sertão – riqueza*.

O título já anuncia a estratégia de construção metafórica, comparando o Rio Grande do Norte ao estado norte-americano do Texas, conhecido pela exploração petrolífera e pelos contos de *cowboys*. Como outras narrativas já analisadas, a reportagem também é construída como um relatório de viagem, já que o repórter traz suas observações pessoais para narrar a sucessão de cenas que vai tendo contato. A primeira página traz a foto dos equipamentos que fazem a retirada do petróleo em solo. Assemelha-se ao relato de um diário:

Dezenove de março de 2007. Final de verão, as chuvas chegaram antes do Dia de São José, prometendo a todos, segundo a tradição meteorológico-religiosa destes sertões nordestinos, que este ano não vai ter seca. De um dia para o outro, a terra cinzenta ficou verde e a caatinga coloriu-se de flores de macambira, mandacaru e jurema-de-imbira, os açudes ficaram cheios até a tampa, os primeiros fios d'água voltaram a correr pelos rios que serviam de caminho para gente e gado.

O chapelão de *cowboy* texano daqui ainda é aquele chapeuzinho apertado de couro dos vaqueiros celebrizado nos filmes dos tempos do cangaço, que foi varrido destas terras há 80 anos. Em lugar dos carrões americanos beberrões de gasolina cortando o deserto, multiplicam-se por toda a parte as motocicletas de todas as cilindradas, que tomaram o lugar dos jegues até para tocar o gado nos pastos.

As primeiras imagens dos cavalos mecânicos bombando ininterruptamente petróleo para os dutos que correm ao longo da estrada indicam que estamos chegando a Mossoró, nosso Texas do sertão, capital brasileira da exploração terrestre da Petrobras. (*Brasileiros*, 1, julho de 2007, *Viagem ao nosso Texas*, p. 107)



Os parágrafos iniciais dão conta de situar a cidade de Mossoró, a 277 quilômetros de Natal e 260 de Fortaleza, comparando-as novamente, ao imaginário texano, inclusive destacando a indumentária usada na cidade, dotadas de características bem brasileiras. No Brasil – diferentemente do Texas, onde a exploração de petróleo se dá em solo – o conhecimento popular geralmente associa tal exploração às grandes plataformas marítimas da Petrobras. “*Pois é aqui, no semi-árido potiguar, que encontramos estes personagens incríveis conhecidos por "sheiks do sertão" - os sertanejos humildes que passaram a receber royalties de 1% sobre o petróleo encontrado em suas terras.*” e “*(...) hoje mandam seus filhos para as melhores universidades*”, resume o repórter.

O narrador descreve cenários que parecem ter saído de filmes do Velho Oeste e ao mesmo tempo traz dados numéricos, que visam afirmar que, apesar de parecer ficção, trata-se de uma história real. De acordo com as informações, somente em 2006, no Rio Grande do Norte, a Petrobras repassou mais de R\$ 30 milhões para 1.096 proprietários de terra com poços em produção. “*Isso dá um ganho médio de quase R\$ 30 mil por ano para cada família - uma pequena fortuna para quem pelejava na lavoura de subsistência em terras antes sem água e sem luz*”. Os números têm o intuito de mostrar um Brasil desconhecido, que está mudando e, conforme o editorial da mesma edição já destacou, busca trazer a ideia de um país “competitivo sem ser predador”. Como prossegue o narrador: “*É uma história bonita de um Brasil off-mídia, que começou a ser escrita há exatos 30 anos, em outro Dia de São José*”. Sutilmente, com a expressão “*Brasil off-mídia*” o repórter denuncia que tais narrativas de um Brasil que está dando certo não são vistas na imprensa e, com isso, dá a ideia de um Brasil esquecido, recusado.

Ainda que o próprio Kotscho tenha sido secretário de imprensa do governo Lula (vigente na época da reportagem) – e a revista tenha demonstrado em outros momentos sua identificação com esse personagem brasileiro – percebe-se que Kotscho busca, no início do relato, não relacionar o desenvolvimento local provocado pela exploração de petróleo feita pela Petrobras (empresa de economia mista, cujo acionista majoritário é o

Governo Federal<sup>39</sup>), com o governo da época. No intertítulo *Em lugar de água sai óleo* o repórter dá continuidade ao seu diário de viagem para contar como se deu tal história, iniciada há 30 anos, quase que por acaso:

Dezenove de março de 1977. Por ordem do governador Tarcísio Maia, que pleiteava financiamento da Embratur para construir um balneário de águas quentes na cidade, o geólogo Francisco de Assis Câmara Ferreira de Melo, diretor da Companhia de Desenvolvimento de Recursos Minerais do Rio Grande do Norte, deu início à perfuração do poço MO-09, obra concluída no dia 30 de abril ao atingir a profundidade de 895 metros.

O poço foi tamponado, aguardando o dia em que ficariam prontas as obras do Hotel Thermas. Dois anos depois, quando o governador já tinha mudado, era Lavoisier Maia, e as torneiras finalmente foram abertas para encher as dez piscinas do hotel, a surpresa: junto com a água quente jorrou do poço uma grande quantidade de óleo, formando uma "nata negra" sobre as piscinas.

O que seria um problema para o balneário acabou se tornando ponto de partida para a exploração terrestre de petróleo na região, responsável hoje por um terço da produção nacional da Petrobras em terra - e o poço virou uma atração turística, cuidadosamente cultivada pelo Hotel Thermas, na região central da cidade, ao lado de suas piscinas de águas sempre quentes e limpas. (*Brasileiros*, 1, julho de 2007, *Viagem ao nosso Texas*, p. 107)

O repórter constrói a narrativa de forma cronológica e adverte sobre o que o leitor vai encontrar ao virar a folha: “*Nas*

---

<sup>39</sup> Informação disponível em: <<http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/perfil/>>. Acesso em: 24 maio 2012.

*páginas seguintes, o que mudou na paisagem física e humana do nosso Texas sertanejo, três décadas depois da descoberta de petróleo onde se procurava apenas água*". É uma estratégia de suspense, a fim de trazer algo desconhecido e, ao mesmo tempo, uma estratégia de proximidade, com o intuito de oferecer confiança. Ao virar a página, outro parágrafo reafirma a posição editorial da revista: de mostrar histórias de brasileiros, mais que isso, trazer relatos de pessoas satisfeitas.

O texto da reportagem adianta que Kotscho encontrou seu primeiro personagem no Sítio Livramento, em Caraúbas, município de 18 mil habitantes, a 72 quilômetros de Mossoró: *"encontramos um brasileiro feliz. Sim, ele existe"*. A fim de obter um efeito imaginativo do leitor, ele apresenta o ambiente onde mora Antonio Faustino da Silva, *"rodeado pelos serrotes do Cumbe, da Mulatinha e das Araras, no meio da caatinga coberta de jurema-preta, mofumbo, faveleiro, marmeleiro, xique-xique e facheiro"*. Além disso, o descreve: *"Fala mansamente, com aquele semblante sereno de quem está com o burro na sombra, como se costuma dizer por estas terras do semi-árido potiguar. Nada lhe falta, gaba-se"*.

O repórter conta a trajetória do agricultor, pai de sete filhos (uma na faculdade), que se tornou um "sheik do sertão" desde que encontraram um poço em sua propriedade: *"De um dia para o outro, em 1995, sem gastar nada, correr nenhum risco ou fazer qualquer sacrifício"*. Hoje, grande parte da renda da família vem dos *royalties* pagos pela Petrobras. Embora já tenha recebido até R\$ 15 mil por mês, o único poço aberto nas terras de Faustino da Silva ainda lhe rende entre R\$ 3,5 e R\$ 4 mil mensais.

Descreve a residência do personagem: *"a casa de alvenaria, recém-reformada, é simples, pintada de branco como as outras da vizinhança e não chama a atenção de quem passa na estrada de terra que leva ao sítio"*. O repórter adota a descrição pitórica, que se faz pela soma dos detalhes, conforme Beltrão (2006, p. 68), *"na qual tanto o objeto descrito como o sujeito que descreve estão imóveis"*. Também procura mostrar a simplicidade desse brasileiro de classe média, que não se acomodou com a renda garantida, nem é adepto à ostentação.

O personagem dedica seu tempo a cuidar da criação de guinés (galinhas-d'angola), perus, vacas e dos cordeiros pelados, pois tem planos para o futuro: quer juntar dinheiro para comprar mais casas para alugar “*na rua*”. O repórter explica que *rua* é como os sertanejos se referem ao centro urbano do município, mais uma mostra da oralidade do entrevistado.

A narrativa também aborda o conflito gerado pela riqueza: o aumento da criminalidade. Com o episódio, intensificou-se o êxodo. “*Foi o que aconteceu, por exemplo, com alguns dos nove filhos do vaqueiro Francisco Evangelista da Costa, de 72 anos, o ‘Titico Broaca’. Um depois do outro, eles foram deixando o Sítio Molungu*”. O repórter conta como a exploração do petróleo mudou a vida da família de Titico, que também possui poços em sua propriedade. Há outros personagens secundários, filhos do vaqueiro, que ajudam a construir o relato. O narrador cita algumas informações curiosas como a substituição do cavalo pela moto para tocar o gado. De acordo com Sodré e Ferrari (1986) pode-se dizer que o repórter adota, paralelamente, o miniperfil e o multiperfil. No miniperfil há o personagem secundário que tem a sua vida narrada a partir de um corte na história principal. Já no multiperfil, “vários são os narradores e um só é objeto da narração” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 139).

Esses personagens compõem a reportagem a fim de apresentar outras alternativas de renda apresentadas pela Petrobras, como a plantação de mamona destinada à produção de biodiesel e o uso das esteiras de palha de carnaúba confeccionadas pelas artesãs da região de Assu, que substituíram o alumínio usado na proteção dos dutos. O *boxe Aqui tudo se aproveita*, traz algumas dessas personagens, mulheres que passaram a ganhar R\$ 6,5 por cada esteira produzida. Antes, recebiam R\$ 1.

A produção do biodiesel no sertão nordestino é contada a partir do relato do casal Francisco de Assis Gama, de nome artístico "Diassis", e Filomena Rosemberg Gama, mãe de seus três filhos. Eles moram em Upanema, cidade de 12 mil habitantes a 52 quilômetros de Mossoró. Entretanto, antes de contar como foi que descobriram como obter renda a partir da plantação da mamona, o repórter narra a *Trajatória típica de nordestinos*, abrindo outro subtítulo. O primeiro parágrafo é esclarecedor: “*Biodiesel é a*

*palavra da moda nestas terras que já foram do cangaço, viram tudo melhorar com a descoberta do petróleo há um quarto de século e agora jogam seu futuro na mamona*". O narrador sintetiza o enredo dessa subnarrativa, que integra a narrativa maior. Novamente há adoção do relato cronológico para contar as andanças do casal Diassis e Filó:

Muito tempo atrás, recém-casada, ela saiu de Alexandria (RN), onde os dois nasceram, e foi por conta própria atrás de "Diassis", que tinha ido para São Paulo sozinho. Filó foi sem avisar.

- Estou aqui, vem me buscar.

- Aqui onde?

- Aqui, na Rodoviária de São Paulo...

Nunca mais se separaram. Mas até chegarem a essa vida de brasileiros felizes que levam hoje, no entanto, foi uma longa história que vale a pena contar desde o início - a trajetória típica de um casal de nordestinos que foi e voltou várias vezes em busca apenas da sobrevivência. (*Brasileiros*, 1, julho de 2007, *Viagem ao nosso Texas*, p. 111)

O uso de travessões, para a transcrição do diálogo direto é um recurso que possibilita a construção de um narrador onisciente, que parece presenciar os fatos ocorridos na intimidade de Diassis e Filó. Depois de relatar os principais fatos da história do casal, Kotscho revela que foi Filó quem convenceu boa parte das 142 famílias do assentamento onde moram a plantar mamona na área de 5.400 hectares loteada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) há 19 anos. O repórter salienta que Filó é "*uma sertaneja de opinião, baixinha daquelas bem determinadas*". Além da plantação de mamona, o casal cuida de 70 cabeças de gado, 250 cabras e 200 ovelhas. A narrativa também manifesta os sonhos dos novos sertanejos, filhos de Diassis: "*Carlos Diego quer estudar Veterinária ou Agronomia e Denis já se decidiu por Direito. No Natal do ano passado, eles ganharam uma irmã adotiva, Lidiane, de 7 anos*".

Os sentidos que emergem da reportagem aproximam o leitor de um novo Nordeste, não aquele estereotipado, da pobreza,

da baixa escolaridade, mas o nordeste que possibilita realizar sonhos e ter conforto. O repórter até enumera os bens materiais recém-adquiridos pelo casal: “*Jogo de sofã na sala, aparelho de DVD, televisão em cores, telefone, geladeira, freezer, painel de 30 peças, fogão de seis bocas, tudo brilhando, tudo novo*”. No último parágrafo da reportagem há uma referência mais explícita ao governo Lula:

A renda das famílias no assentamento, onde foi lançado o Programa Petrobras Fome Zero, em setembro de 2003, varia entre R\$ 400 e R\$ 1.200. Aqui a Petrobras não achou petróleo em terra, mas o poço 1-CRN-001-RN continua aberto, jorrando 45 mil litros d’água por hora, mais do que suficiente para irrigar a horta orgânica, lavouras e pomares, dar de beber ao gado e manter a boa produtividade das plantações de mamona. (*Brasileiros*, 1, julho de 2007, *Viagem ao nosso Texas*, p. 113)

A metanarrativa é de esperança: renda mais alta, possibilidade de plantar e colher no sertão com tecnologia para irrigar água boa, símbolo de vida. A reportagem contém muitas cenas que lembram os contos fantásticos de Monteiro Lobato, escritor que ainda na década de 1930 já afirmava que havia petróleo nos solos brasileiros, quando o governo negava sua existência (como na primeira edição de *O Poço do Visconde - Geologia para crianças*). Todavia, na reportagem a ênfase é que, diferentemente da literatura, o governo (por meio da Petrobras) incentiva sua exploração. Conforme destaca Rincón (2006), o jornalismo é um dispositivo narrativo para a compreensão humana, uma maneira de inscrever e escrever o mundo, pois o jornalismo conta e compreende o presente, a vida cotidiana e a pública.

A reportagem *Alunos de classe*, de Nirlando Beirão, publicada na edição 39 de outubro de 2010, também tem uma conotação otimista. Trata do crescimento no número de ingressantes no ensino superior brasileiro e a mudança socioeconômica percebida no setor, ocorrida timidamente entre o final do século XX e mais visível na primeira década do século

XXI<sup>40</sup>. A matéria conta com seis caixas de textos complementares assinadas por outros três repórteres. Cada *boxe* traz a história de um universitário de diferentes regiões brasileiras (Sudeste, Nordeste e Sul).

A foto de Luiza Sigulem publicada em toda a página 116 mostra uma das entrevistadas sorrindo, sentada. Atrás dela há um quadro verde escrito em giz branco. O texto anotado no quadro parece ser extenso, mas alguns fragmentos podem ser compreendidos, embora o foco da imagem tenha centralizado a personagem. As palavras que podem ser lidas chamam a atenção: “nossa sociedade”, “melhoria”, “transformação”, “Brasil”, “cidadã”. A legenda é a seguinte: “*Nota dez – Kátia Bezerra de Souza, 23 anos, cursa o segundo ano de Pedagogia*”. Logo na primeira página percebe-se que Kátia é mais um dos personagens referenciais (Brait, 1985) adotados pela revista.

Com o subtítulo *Sinal da redução da desigualdade social no Brasil, jovens da classe C chegam à universidade*, o repórter sintetiza seu relato. Ele assume a postura do narrador intruso:

Você vai passear, nas páginas seguintes, pela paisagem de um sonho bonito: aquele compartilhado por figuras como Edevilton Santos, de Salvador, Bahia; Kátia Bezerra e Arthur Medeiros, de São Paulo, capital; e Adão Wesley, de Londrina, Paraná, entre outros. Um sonho chamado faculdade. O que os personagens têm em comum é o piso que ocupam no estrato da sociedade. Fazem hoje parte do imenso contingente da classe média. O que tecnicamente distingue a classe C daquelas do andar inferior é que ela produz renda que vai além da cesta básica da sobrevivência imediata e deixa algum excedente. Tirando comida, transporte e saúde, a sobra pode se transformar em

---

<sup>40</sup> O número de matrículas, nos cursos de graduação, aumentou em 110,1% de 2001 a 2010, chegando a quase 6,5 milhões. Dados do Censo da Educação Superior 2010 – MEC, disponíveis em <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 28 maio 2012.

investimento. Mesmo que seja um investimento imaterial, impalpável e de longa maturação como uma carreira universitária.

Os personagens-símbolo que a Brasileiros selecionou encarnam um prodigioso fenômeno. De 2003 para cá, perto de 30 milhões de brasileiros subiram o elevador social e se instalaram na plataforma da chamada classe C. A estatística é do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (Rio). Em outras palavras, todo esse robusto contingente deixou para trás o fantasma cotidiano da carência e da miséria. Trata-se do maior rearranjo para cima nos estratos de uma nação na recente história da humanidade, desde o *boom* do crescimento japonês no pós-guerra. Sinal de que a redução da desigualdade pode ser praticada muito além das miragens dos palanques eleitorais e que, como assinala o Prêmio Nobel Paul Krugman, ao exorcizar o vodu dos neoliberais de lá e daqui, repartição de riqueza não põe em risco a estabilidade da economia. (*Brasileiros*, 39, outubro de 2010, *Alunos de classe*, p. 117).

O uso de expressões como “*sonho bonito*”, “*personagens-símbolo*”, “*prodigioso fenômeno*”, ajudam a explicitar a postura editorial da revista diante dos dados. Ao mesmo tempo em que o narrador busca construir efeitos poéticos, traz dados objetivos, como o de que nos últimos dez anos, 30 milhões de pessoas ascenderam à classe C<sup>41</sup>. A opinião do repórter também é evidenciada: “(...) *ao exorcizar o vodu dos neoliberais de lá e daqui, repartição de riqueza não põe em risco a estabilidade da economia*”. A reportagem faz clara referência ao governo Lula:

---

<sup>41</sup> Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicados em 9 de agosto de 2011. Disponíveis em <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9795](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=9795)>. Acesso em: 28 maio 2012.



Coincidência ou não, foi no governo Lula que a classe média passou a ser maioria no País - 94,9 milhões de brasileiros. Se você tomá-la em seu conjunto, ela detém mais riqueza que o andar de cima da sociedade. Repetindo: o volume total de riqueza é maior, embora, em termos de renda per capita, a classe A, mais reduzida, é, claro, campeã disparada. Os neoemergentes da era Lula ganharam o status de cidadãos que consomem. Consomem os eletrodomésticos das Casas Bahia, mas também consomem entretenimento, e aí estão as multidões da CVC Turismo acotovelando-se nos voos para Paris. Dão um *upgrade* em seus automóveis, mas também buscam conhecimento e cultura. Nesse quesito, o acesso à universidade - a pública, mas principalmente a particular - acelera com energia de furacão. Confirmam aqui: em uma década, entre 1991 e 2000, o número de instituições de ensino superior no Brasil aumentou timidamente, de 893 para 1.180 (crescimento de 30%); de 2000 para cá, o número quase triplicou; acaba de chegar a três mil instituições. (*Brasileiros*, 39, outubro de 2010, *Alunos de classe*, p. 117).

Ao tratar da nova classe média, destaca os bens de consumo e lazer adquiridos por esta população e o espaço dado à educação. O narrador atribui o crescimento somente ao governo Lula, sem apontar outros fatores. Sobre o crescimento do ensino superior destaca: *“O boom tem nome e sobrenome: das faculdades brasileiras, nove entre dez são particulares, e quem anda se acotovelando em suas salas de aula é a nunca assaz citada classe C”*. Ao citar o verbo acotovelar, faz menção à aglomeração de pessoas. Também lembra que pagar mensalidade não é das coisas mais fáceis para os pais de famílias ou para os próprios alunos e cita números que justificam o esforço: no Brasil, o diploma superior causa um aumento salarial de 171% na renda média.

Após trazer tais dados apresenta seu único entrevistado: Paulo Stephan, diretor de mídia da Talent e coordenador da

pesquisa "Universitário, qual é a sua Classe?". Abre, então, quatro intertítulos: *Diploma ajuda, sim*; *A qualidade do ensino*; *Os pensadores e os pragmáticos*; e *O ensino particular não é caro para a classe C?* em que traz a opinião entre aspas de Stephan sobre cada um dos temas. Ao final de cada intertítulo abre parêntesis e, em itálico, traz dados estatísticos mesclados com suas impressões.

No intertítulo *O ensino particular não é caro para a classe C?* Stephan menciona os programas oficiais de financiamento, como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies), da Caixa Econômica Federal. Ao citar o ProUni, por meio da fala de seu entrevistado, Beirão enfatiza a informação, entre parêntesis: "*ProUni (do governo Lula)*", já que foi criado pelo governo federal em 2004. Com isso, se confirma o já anunciado no editorial de número 1 da revista: "*Brasileiros não terá pruridos nem para elogiar, nem para criticar*".

Inclusive, a estética autoral se faz mais uma vez manifesta, pois o narrador, bastante presente na narrativa, emite uma espécie de conclusão, a partir da fala de seu entrevistado, ao tratar da luta contra o preconceito: "*A classe C está quebrando paradigmas e derrubando tabus. Em São Paulo, principalmente, a gente se acha, torce o nariz, despreza a cultura que não se parece com a nossa. Não vejo mal nenhum que a classe C goste de churrasco e forró (...)*". O trecho remete à necessidade de mudança de posicionamento diante das transformações socioeconômicas e, portanto, socioculturais. Bird e Dardenne (1993) destacam que, ao narrar, quem reporta comunga de elementos semelhantes (da língua, da cultura), apesar de que cada um tenha uma forma personificada de narrar.

O repórter arremata o texto, agora trazendo sua opinião de forma ainda mais clara:

É bom que a elite de nariz empinado, sempre desconfiada do populacho, aprenda. Aprender, está aí uma boa ideia. Já que o assunto é educação, quem sabe pesquisas como esta, do publicitário Paulo Stephan, não deixem na cabeça da gente uma

intrigante reflexão? Toda vez que se fala em educação no Brasil, automaticamente pensa-se nos mais pobres e mais carentes. É notável injustiça. Dá para notar que, aqui, os mais ricos, especialmente eles, meros ventríloquos de "verdades" alheias, estão muito carentes de boa educação, de informação de qualidade e de maior conhecimento. (*Brasileiros*, 39, outubro de 2010, *Alunos de classe*, p. 123).

A matéria de Beirão demonstra, nitidamente, o fundo moral atribuído à narrativa: os pobres brasileiros estão tendo acesso ao crescimento intelectual e material, por isso é bom que os ricos se acostumem logo com eles, pois vão ter de aprender a dividir espaço com essa grande parcela da população. Além disso, atribui todas as mudanças ao governo de Lula, uma menção ao engajamento político da revista.

Os textos complementares reforçam essa ideia, pois trazem o relato da vida de seis personagens, dois de São Paulo, dois da Bahia e dois do Paraná. Os repórteres Diogo Mesquita, Katherine Funke e Wilhan Santin assinam os textos, respectivamente. Todas as seis narrativas complementares à reportagem apresentam alguma referência à jornada do herói (Martinez, 2004), pois todos os entrevistados são jovens universitários que vieram de famílias pobres.

As falas dos personagens também ajudam a compreender a realidade de grande parte dos jovens brasileiros, como é o caso do capixaba Arthur Medeiros de Oliveira, de 20 anos, que na adolescência mudou-se para São Paulo, onde conquistou a isenção de 100% na mensalidade no curso de Administração por meio do ProUni. Uma das frases de Arthur sintetizam sua condição sociocultural e sua vontade de mudar sua realidade: "*Nunca tive luxo, nem do bom e do melhor, mas não faltavam o arroz e o feijão*".

O relato de Kátia Bezerra de Sousa, 23 anos, que é funcionária da área de bancas e distribuição na revista *Brasileiros*, também tem esse tom, ela começou a trabalhar aos dez anos: "*Sua adolescência não existiu. Por conta da complicada situação*

*financeira da família, a então menina se viu obrigada a se transformar precocemente em mulher e arranjar um emprego (...)*". Filha de uma diarista, hoje ela paga satisfeita as mensalidades integrais do curso de Pedagogia. Será a primeira, entre seus irmãos a ter um diploma universitário.

O baiano Edevilton Santos e Santos, 22 anos, foi aprovado no ProUni e no ensino superior público, mas escolheu estudar Direito na instituição privada, graças à qualidade de ensino que comprovou: *"Antigamente, eu tinha certo preconceito contra o ensino privado e ainda tenho, na verdade, grande preocupação com a mercantilização do conhecimento"*.

O personagem Adão Wesley de Souza, 22 anos, é o que mais demonstra sua luta heroica: nascido em um bairro pobre de Londrina, interior do Paraná, perdeu pai e mãe ainda criança. Foi criado pela avó, dona Geralda (já falecida), que o matriculou em cursos oferecidos em contraturno na escola pública onde estudou e, com isso, incentivou seu primeiro contato com o computador. Trabalhando e estudando, conquistou nota alta no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o direito a uma bolsa do ProUni no curso de Sistemas de Informação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. O narrador reforça as qualidades de seu personagem:

Na universidade, Adão não deixou por menos, tratou de ser o melhor da turma. Como prêmio, ganhou da PUCPR mais um incentivo: uma bolsa de estudos e uma vaga no curso de mestrado da instituição.

Há pouco mais de um ano, junto da mulher, Flávia Jaqueline, 24 anos, ele fez as malas e se mudou para Curitiba, onde faz o mestrado. Chegou à capital já com emprego garantido em uma empresa de desenvolvimento de software. Deseja continuar crescendo. Pretende fazer o doutorado nos Estados Unidos.

"Sou muito feliz por todas as oportunidades que tive nos últimos anos. Agradeço a Deus e sigo adiante", comenta o rapaz, que não esconde que já almeja mais que a classe

média. (*Brasileiros*, 39, outubro de 2010, *Alunos de classe*, p. 122)

A reportagem dá espaço para o relato de quatro jovens negros (dos seis consultados). Já do ponto de vista da questão de gênero, a narrativa contou com o depoimento de apenas uma mulher. A metanarrativa é de luta e esforço para que se conquistem os sonhos. No entanto, vale lembrar que, conforme ressalta Motta (2004a), o texto jornalístico estabelece uma relação entre a capacidade de o enunciador ativo oferecer instruções de leitura e a de o receptor reconhecer essas instruções e confirmá-las (ou não). Tal sentido somente é compartilhado quando há alguma identificação com o enunciado, seja por uma experiência direta, ou sua bagagem sociocultural. Como destaca Borrat (2006):

Narrar é experiência cotidiana de todos, ainda que não tenhamos consciência dela: o *Homo sapiens* é o *Homo narrans*. Narrar é interatuar: espontânea ou reflexivamente, somos todos narradores em interação. Mas a narrativa jornalística é, ao contrário da narração privada e pessoal para cada um de nós, polifônica e pública, segundo estratégias de produção e comunicação que criam uma vasta rede de interações, dentro da qual se destaca o triângulo de *interações - personagens-autores-fontes*. (BORRAT, 2006, p. 277-278 – em tradução livre)

A equipe da revista *Brasileiros* parece ter bem clara a estratégia de narrar com base no compartilhamento de experiências, buscando no leitor também um “brasileiro de bem”. O caráter autoral também permite essa análise, já que os repórteres que produzem tais narrativas também são brasileiros de diversas idades, cores, gostos e lugares.

O contrato cognitivo estabelecido entre narradores e leitores, mencionado por Motta (2006, 2009, 2010), contém alguns aspectos dessa situação comunicativa: como o contexto físico (o veículo da comunicação), o contexto empírico; o contexto natural; o contexto prático ou ocasional; o contexto histórico; e o contexto cultural. De acordo com o autor, só a primeira situação comunicativa é material. “As demais correspondem a

conceitualizações socioculturais intersubjetivas dos interlocutores no ato empírico de fala, referem-se a um entorno cognitivo compartilhado” (MOTTA, 2010, p. 163).

Para Groth (*apud* Berger e Marocco, 2006), os produtores e consumidores de jornais e revistas têm como centro a obra e não as pessoas. O efeito dos periódicos, para Groth, está centrado na curiosidade e na necessidade humana. Portanto, além dos dados objetivos trazidos nas reportagens, as subjetividades dos repórteres de *Brasileiros* são bastante evidentes nas narrativas da revista e possibilitam uma leitura oculta, para além do publicado, conforme apontado nestas análises e retomado nas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, cabem ainda, algumas considerações finais que retomam as observações preliminares apresentadas ao longo desta dissertação. Reforço a riqueza oferecida pelos recursos da narratologia para as investigações acerca do relato jornalístico. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, ainda em consolidação no campo das pesquisas em jornalismo, mostrou-se adequada ao intuito de averiguar os sentidos que emergem das reportagens contemporâneas. Principalmente, quando tais recursos metodológicos são aplicados às narrativas de revista, que extrapolam a temporalidade efêmera de outros meios.

A partir deste estudo, pode constatar – à contramão do que defendem os apocalípticos do jornalismo – que as grandes reportagens ainda têm espaço nos veículos impressos, como no caso da revista *Brasileiros*. Se o propósito desta dissertação foi de investigar como a diversidade sociocultural brasileira é tratada nas reportagens – ao examinar como este modo de fazer jornalístico atribui sentidos à narrativa, como também ao verificar se a produção deste relato colabora com o ideal do jornalismo de ser plural e democrático – pude chegar a algumas reflexões a partir da atenção às estratégias comunicativas, à construção de personagens, ao foco narrativo e às metanarrativas que emergem dos textos.

Quanto à presença da diversidade sociocultural nas reportagens, esta se mostrou inegável, recoberta de um esforço de alteridade para com as diferentes manifestações brasileiras, seja no campo econômico, étnico, religioso ou ideológico. Homens e mulheres contam suas histórias na revista *Brasileiros*. Célebres ou anônimos dividem suas vivências a partir do relato jornalístico. A pobreza e a simplicidade têm espaço na política editorial de *Brasileiros*. O popular, o saber comum e o cotidiano anódino não são rejeitados. Pelo contrário, são valorizados nas narrativas da revista que parece considerar a diversidade de seu público leitor e de seus narradores.

Ao passo que enfatiza a diversidade sociocultural, a equipe editorial da revista tem forte engajamento político e

identificação com o governo de Lula e de Dilma, o que deixa transparente para seus leitores. Há momentos, por exemplo, em que Lula e Brasil se confundem nos relatos da revista, disseminando a ideia de que um e outro têm a mesma natureza. Este posicionamento, no entanto, pode diminuir o espaço para a controvérsia, fundamental para o exercício da democracia, no que se refere ao ideal de um jornalismo pluralista.

O foco narrativo adotado pelos jornalistas da revista demonstra grande carga autoral proporcionada pelo projeto editorial, que oferece liberdade nas formas de reportar. Vale lembrar que este veículo de abrangência nacional não segue o modelo empresarial da mídia convencional, com funções específicas para dono da empresa, diretor de redação e repórter, por exemplo. Na revista *Brasileiros*, estes papéis são exercidos, simultaneamente, pelas mesmas pessoas, já que o empreendimento foi criado por “um grupo de amigos que gostam de gastar as solas de sapatos em busca de boas histórias”.

Para isso, contam com estratégias de narração para a construção de efeitos de real e efeitos poéticos, que visam à construção de personagens complexos, presentes na contemporaneidade. Fica nítida a liberdade nos modos de reportar. Cornu (1999) estabelece proximidades entre a deontologia e a liberdade: “Para o jornalista, a liberdade é uma preliminar à sua ética, ao mesmo tempo que a sua ética o conduz a considerar a liberdade da informação e, mais geralmente, a liberdade dos outros, direito fundamental, como um valor que lhe incumbe afirmar” (p. 132).

As singularidades de cada entrevistado são trazidas não apenas como recurso estético, mas de compreensão da diversidade humana. Para Medina (2003), a reportagem pode assim contribuir para amplificar visões e situações que até então se encontravam invisíveis do grande público, pode “descobrir essa trama dos que não têm voz, (...) recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional” (p. 52). Tais marcas pessoais dos entrevistados não são evidenciadas como exóticas, buscando o sensacionalismo, mas extraordinárias, dotando a simplicidade de cada personagem com um adorno especial, seja ele famoso ou desconhecido. Os repórteres humanizam seus relatos,



com disposição a ouvirem o outro de forma aberta, sem desconsiderar o que lhes oferecem em contexto: os cheiros, os ambientes, as entonações, as sensações. Desse modo, além dos dados objetivos, as subjetividades dos repórteres e de seus entrevistados também constroem a tessitura das reportagens.

As narrativas da revista *Brasileiros* demonstram, ainda, uma tentativa de articulação entre o local e o global, considerada essencial para a interculturalidade, conforme García Canclini (2009). Um peso excessivo do global reduz a descrições genéricas, o que exigiria uma análise mais complexa das particularidades de uma determinada sociedade, segundo Fontcuberta (2006), pois elimina âmbitos informativos necessários para a compreensão dos acontecimentos mais próximos, e tende a confundir estereótipo com interpretação. Já um conceito limitado do local, como define a autora, impede estabelecer a perspectiva necessária que articule os distintos contextos que se movem os acontecimentos reportados. Isso é perceptível nas reportagens sobre mudanças ocorridas na vida dos brasileiros, bem como em relatos sobre diversidade étnica e religiosa. Há um equilíbrio entre o velho e o novo, a valorização da memória e o anseio de transformação.

A ênfase dada pela equipe da revista *Brasileiros* à adoção de reportagens de perfil pode ser compreendida quando analisadas as estratégias comunicativas e as metanarrativas presentes nas reportagens investigadas. A política editorial do veículo visa criar empatia, uma das características mais marcantes da estética do perfil, como já destacou Vilas-Boas (2003). Mais que informações, esse tipo de relato serve para compartilhar experiências. Silverstone (2002) sustenta que as pessoas precisam da mídia para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança. “Para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades das experiências” (p. 12). Afinal, as narrativas são formas de experimentação da realidade social.

Tais experiências expostas por meio das reportagens da revista *Brasileiros* demonstram um entendimento da equipe sobre um perfil ideal de cidadão brasileiro, com valores compartilhados. Também estão presentes os relatos sobre coisas boas da vida, transcendências e conquistas. Para a equipe da revista, merecem

destaque as narrativas de brasileiros trabalhadores, participativos, criativos, batalhadores, sonhadores, felizes, de atitudes simples. Os personagens são, portanto, construídos como heróis, servem como símbolos, exemplos a serem seguidos.

Nesta perspectiva concordo com Motta (2010), para quem as fábulas contadas e recontadas pelo jornalismo revelam os sentidos mais profundos que habitam metanarrativas culturais mais ou menos integrais: o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante.

Por outro lado, o compartilhamento de um padrão ideal de cidadão também pode, contraditoriamente, demonstrar que a revista busca personagens plurais, mas acaba oferecendo um relato único, uníssono. Ao selecionar e construir um modelo, pode estimular a conformação aos moldes e o espaço para a diferença poderia ser abalado.

Além disso, embora o conjunto de textos jornalísticos da revista evidencie uma simplicidade exemplar – por meio da escolha de seus personagens – o conjunto de textos publicitários e a coluna *Brasileiros recomenda* (que não foram foco da análise, mas puderam ser observados na leitura atenta dos exemplares que constituíram o *corpus*) demonstra exatamente o inverso. A publicidade publicada na revista *Brasileiros* mostra o luxo, a riqueza, o supérfluo e a ostentação. Propaga, também, um modelo de consumidor, e estimula o consumo de bens e serviços, já que integra os moldes da sociedade capitalista.

Outro ponto importante a ser destacado é a incongruência entre as capas e a integralidade das edições. Externamente, evidencia-se o célebre; internamente, o espaço maior é dado aos anônimos, sempre com enfoque às suas experiências partilháveis. Neste ponto a estratégia comercial também pode definir as razões para tal contradição, já que a capa é o que vende a revista. Será que o leitor, que na maioria das vezes pertence ao grupo dos anônimos, levaria para casa uma publicação que estampa na capa um desconhecido? Ainda que possa se supor que o leitor se identifique mais com o anônimo, talvez prefira, em primeiro momento,

conhecer a experiência dos famosos, para, somente então, entregar-se às histórias de gente comum. Rincón (2006) salienta que o jornalista busca encontrar a narrativa da existência, falar sobre a vida cotidiana e contar sobre a gente comum, ganhar relato, histórias, detalhes e experiências universais que fazem parte do mundo e da vida.

Motta (2009) ressalta que as narrativas proliferam hoje na mídia mais que qualquer outro ambiente: no jornalismo, telenovelas, filmes, talk-shows, blogs. De acordo com o autor, isso ocorre porque elas oferecem uma versão coerente para a complexidade da vida, da política, da economia, das tragédias e comédias da vida humana. Dessa forma, embora Benjamin (1980) tenha indicado na primeira metade do século XX a pobreza de experiência ocasionada pelas transformações ocorridas naquela época, é possível destacar que algumas reportagens da atualidade dão espaço para o compartilhamento de sentidos. Principalmente quando são narrativas completas, construídas a partir de conflitos, personagens, narradores e fundos morais. Portanto, as narrativas jornalísticas continuam marcando, mesmo que muitas vezes de forma incompleta, a experiência temporal humana.

A partir destas constatações, busca-se manter uma postura crítica pois, como enfatiza Moretzsohn (2007), é preciso discutir a importância de se pensar contra os fatos, a fim de apreendê-los em sua complexidade, contrariando o processo de naturalização que nos faz aceitá-los sem considerar outras possibilidades.

Portanto, a análise das reportagens da revista *Brasileiros* me permitiu conhecer um projeto jornalístico com forte engajamento político, com ambiguidades acerca de um entendimento sobre o desenvolvimento socioeconômico equitativo, mas que também está preocupado com o cotidiano dos brasileiros, em mostrar a diversificada essência destes mais de 190 milhões de pessoas. Mesmo com contradições em seu projeto editorial, a equipe da revista *Brasileiros* mostra-se inserida no esforço de manter a prática do jornalismo, aquele da boa e velha reportagem, nestes tempos dinâmicos e fragmentados da narrativa jornalística.



## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas** – Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Tradução: Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 2005.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, Magia, Cotidiano**. Canoas: Ulbra, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI/ Cátedra UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/ Edições Omnia, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In *Magia e técnica, arte e política*. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **O narrador** – Observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In *Textos escolhidos* [Vários autores]. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BERGER, Christa; e MAROCCO, Beatriz (Orgs). **A Era Glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BERGER, Peter L; e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 20ª edição. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2001.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. **Mito, registro e histórias: explorando as qualidades narrativas das notícias**. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: A ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 9ª edição. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escritura, 2002.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Por um jornalismo de pé no chão**. Disponível em: [www.comunique-se.com.br](http://www.comunique-se.com.br), Acesso em: 12 fev. 2004.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária – Uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_. **Relativizando, uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Casa e a Rua - Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. São Paulo: Summus, 2009.

FENAJ - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, Vitória, ES, 2007. Disponível em: [http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso em: 21 maio 2012.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. **Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción**. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

FREIRE, Paulo. **O Compromisso do profissional com a sociedade.** In Educação e mudança. 10ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2ª edição. São Paulo: EDUSP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. 3ª impressão. Porto Alegre: Ortiz, 1997.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses:** ensaios de Teoria do Jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del Periodismo – cómo se forma el presente.** Barcelona: Paidós, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al.]. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. 2009.

HENRIQUES, Maria José Rizzi; FORMENTÃO, Francismar. **Diálogos entre cidadania e a comunicação jornalística:** um percurso metodológico. In: Anais eletrônicos da V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, PR, 2009. Acesso em: 15 fev. 2010.

HUDEC, Vladimir. **O que é jornalismo?** Tradução de Maria Manuel Ricardo. Lisboa: Editorial Caminho, 1980.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont, 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KOTSCHO, Ricardo. **Do golpe ao Planalto** — Uma vida de repórter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo: Uma Opção**. In: Comunicação & Educação, Edição 141, p. 97 a 102. Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, Jan./Abr. 1999. Disponível em:

<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4420/4142>>. Acesso em: 23 maio 2012.

LAGE, Nilson. **A Reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24ª edição. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

LEITE, Ligia Chiappini. **O foco narrativo** (ou A polêmica em torno da ilusão). São Paulo: Ática, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Tradução Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis: Vozes, 1993.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MAIA, Marta Regina. **Os diversos Brasileiros em revista**. In: Anais eletrônicos do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em:

<[http://sbpjour.-kamotini.-kinghost.-net/-sbpjour/-admjour/-arquivos/-marta\\_regina\\_mai-a.-pdf](http://sbpjour.-kamotini.-kinghost.-net/-sbpjour/-admjour/-arquivos/-marta_regina_mai-a.-pdf)>. Acesso em: 28 set. 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo - A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização Comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis de (org.). Por uma



outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói:** A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo. In: Anais eletrônicos da Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. Disponível em [www.intercom.com.br](http://www.intercom.com.br). Acesso em: 12 mar. 2012.

MAZINI, André Giulliano. **A estética autoral da narrativa jornalística contemporânea:** Histórias de *Brasileiros*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP - Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 2010.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente.** Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ciência e jornalismo** – Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

\_\_\_\_\_. **Entrevista** – o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. **Notícia:** um produto à venda. São Paulo: Summus, 1988.

\_\_\_\_\_. **O signo da relação:** Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo.** Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos** – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** In LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. (orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A narrativa mediada e a permanência da tradição:** percurso de um anti-herói brasileiro. In: Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 38, 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/6700>>. Acesso em: 2 maio 2012.

\_\_\_\_\_. **Jogos de linguagem e efeitos de sentido da comunicação jornalística.** In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. I, Nº 2, 2004a. Disponível em: <[www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/.../2077/1819](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/.../2077/1819)>. Acesso em: 30 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. **Narrativa jornalística e conhecimento imediato de mundo:** construção cognitiva da história do presente. In Revista Comunicação & Política, v.24, nº3, 2006, Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. Disponível em: <[www.cebela.org.br/imagens/.../1ART02%20Luiz%20Gonzaga.pdf](http://www.cebela.org.br/imagens/.../1ART02%20Luiz%20Gonzaga.pdf)>. Acesso em: 3 maio 2012.

\_\_\_\_\_. **Narrativas:** representação, instituição ou experimentação da realidade? In: Anais eletrônicos do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPjor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/luiz\\_gonzaga\\_motta.pdf](http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/luiz_gonzaga_motta.pdf)>. Acesso em: 3 maio 2012.

\_\_\_\_\_; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. **Notícia e construção de sentidos:** análise da narrativa jornalística. In Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, nº2, 2004b. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/868/650>>. Acesso em: 28 set. 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martin Fontes, 1996.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias** - Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: PosJor UFSC/Insular, 2005.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1998.

REUTER, Yves: **A análise da narrativa**: O texto, a ficção e a narração. Tradução Mario Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** - Tomo I. São Paulo: Papirus, 1994.

RINCÓN, Omar. **Narrativas mediáticas**. Barcelona: Gedisa, 2006.

RUSSELL, Bertrand. **Ética e política na sociedade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Para além do pensamento abissal**: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, Coimbra: 2007. Disponível em <[http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147\\_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal\\_RCCS78.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_RCCS78.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2012.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**. 2ª edição. São Paulo. Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro (Org). **Jornalismo, História, Teoria e Metodologia**: Perspectivas luso-brasileiras. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – Volume 1 – Porque as notícias são como são. 2ª edição. Florianópolis: Insular, 2004.

TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e Diversidade** – O sujeito democrático. Tradução Modesto Florenzano. Bauru, São Paulo: Edusc, 1998.

UNESCO - DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL. Adotada na Conferência Geral da Unesco, realizada em Paris, em 2001. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 18 out. 2011.

VÉRON, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

VOGEL, Daisi Irmgard. **Bom jornalismo, histórias bem contadas**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia, Revista do Programa de Mestrado em Jornalismo da UFSC. Volume 8, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/21091>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Tradução Daniel Grassi. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Tradução Viviane Ribeiro. 2ª edição. Bauru: Edusc, 2003.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Coordenação de Dione Oliveira Moura. Tradução Zélia Leal Adghirni Imprensa. Brasília: UnB, 2004.

**Reportagens analisadas na revista *Brasileiros***

*Brasileiros*, edição 42, de janeiro de 2011, *Garoto bom*

*Brasileiros*, edição 19, de fevereiro de 2009, “*Waliperi Iapidza Ideenhikheti*”

*Brasileiros*, edição 19, de fevereiro de 2009, *A voz do povo*

*Brasileiros*, edição 8, de março de 2008, *Em busca do Sertão de Rosa*

*Brasileiros*, edição 8, de março de 2008, *O monge da notícia*

*Brasileiros*, edição 33, abril de 2010, *A saga da candanga Luiza*

*Brasileiros*, edição 46, de maio de 2010, *A batalha do voo 1907*

*Brasileiros*, edição 11, de junho de 2008, *O último carro de boi*

*Brasileiros*, edição 11, de junho de 2008, *Ruy Castro entrevista Bellini, o grande capitão de 58*

*Brasileiros*, edição 1, de julho de 2007, *Viagem ao nosso Texas*

*Brasileiros*, edição 25, de agosto de 2009, *Bondosa Maria Izabel*

*Brasileiros*, edição 38, de setembro de 2010, *As sete vidas do doutor Drauzio*

*Brasileiros*, edição 39, de outubro de 2010, *Alunos de classe*

*Brasileiros*, edição 5, de novembro de 2007, *Retratos de um Brasil não-cristão*

*Brasileiros*, edição 5, de novembro de 2007, *A diarista*

*Brasileiros*, edição 41, de dezembro de 2010, *Lula em ritmo de despedida*